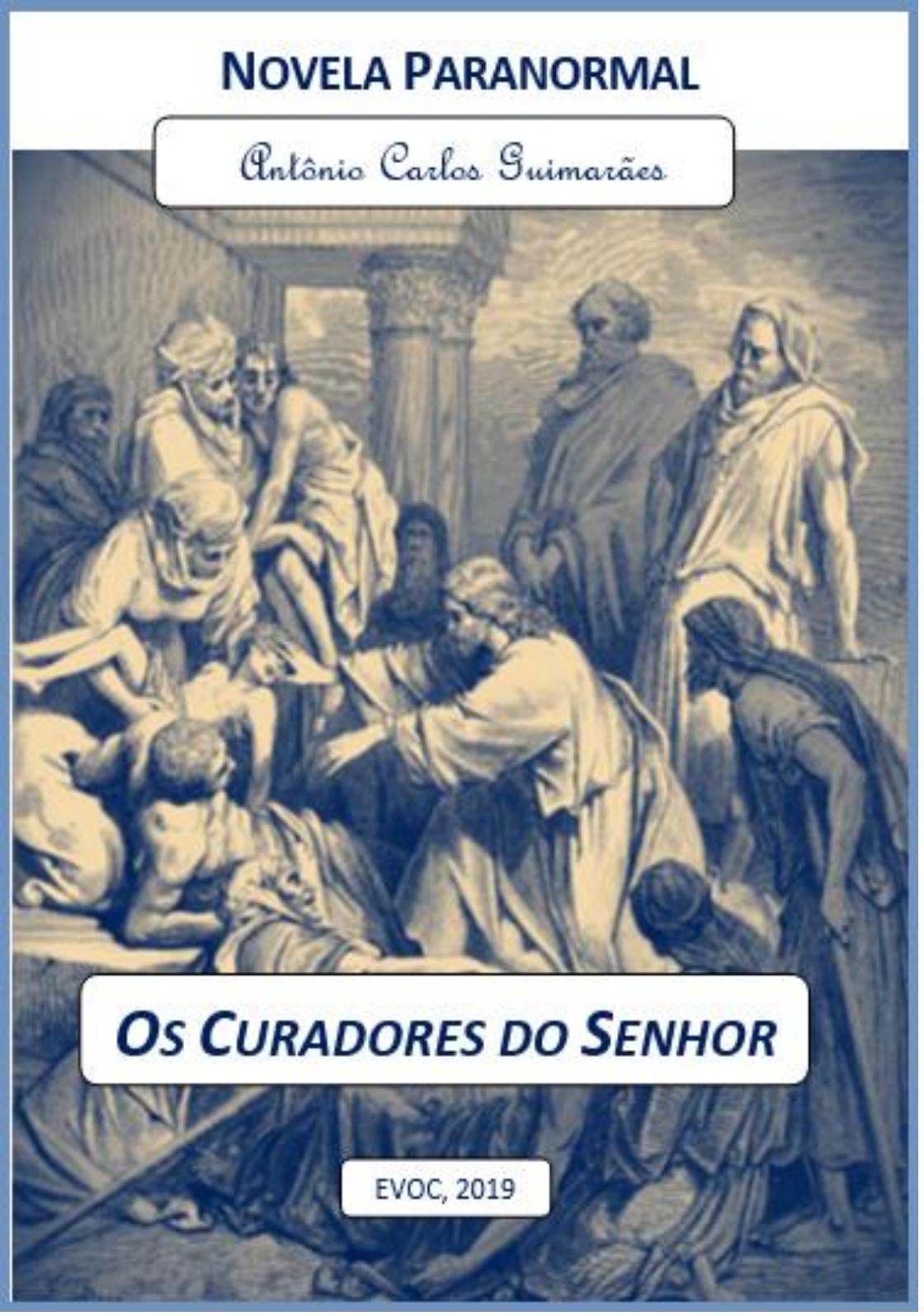


NOVELA PARANORMAL

Antônio Carlos Guimarães



Os CURADORES DO SENHOR

EVOC, 2019

ANTÔNIO CARLOS GUIMARÃES

*Os Curadores
do Senhor*

EVOC – 2019

Os Curadores do Senhor

Antônio Carlos Guimarães

Data da publicação: 27/02/2019

CAPA: Antônio Carlos Guimarães

REVISÃO: Astolfo Olegário Oliveira Filho

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245 – CEP

86015-430 Fone: (43) 3343-2000

<http://www.oconsolador.com.br>

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

G963c	Guimarães, Antônio Carlos Os curadores do senhor / Antônio Carlos Guimarães; revisão de Astolfo Olegário de Oliveira Filho; capa Gustave Doré. - Londrina, PR : EVOC, 2019. 210 p. ; il. 1. Literatura espírita. 2. Espiritismo. I. Oliveira Filho, Astolfo Olegário. II. Doré, Gustave. III. Título. CDD 133.9 19.ed.
-------	---

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Transcrições: *As relativas à Revista Espírita foram extraídas da edição da FEB, na tradução de Evandro Noletto Bezerra.*

Traduções: *Sonnets from the Portuguese, Soneto 43, Manuel Bandeira - Cântico dos Cânticos, Paulo Mendes Campos.*

Fotos e gravuras: *Lambari, MG (do autor) - Demais Wikipedia.*

As notas de rodapé, quando não identificadas, são do Autor.

Esta novela é uma invenção do Autor.

Assim também, afóra fatos sabidamente históricos, eventuais menções ou citações de passagens, nomes, instituições e pessoas reais, em meio à trama romanesca, são fictícias.

OS CURADORES DO SENHOR

NOVELA PARANORMAL
UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

PRIMEIRA PARTE

Os Curadores do Senhor

1. Um pesquisador do paranormal - **19**
2. Riqueza e beneficência - **23**
3. A Curandeira do *Matungo* - **27**
4. Uma vocação humanista - **33**
5. O passado no presente - **39**
6. Uma entrevista - **43**
7. Encontro com Padre Benedito - **53**
8. Curas espirituais no *Matungo* - **61**
9. Doenças do corpo e da alma - **65**
10. O perdão e a cura - **71**
11. O Curandeiro Divino - **75**
12. Um passeio ao passado - **81**
13. Ciência Espírita - **85**
14. Um almoço fraterno - **91**
15. As tentações do bolso - **97**
16. Um presente de aniversário - **107**
17. Uma vida na farmácia - **113**
18. Hipócrates e Galeno no *Alto do Matungo* - **119**
19. Um fogo que veio do céu? - **127**
20. Uma noite, um encontro - **131**
21. As tarefas do Cristo - **135**
22. De volta ao *Alto do Matungo* - **143**

SEGUNDA PARTE

Allan Kardec e uma médium curadora

1. *Désirée Godu*, uma médium de curas - **153**
2. Médico acompanha trabalhos de *Désirée Godu* - **161**
3. As curas produzidas por *Désirée Godu* - **165**
4. Relatos de curas de *Désirée Godu* - **171**
5. Documentação das curas de *Désirée Godu* - **175**
6. Os procedimentos de cura de *Désirée Godu* - **179**
7. Perdeu-se a médium *Désirée Godu*? - **183**

ADENDA

TEXTOS PARA REFLEXÃO

GLOSSÁRIO

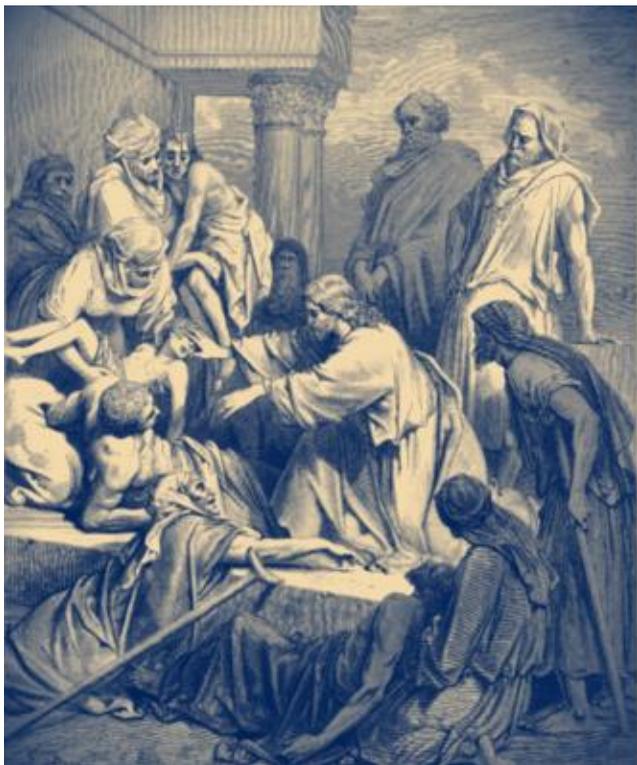
LITERATURA INSPIRADORA

OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE A AGUINHAS ANTIGA

AUTOR

Os Curadores do Senhor

Jesus curando os enfermos, de G. Doré



É onde quer que ele entrava, fosse nas aldeias, ou nos casarios, ou nas cidades, punham os enfermos no meio das praças, e pediam-lhe que os deixasse tocar pelo menos a orla do seu vestido, e todos os que nele tocaram, saravam. (Mc 6,56)

Os Curadores do Senhor

NOVELA PARANORMAL¹

Demonstrando que esses fenômenos repousam em leis naturais (...) o Espiritismo destrói o império do maravilhoso e do sobrenatural e, por conseguinte, a fonte da maior parte das superstições.

(A. KARDEC. *A Gênese*, I, 40)

I – Os poderes secretos do homem são naturais; II – Os poderes secretos do homem são dons de Deus; III – O sobrenatural é natural; IV – Uma novela de fundo espírita

I – OS PODERES SECRETOS DO HOMEM SÃO NATURAIS

Os PODERES SECRETOS atribuídos a certos homens, magos ou deuses foram objeto, desde sempre, de mistérios, medos e superstições, até que as pesquisas do paranormal, iniciadas no Século XIX por Allan Kardec, lançaram luz definitiva sobre a questão.

Com efeito, o Codificador lecionou, em síntese, que o Universo criado por Deus se resume à TRINDADE UNIVERSAL: DEUS (Inteligência Suprema e Causa Primária de Todas as Coisas), o PRINCÍPIO INTELIGENTE (Espírito) e o PRINCÍPIO MATERIAL (O Fluido Cósmico Universal).

O PRINCÍPIO INTELIGENTE organiza a matéria atuando sobre a energia primitiva (Fluido) e a alma nas várias formas de vida vegetal e animal. Tempos e tempos depois, o PRINCÍPIO INTELIGENTE sofre uma transformação e se torna ESPÍRITO. É então que começa para ele o período da humanidade.² E esses ESPÍRITOS – inicialmente, simples e ignorantes – são postos a crescer espiritualmente em diversos mundos materiais, e,

¹ Sobre esse tema, vejam-se os prefácios das obras de José Herculano Pires, da série FICÇÃO CIENTÍFICA PARANORMAL: *Adão e Eva*, 1977; *O menino e o anjo*, 1977; *O túnel das almas*, 1978; e *Metró para o outro mundo*, 1978.

² KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, de 1857. *Questões 190, 607, 607a, 607b*.

depois, em outros mundos mais evoluídos, numa lenta jornada de vidas sucessivas. Nesse processo, situam-se ora ENCARNADOS nos mundos materiais, ora DESENCARNADOS nos mundos espirituais, havendo ESPÍRITOS e MUNDOS, mais ou menos evoluídos.

Assim, Deus não criou seres iluminados – ANJOS – nem diabólicos – DEMÔNIOS. Esses últimos são apenas ESPÍRITOS que se obstinam no MAL e atrasam sua evolução. Tornam-se ANJOS os ESPÍRITOS que perseveram no BEM e evoluem até a perfeição.

De um modo geral, os DESENCARNADOS são invisíveis, mas, sob certas condições, podem atuar nos mundos materiais. Assim também os ENCARNADOS, por meio do seu PERISPÍRITO, podem agir nos mundos espirituais.

II - OS PODERES SECRETOS DO HOMEM SÃO DONS DE DEUS

Dois elementos, ou, se quiserem, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material. Da ação simultânea desses dois princípios resultam fenômenos especiais, que se tornam naturalmente explicáveis.

(KARDEC. *A Gênese*, Introdução)

Vista assim a questão, podemos verificar que os supostos PODERES SECRETOS a que nos referimos linhas atrás, que figuram nas práticas mágicas, narrações mitológicas e crenças religiosas de povos antigos, são, na verdade, um atributo do ESPÍRITO HUMANO, uma faculdade generalizada, que se apresenta em diversos graus, conforme a evolução espiritual das criaturas.

São, em resumo, os DONS ESPIRITUAIS de que fala o Apóstolo Paulo.³ A essa faculdade, Kardec chamou-a MEDIUNIDADE, e, aos que a possuem em grau ostensivo, de MÉDIUNS.⁴ Segundo o prof. Herculano Pires, a MEDIUNIDADE constitui a mais refinada conquista da evolução, que marca o homem com o endereço angélico.⁵

III – O SOBRENATURAL É NATURAL

Não é do sobrenatural que necessitam as religiões, mas do princípio espiritual, que elas confundem, erradamente, com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível.

(A. KARDEC. *A Gênese*, XIII, 18)

A COSMOGONIA ESPÍRITA, examinada aqui, resumidamente, na linguagem simples e no molde didático de Kardec, põe fim aos mistérios, às superstições, às mitologias, e o MUNDO SOBRENATURAL se torna natural e compreensível a toda criatura humana. Esse conhecimento nos possibilita uma nova e clara concepção do mundo e da vida, e desdobra-nos o infinito da VIDA ESPIRITUAL – gênese e destinação de todo SER HUMANO encarnado na Terra.

Em conclusão, podemos afirmar que não há PODER SECRETO fora ou além do HOMEM. Assim, os fenômenos mágicos, miraculosos

³ | Epístola de Paulo aos Coríntios, cap. 12.

⁴ Registre-se que “a alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de espírito”. (A. KARDEC. *O Livro dos Médiuns*. Cap. XIX, nº 223.)

E que, quanto aos **médiuns curadores**, isto é, os que têm o poder de curar ou de aliviar o enfermo pela imposição das mãos ou da prece, Kardec esclarece que esta faculdade “não é essencialmente mediúnica; ela pertence a todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não; muitas vezes, ela é apenas uma exaltação do poder magnético fortalecido, em caso de necessidade, pelo concurso de bons Espíritos.” (A. KARDEC. *O Livro dos Médiuns*. Cap. XIV, nº 189.)

⁵ PIRES, J. Herculano. *Mediunidade*. São Paulo : Edicel, 2ª. edição, 1979, p. 94.

ou prodigiosos de todos os tempos, produzidos para o BEM ou para o MAL, neste mundo ou em outros, sempre foram e serão obras do ESPÍRITO HUMANO CRIADO POR DEUS, devendo-se notar que os ESPÍRITOS podem situar-se num estádio primitivo ou num plano angélico – pontos inicial e final do processo evolutivo do ESPÍRITO IMORTAL.

IV - UMA NOVELA DE FUNDO ESPÍRITA

Para ser verdadeiro, o Romance deve se ater, em qualquer gênero, à verossimilhança.

Do contrário, se transforma em fábula, nega o seu caráter e as suas funções cognoscitivas, perde-se na irrealidade.

(J. HERCULANO PIRES. *A técnica substitui a mística*)

Na perspectiva descrita linhas acima, qual seja a da FILOSOFIA ESPÍRITA, é que procuramos situar esta NOVELA PARANORMAL, objetivando conferir-lhe, de um lado, a VEROSSIMILHANÇA – sem o que poderemos cair no FABULÁRIO (abastardamento da fabulação) ou perder-nos na FANTASIA ou na IRREALIDADE ONÍRICA, conforme a lição do professor Herculano Pires.⁶ E de outro, a FIDELIDADE DOUTRINÁRIA, compromisso de quem se propõe a escrever sobre temas do Espiritismo.

Desse modo é que a estrutura romanesca de *OS CURADORES DO SENHOR* palmeia sobre pontos doutrinários do Espiritismo, a cada dia confirmados, nos aspectos fundamentais, pelas descobertas e avanços das Ciências Psíquicas.

Uma que outra liberdade ficcional fora desse esquadro deve ser creditada às possibilidades e necessidades da *Literatura*. Pois,

⁶ PIRES, J. Herculano. *A técnica substitui a mística*. In *Metrô para outro mundo*. São Paulo : Edicel, 1ª. edição, 1981.

Os Curadores do Senhor

como se sabe, essa exigente e geniosa *Deusa*, reclama, para fazer-se lida, sentida e apreendida, ora uma carga de *emoção*, ora um arranjo *estético*, ora uma *linguagem* figurada, ora até mesmo certas *invenções*, tudo isso para tentar seduzir o seu máximo destinatário – o leitor.

Os Curadores do Senhor

UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Não é este, finalmente, o propósito da escrita? Vencer o esquecimento.

(ISABEL ALLENDE, escritora chilena)

ERA UMA TARDE gostosa e ensolarada de fins de maio de 1970, eu, então um jovem aprendiz, estava na porta da farmácia, num dia de pouco movimento, quando vi um homem espigado, grisalho, portando óculos verde-claros, atravessar a Rua Direita e tomar a minha direção dizendo: “Lembra-se de mim, filho?” Olhei bem, puxei pela memória, mas não o reconheci. “Ah, tudo bem, faz muito tempo.” E continuou: “E você, está estudando farmácia?” Balancei a cabeça negativamente, estranhando que ele soubesse desse particular da minha vida. “O que você estuda, então?”, perguntou. “Contabilidade”, respondi, quero ser contador.” “Contador de números ou de histórias?”, ele tornou num tom brincalhão. “Ah, de números, só sei contar números, histórias quem sabe é meu avô”, respondi. “Aí é que você se engana, preste bastante atenção a seu avô, pois um dia poderá ser também um contador de histórias”. Parou por instante, ficou pensativo, e vi que entristecera um pouco. E rematou: “Estou vindo do *Alto do Matungo*, sabe? Hoje é só um lugar abandonado, coberto de mato e tristeza.” A seguir, o homem entrou e perguntou pelo meu tio – tratava-se de Oliveros Lião, do *Laboratório Lionês*.

Os dois passaram a um reservado para conversar, e eu fiquei por perto assuntando. Falavam sobre as causas do sumiço de Oliveros, que há tempos não fazia a praça de Aguinhas, e vi que o viajante mostrou ao meu tio um grosso envelope fechado por elásticos, e disse: “Acho que aqui tem uma boa história, eu estou tentando contá-la, rabisquei muitas páginas, mas não terminei. É sobre uns acontecimentos aqui da sua terra, seu João.” Tive que me afastar para atender a um cliente, e deixei-os a conversar animadamente. Quando retornei, Lião, já saindo da farmácia, me cumprimentou

dizendo: “Foi um prazer revê-lo, quando eu o conheci era só um menino-aprendiz de ‘farmaceiro’. Já me despedi de seu tio. Fica com Deus, tenho pressa, preciso chegar hoje, sem falta, ao Rio de Janeiro”. E saiu a passos largos em direção a um fusca verde, estacionado no final da rua. Minutos depois, quando passei pelo reservado, vi que esquecera o “envelope com sua história.” Avisei meu tio, mas já era tarde, o homem tinha ido embora. E tio João me disse: “Anote o nome e a data de hoje e guarde na gaveta do escritório, que ele deve voltar para buscar o embrulho”.

Durante muito tempo, esse material ficou na farmácia, ora numa gaveta, ora por sobre um armário, sem que seu dono retornasse. Ao que parece, o *Laboratório Lionês* fechara e o Oliveros nunca mais passou por Aguinhas. E em dezembro daquele ano eu deixei a farmácia para trabalhar no escritório da fábrica de vasilhames da *ABI*.

E lá um belo dia do mês de maio de 2012, eu, já aposentado, passeando por Aguinhas para rever parentes, dobrei a esquina em que, no meu tempo de menino, havia uma farmácia, na qual trabalhei. E a primeira cena que me veio à mente foi a daquela tarde de maio de 1970. Fiquei intrigado, pois já passara tantas vezes ali e nunca me lembrara disso. E aquilo me tomou a forma de um aviso, já que à noite revi em sonho o representante do *Lionês*, que esquecera um envelope na farmácia há mais de quarenta anos! No dia seguinte, comentei o sonho com meu tio: “Que coincidência, Guima! Pois ontem, ajeitando a velharia lá do porão, eu vi esse envelope, acredita?! Quando a farmácia se mudou – lembra? –, ‘cê não trabalhava mais lá, mas deve de lembrar – levei pra casa esse envelope. E nunca abri, ficou lá esses anos, servindo de comida pra traça e rato.”

E assim foi que retomei aquele material, empoeirado pela ação do tempo, roído de traças, cheirando a mofo, que misteriosamente

Os Curadores do Senhor

ficou tanto tempo nos *guardados-que-a-gente-vai-juntando-juntando-juntando- pra- ver- se- um- dia- haverá- de- ter- qualquer- serventia- mas-nunca-têm* do porão da casa de meu tio.

Mas não havia uma história, apenas anotações, fichas, fotos, recortes de jornais e revistas, pequenas memórias. Encontrei anotações assinadas, outras não; a maioria datada. Pelo tipo de letra (quase indecifrável era a do médico Odamil Cezarino; mais elaborada, a do farmacêutico Oliveros Lião), pude separar as autorias dos textos. E então foi que li, anotei e ordenei o material, procurando dar-lhe uma sequência lógica e temporal.

Tratava-se de “materiais de memória” sobre uma curandeira que muitos anos atrás vivera em Aguiinhas e desencarnara em 1966. E eu me lembrava de alguns lances de sua vida.

Então, fiquei tentado a contar aquela história, pois, há cerca de três anos, por insistência de meu avô “contador de causos” (há muito no mundo espiritual) eu escrevera um livro⁷, depois outro⁸, narrando modestas histórias de minha infância e de minha família. Era, pois, uma boa oportunidade para tentar escrever um terceiro – sentia que de algum modo eu estava ligado à história, além do que conhecia algumas daquelas ocorrências, de outros fatos fora testemunha, e alguns outros acontecimentos ocorreram comigo, como se verá.

Assim foi que, daquele envelope, extraí a história que se vai ler.

Para elaborar a narrativa que consta da **PRIMEIRA PARTE**, selecionei o material que julguei útil para contar a história, guardei parte dele e aproveitei alguns trechos e páginas que já estavam escritos; outras partes desenvolvi com base na

⁷ Menino-Serelepe – um antigo menino levado contando vantagem

⁸ Abigail [Mediunidade e redenção]

documentação que encontrei. Certos passos que revi ou escrevi certamente receberam meu estilo ou impressão pessoais, haja vista que conhecia pela rama parte dessa história, bem como tive de pesquisar – ou confirmar ou complementar – algumas anotações e informações soltas que encontrei. Meu tio João me ajudou muito nesse aspecto.

E, para compor a **SEGUNDA PARTE**, aproveitei na íntegra uma série de artigos publicados por Odamil Cezarino sobre a médium **DÉSIRÉE GODU**, cujas extraordinárias faculdades de cura foram estudadas por Allan Kardec nas páginas memoráveis da *Revue Spirite (RS)*.

Fiz o melhor que pude, espero não decepcioná-lo, caro leitor, nem aos doutores Cezarino e Lião, os quais nunca mais eu vi, mas que são os verdadeiros autores desta narrativa.

Aguinhas, Natal de 2012.
Guimarães

Os Curadores do Senhor

Os Curadores do Senhor

*Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito na
verdade está pronto, mas a carne é fraca.
Mateus 26,41*

Os Curadores do Senhor

PRIMEIRA PARTE

OS CURADORES DO SENHOR

1 – UM PESQUISADOR DO PARANORMAL

A Ciência Espírita necessita de escolas, de Universidades, de bibliografias especializadas. Não pode contar com os recursos comuns da simonia.

(HERCULANO PIRES. *Ciência Espírita*)

Aguinhas, MG, numa tarde de março de 1961

– *ÔJI É QUARTAFÊRA, ela num atendi não!* – foi a resposta que a mocinha deu quando o homem perguntou pela curandeira. – *Num fala cum ninguém, ‘tá in ritiro* – completou.

Odamil Cezarino chegara ao *Alto do Matungo* seguindo orientação que dias antes lhe dera um menino, numa farmácia de Aguinhas. O pequeno fora minucioso:

– *Daqui até na casa da dona Afonsina o senhor leva uma hora no jipe, hora e meia no cavalo, duas na charrete ou quatro no sapatão.*

E assim, num verão quente e chuvoso do início dos anos sessenta, gastara hora e meia pela estradinha de terra sinuosa, esburacada e lamacentas que margeava e depois subia quase toda a *Serra das Águas*. Dirigira cuidadosamente naquele trecho acidentado, em razão dos aparelhos e equipamentos que transportava. Mas Cezarino não perderia a viagem, experimentado que era com excursões e pesquisas de campo, e logo se pôs a examinar o local e a conversar com pessoas que

chegavam desavisadas como ele e outros que ali já se encontravam, oriundos de toda a parte, à espera de milagres e curas. E, a um jovem mais despachado e mandão, que recebia e orientava severamente os que apresentavam – que mais tarde se identificou como Benevides, enteado da curandeira –, pediu permissão para acomodar suas tralhas sob um abrigo de sapé improvisado e explorar e fotografar as instalações do pequeno sítio. Autorizado, passou a coletar água e restos de comida para exames; a medir e riscar a planta baixa das construções; a entrevistar os locais e os peregrinos, visando à preparação de um dossiê de pesquisa.

Tratava-se de um homem simpático e bem apanhado, de estatura mediana, corpulento, ombros largos, de olhos vivos e penetrantes, armados de pequenos óculos redondos, e ainda bastante forte e ágil para os mais de cinquenta anos que aparentava. E ele tinha experiência para aquelas tarefas, pois era médico e professor universitário, além de pesquisador e estudioso de assuntos metapsíquicos, especialmente das curas paranormais. Trabalhava para o *Instituto Davi Maio-Knuper*, entidade beneficente que financiava pesquisas e projetos de engenharia alimentar, cura do câncer e estudos metapsíquicos de fenômenos insólitos e curas paranormais.

Em seus estudos, interessou-se por médiuns famosos como Chico Xavier e José Arigó, e também por curadores da seara católica, como Padre Antônio Pinto, Padre Donizetti e Padre Eustáquio. E não só pelos atuais, como também por médiuns do passado, como os casos de Eurípedes Barsanulfo, Ana Prado, Padre Zabeu, Nhá Chica e Padre Francisco de Paula Vítor, entre os mais destacados. Um ponto curioso, que sempre o intrigara, é o fato de Minas Gerais – seu estado natal – ser um celeiro de grandes médiuns. Dos acima citados, somente Ana Prado, Padre Zabeu, Padre Pinto e Padre Eustáquio não são mineiros, mas esses dois

Os Curadores do Senhor

últimos desenvolveram atividades missionárias em território mineiro.⁹

Assim, percorria o País à cata de “curandeiros”, para estudar-lhes a origem, a faculdade, os métodos de trabalho, as entidades manifestantes, a medicação, as curas que eventualmente produziam, e também aspectos familiares, religiosos e sociológicos que a atividade envolvia.

⁹ Nota do Editor: Respectivamente: Rio Casca, Santo Antônio do Grama, Ipanema, Abre Campo, São Sebastião do Grotá e Urucânia. E Romaria (Antiga *Água Suja*), Ibiá, Belo Horizonte.

Os Curadores do Senhor

2 – RIQUEZA E BENEFICÊNCIA

A beneficência é apenas um modo de empregar-se a riqueza; ela alivia a miséria atual, aplaca a fome, preserva do frio e proporciona abrigo a quem não o tem. Há igualmente um dever imperioso e meritório: o de prevenir a miséria. Esta é a missão das grandes fortunas, mediante os trabalhos de todo gênero que com ela se podem executar.

(FÉNELON. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, XVI, 13)

São Paulo, entre os anos 1930 a 1950

O *INSTITUTO DAVI MAIO-KNUPER* foi fundado pelo casal Alberto Knuper e Marlita Maio, que, após a morte de seu filho, resolveu empregar sua fortuna em obras filantrópicas, assistenciais e de pesquisa. Alberto, um filho único, de pai judeu e de mãe brasileira de confissão luterana. O pai imigrante da 1ª. Guerra Mundial enriquecera em São Paulo com invenções e patentes de maquinaria pesada e encaminhou Alberto para a engenharia industrial. Formado, foi especializar-se na Alemanha, e de lá retornou em 1939, quando o Nazismo começou a escalada de perseguições antissemitas. Assumiu os negócios da família e soube desenvolvê-los em meio às dificuldades e possibilidades da industrialização do País no pré e pós-guerra.

Conheceu Marlita Maio no *Teatro Municipal de São Paulo*, em dia de espetáculo beneficente e casa lotada, sendo a moça de rica família aristocrática e também filha única. O encontro se deu numa situação embaraçosa: uma confusão com os ingressos levava as famílias Maio e Knuper a adquirirem o mesmo camarote. O mal-estar que isso ocasionou foi imenso, agravado ainda pela arrogância e o travo quatrocentão dos pais da moça, que reclamaram supostas “precedências de origem e fortuna” sobre os imigrantes emergentes. O impasse só foi solucionado pela finura de maneiras de Alberto e sua proposta inesperada: os

mais velhos dividiriam o camarote e a jovem ficava convidada para juntos assistirem o programa de óperas da próxima temporada. *Afinal* – rematou o engenheiro – *todos estamos aqui contribuindo para uma causa nobre, os fundos de apoio às vítimas da guerra.* Os Maios não se sensibilizaram e se mostraram ofendidos com a proposta, e orgulhosamente a recusaram. Marlita, contudo, ainda jovem, mas já formada em ciências agrárias, que praticava nas rendosas fazendas de sua família, e de espírito independente, sensível e romântico, reconheceu no belo engenheiro o que de fato ele era: uma alma afim. E aceitou a oferta, com o que o incidente foi superado. Daquele momento em diante, nunca mais se separaram por um único dia que fosse.

Dessa união, ocorrida em 1945, nasceu Davi, uma belíssima criança, filho único e único neto, que passou a ser o gozo e a felicidade de pais e avós. O menino, porém, veio a desencarnar em 1955. Um raro tipo de anemia levou-o em poucos meses. Especialistas da América e da Europa e a grande influência e fortuna dos Maio-Knuper foram em vão. Diante de perda tão grandiosa, o que sustentou os familiares foi um misto de fé católica, luterana e judaica. A exceção foi Alberto, que não se conformava. Sua vocação para ciências exatas e seu gênio metódico e racional não o prepararam para lidar com perdas e dores espirituais. Salvou-o uma “curandeira” caipira, Eufrásia Potti, do interior de São Paulo. Foi por seu intermédio que, no nos primeiros meses do ano de 1956, conseguiu rever o filho em fenômenos de ectoplasmia, e com ele conversar muitas vezes. E um pedido do menino, de viva voz, sentado no colo da mãe, na sessão de despedida, mudou muitas vidas:

– *Papai, disse o menino, toda a fortuna de nossas famílias um dia seria minha, não é?* – *Sim, meu filho,* ele respondeu. – *Pois bem, completou o menino, aqui onde estou ela não tem nenhum valor. Mas aí onde você e mamãe estão vale muito. Gostaria que fosse empregada em benefício de outras pessoas, para que não morram*

tão cedo, como eu morri, e também não sofram como vocês e meus avós sofreram. Esse é o presente que quero de aniversário.

Esse chamamento tão inusitado, feito em condições tão extraordinárias, exatamente no dia em que completaria dez anos, mudou completamente a vida dos familiares de Davi, que fundaram a instituição e a ela se entregaram de corpo e alma. A vocação empreendedora e a atilada visão de futuro de Alberto e Marlita, no entanto, levou-os a não promover somente iniciativas de caridade imediata e assistencialista. Optaram por programas duradouros, por projetos de grande abrangência e longo alcance, por ações efetivas e estáveis, capazes de assistir inúmeras pessoas e situações, bem como de influenciar outros corações generosos, atraídos pelo exemplo, pela cultura e pelos resultados da instituição.

Se produzirmos mais e melhor – poderemos combater a fome e a miséria; se descobirmos mais técnicas, melhores equipamentos e remédios mais eficazes – poderemos curar mais pessoas; se dermos provas incontestáveis da realidade da vida *post-mortem*, poderemos confortar mais almas. Nisso se resumia a missão do *Instituto Davi Maio-Knuper – IDMK*.

Os Curadores do Senhor

3 – A CURANDEIRA DO MATUNGO

*Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas,
pregando o evangelho do reino e curando toda sorte
de doenças e enfermidades entre o povo.*

(MATEUS, cap. 4, v. 23)

Aguinhas, Alto do Matungo, começo de abril de 1961

APÓS ÁRDUAS E OPEROSAS SEMANAS, Odamil Cezarino já aprontara o essencial da história e das atividades da *Curandeira do Matungo*, como nomeou a médium no relatório que encabeçava um dossiê de fatos, fotos, gravações, filmes, depoimentos, laudos médicos, receitas de pomadas e ervas, raízes e plantas e descrições físicas do local onde se davam os tratamentos e as curas, por muitos considerados como “intervenções milagrosas”.

O pesquisador descobrira que naquela região *Matungo* significava *cavalo ruim, sem raça, ou velho e sem préstimo*, e que de uma antiga fazenda, com esse nome, situada na *Serra das Águas*, na zona rural de Aguinhas, originou-se o nome da localidade. Foi ali, num pequeno sítio, que nascera Afonsina Paula dos Reis, que, à época dessas pesquisas, completara quarenta anos.

Vivendo na roça, raras vezes deixou essa pequena propriedade, que é a mesma onde residia naquele ano de 1961, na companhia do marido, um viúvo anos mais velho, com quem se consorciara muito jovenzinha, e cujos três filhos – dois meninos e uma menina – acabou de criar.

É uma mulher fina, meiga e de traços lindíssimos, que a rudeza da vida não apagou. Mantêm presos os cabelos e um lenço

branco a cobri-los. Semiletrada, fala um português deficiente, assina o nome, pouco lê e escreve menos ainda, e o que sabe aprendeu com a professora de catecismo na Igreja de *Santa Cruz*, no alto da serra. Sua mediunidade manifestara-se desde a infância, na forma de visões de “anjos” e “demônios”, que lhe ocasionavam tremores e calafrios, e lhe inspiravam ora intensos deleites, ora medos terríveis. Com o tempo, acostumou-se com as visões e passou a ver e ouvir o espírito de um padre que lhe falava de uma “missão” com trabalhos de cura e exorcismos. De uma avó benzedeira recebeu os primeiros ensinamentos a respeito de ervas, raízes, chás e rezas. Rezava doenças de gente e benzia animais. Com o passar dos anos, por meio das visões do padre-espírito e de intuições outras, começou a libertar pessoas de “espíritos malignos” e a tratar feridas e picadas de cobras, à base de benzeduras, garrafadas e raiz de pau.

Ouvia histórias sobre benzedores, curandeiros e pessoas que faziam despachos e magias, mas nunca aprendera nada acerca de rituais afro-brasileiros, espiritismo e curas paranormais. Uma grande guinada ocorreu em sua “carreira” quando um espírito lhe apareceu, numa noite fria e brumosa do inverno do ano de 1953, dizendo-se ter sido em vida passada um médico espanhol, de nome Pablo Torre Abengoza. Já afeiçoada à presença dos espíritos, desse médico recebeu inúmeras orientações. Pessoa dócil e passiva, ela mudou hábitos de família, de trabalho, de alimentação e de higiene física e mental. Passou a ler uma velha bíblia que herdara da avó e a decorar salmos e pequenos trechos evangélicos. E lhe foi determinado que num dia da semana – quarta-feira – devia jejuar, isolar-se e deitar em silêncio absoluto. O médico espiritual e uma equipe de auxiliares, então, levaram a efeito o desdobramento de seu espírito e operaram energizações em seu corpo astral. Disciplinada, ainda hoje repete esse rito, com vista à recuperação de fluidos vitais consumidos durante as sessões de cura e ao descanso e refazimento do corpo material. Desses fenômenos guarda clarões e lembranças fugidias na forma

de sonhos. Meses depois do primeiro desdobramento foi que deu início à espantosa série de operações paranormais.

Há tempos não frequenta as missas na *Santa Cruz*, pois que o padre que cuida daquela comunidade não aceita as atividades curativas que desenvolve. Apesar de não a condenar publicamente, essa posição acabou por interditar-lhe a presença nas festas e rezas da igreja.

Ela e sua família levam uma vida bastante modesta, subsistindo com a produção do sítio e a venda ou escambo do excedente. Pouco mais de uma centena de pés de café, roça de feijão e milho, uma dezena de vacas de leite, porcos e galinhas, pés de frutas, uma pequena horta. Não há luz elétrica nem água corrente; a casa de morada é feita de taipa, telhas vãs e chão batido; o paiol e o cercado dos animais, de pequenos paus trançados, atados de cipó.

Atende aos consulentes num puxadinho, também de taipa: um só cômodo, uma mesa de tampo grosso de madeiras serradas, dois tamboretas de três pernas e uma tarimba forrada com um lençol desgastado, onde se pode ver a inscrição: *Moinho Sul Mineiro*. Numa estante de tábuas apoiadas em tijolos, os “materiais cirúrgicos”: algumas “camisolas de pacientes” e “toalhas” de pano de saco, uma velha tesoura, uma tesourinha de unhas, uma faca de cozinha, um canivete de duas folhas, pacotes de algodão, uma caneca e uma bilha com água mineral. E lápis e pequenas tiras de um caderno escolar nas quais psicografa as receitas e as recomendações “médicas”.

Nada cobra pelas consultas ou cirurgias, mas as pessoas são orientadas a retribuir a graça ou a cura que eventualmente tenham ali recebido. As entidades dizem: *Procure auxiliar qualquer pessoa necessitada. Doe algo, se tiver algo para doar, senão doe-se, dê algo de si mesmo: visite um doente, assista*

alguém em dificuldades, faça uma prece por um falecido e seus familiares. Essa é uma forma de dar glória a Deus, como fez o leproso que voltou para agradecer a Jesus sua cura (Lucas 17,11-19).

As únicas ofertas que aceita, dos que podem contribuir, são pacotes de algodão, sacos vazios de farinha, sabão de barra, lápis e cadernos. Talvez por isso, e por atuar em local distante, ainda não foi intimidada seriamente por autoridades médicas ou policiais. O fato é que antes da curandeira o *Matungo* sempre fora um lugar ignorado, sem qualquer notoriedade que pudesse destacá-lo. Mas comenta-se aqui e ali que inquéritos criminais podem ter sido engavetados à vista de pressões de políticos e homens de negócios, interessados no movimento de turistas e na propaganda da cidade.

Numa cobertura feita de paus e sapé se estendem meia dúzia de tarimbas e alguns bancos, nos quais os “pacientes” se preparam para as cirurgias; e é ali mesmo que se recuperam após as intervenções. Familiares e algumas outras pessoas, entre essas alguns “pacientes” que estão sob tratamento espiritual, auxiliam nessas tarefas, organizando filas e preparando e encaminhando os doentes até o “consultório” improvisado. Sob uma árvore, uma mesa de pau com bancos de madeira formam um espaço de alimentação para os romeiros; não fornecem alimentos, somente água. Uma velha imagem de Nossa Senhora da Saúde está posta no oco de uma árvore defronte à bica de água que brota de um pequeno barranco, acerca de cinquenta metros das construções. Ali se aglomeram restos de velas, rosários, santinhos, pedidos de curas, retratos, flores murchas, pequenos objetos a título de *ex-votos*. Nesse local, alguns romeiros improvisam rezas e terços de louvor ou agradecimento à Virgem Santíssima.

Tudo ali ressoa simplicidade, rusticidade e pobreza. Não há limpeza ou assepsia de hospitais, mas não se veem focos de contaminação nem dejetos ou lixos acumulados. As instalações e

utensílios são frequentemente lavados. Salvo os “instrumentos cirúrgicos” (tesouras, faca e canivete), que parecem ser objeto de uma assepsia “invisível”. Muitos “pacientes”, que chegam imundos, cabelos desgrenhados, cobertos de feridas e de trapos sujos, recebem um banho de água da bica e sabão, antes de serem levados à consulta. Os “banheiros” improvisam-se à beira do *Ribeirão do Sumidouro*, que corre logo abaixo. Nessas águas também são despejados restos de algodão e certos resíduos das “cirurgias”, com a justificação de que neles há “energias concentradas”, muitas negativas, que devem ser destruídas pela ação da água corrente. Restos de extração de cistos, peles, pteríngios, lipomas, quando ocorrem, são incinerados em pequena fogueira à beira desse mesmo córrego. Sobre isso, um guia da médium mencionou Tales de Mileto:

O mundo está cheio de deuses, que trabalham na terra, nas águas e no ar.

O *Ribeirão do Sumidouro* leva este nome porque, um pouco à frente da propriedade da família Reis, deságua, em cascata admirável de quase oitenta metros de altura, por sobre uma laje de pedra que fica à beira de um abismo, e desaparece no útero da terra. Impossível descer ao fundo desse *Sumidouro* – um buraco bizarro, formado de pedras escuras e limosas, com um fundo de lama coberto por uma vegetação espessa e emaranhada. Sobre ele há muitas lendas de pessoas desaparecidas, de espíritos que ali habitam, de cobras gigantescas, e coisas do gênero.

Antes desse *Sumidouro*, o ribeirão forma pequena cascata que cai numa piscina de pedras naturais, na qual se forma um remanso raso e tranquilo. Nesse local, são administrados banhos de cachoeira e de imersão, visando à cura de diversos males, especialmente os ligados a problemas musculares e reumáticos, e doenças da pele de fundo nervoso. Além dos recursos naturais dessa água, os Espíritos nela depositam também fluidos curativos, potencializando seu efeito benéfico.

Os atendimentos se dão na parte da tarde, à exceção das quartas-feiras; as cirurgias são realizadas aos sábados e domingos. De manhã, as tarefas da casa, a limpeza e preparação do ambiente de trabalhos espirituais, a manipulação de poções, ervas e pomadas receitadas pelos espíritos. E um cuidado especial com um pequeno jardim de rosas brancas.

Entre os frequentadores e romeiros, que sobem a serra em veículos próprios, ou a pé, ou ainda por meio de cavalos, charretes, pequenos caminhões e táxis alugados, não há só doentes ou necessitados; há também turistas do *Circuito das Águas*, curiosos, caixeiros-viajantes, andantes, negociantes. Alguns crentes, outros descrentes, muitos profundamente místicos, mas todos de algum modo atraídos pelos fenômenos.

Pessoas interesseiras e imediatistas estão constantemente procurando orientação para seus problemas do cotidiano, ou ajuda e favores materiais. Políticos aparecem sempre: à época de eleições, em busca de prognósticos sobre alianças eleitorais, candidaturas e adversários; fora delas, para serem vistos por seus eleitores e prestar favores miúdos de natureza fisiológica. A todos esses os espíritos-guias costumam rechaçar, advertindo-os sobre as finalidades dos trabalhos: acolher e confortar os necessitados, e auxiliar na cura de doentes. Somente isso.

E já há também bom número de propagandistas de laboratórios, divulgando panfletos, distribuindo *amostras grátis*, na expectativa de verem seus produtos incluídos nos “receituários” ali produzidos.

Os acessos ao *Matungo* se fazem pela *Serra das Águas*, passando por Aguinhas. É possível também, subindo o outro lado dessa serra, fazer-se o trajeto a partir de São Gonçalo do Sapucaí, Campanha ou Cambuquira.

4 – UMA VOCAÇÃO HUMANISTA

Segundo a Doutrina Espírita, não só o Espírito sobrevive, mas preexiste ao corpo; não é um ser novo; traz ao nascer, as ideias, as qualidades e as imperfeições que possuía; assim se explicam as ideias, as aptidões e os pendores inatos. O pensamento é, pois, preexistente e sobrevivente ao organismo.

(A. KARDEC. *Revista Espírita*, mar/1867)

São Paulo, capital, entre os anos 1930 e 1960

DESDE MUITO CEDO, o caráter humanista do médico Odamil Cezarino assinalou-lhe a existência. Espírito equilibrado e generoso, para cumprir o desejo da mãe resolveu seguir a carreira sacerdotal. E assim foi que deixou o Sul de Minas e se internou no *Seminário Diocesano de Lorena*, SP, onde se mostrou um aluno brilhante, apaixonado pelos textos bíblicos e por biologia, matéria que gratuitamente lecionara desde o grupo escolar, tal seu domínio do assunto. Mas, desencantado com posições absurdas da teologia em face de temas científicos, deixou o seminário e foi cursar a *Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo*. Pôde, então, finalmente, realizar o secreto desejo de ser médico, sonho recorrente que lhe vinha desde tenra idade.

Tão logo formado, tomou o rumo do Norte do país para desenvolver entre populações ribeirinhas projeto de sua área de especialização. E foi também sobre esse tema que defendeu teses visando aos graus de mestre e doutor. A experiência na rede pública de hospitais, no entanto, não foi das melhores, e desiludiu-o em poucos anos. Por isso, decidiu seguir carreira de pesquisador e professor universitário.

Ao perder sua esposa Dulce, também médica e pesquisadora, em meados de 1957, contava pouco mais de cinquenta anos; o casal

não tivera filhos. Ao se aposentar algum tempo depois, fez planos de se dedicar exclusivamente à pesquisa do paranormal, que essa matéria, desde muito cedo, lhe despertara grande interesse. Muito embora tivesse lido extensa literatura da área, em diversas línguas, e se aproximado de experimentadores e instituições de variada matiz, que seriamente estudavam os fenômenos paranormais, nunca tivera, em razão das atividades familiares e profissionais, recursos materiais – tempo e dinheiro – para dedicar-se ao tema e pesquisar, testar e desenvolver teorias sobre um ponto que lhe era especialmente caro: *os aspectos fisiológicos da mediunidade e suas ligações com o Espírito por intermédio da glândula pineal.*

E Cezarino se justificava, dizendo:

– A pineal e suas funções no psiquismo humano são conhecidas desde a escola de Alexandria, donde beberam egípcios e gregos. Muitos filósofos a suspeitaram, e Descartes chegou mesmo a afirmar que a pineal é a hospedeira da alma.

Sua aproximação com o IDMK se dera através de Dulce. Ela fora colega de banco escolar de Marlita, e certo dia disse ao marido:

– Cezarino, lembra-se de Marlita?... – Pois ela perdeu recentemente um filho, ainda menino, e a família está em completo desespero, principalmente o pai. Eles têm outras crenças, mas o que você acha sobre eu comentar acerca daquela médium, a que faz materializações, que você visitou em janeiro na companhia do professor Herculano?

E quando, mais à frente, o casal se decidiu pela criação do instituto, convidaram Cezarino, por esse tempo já viúvo, para fundar e dirigir a área de pesquisas paranormais.

Não só essas relações de amizade contaram para a efetivação do convite, senão que Cezarino possuía todas as qualificações acadêmicas e estava bem entrosado com pessoas e instituições da área de pesquisa paranormal. Na verdade, fizera amigos e admiradores em todas as searas: acadêmicas, científicas, religiosas. Nas confrarias espíritas, comentavam que Cezarino conhecia o Espiritismo e as obras de Allan Kardec melhor do que a maioria dos espíritas – mas não “é um espírita, não frequenta o movimento e nunca disse ser um profíto da doutrina.” Ainda assim, em qualquer fórum em que se discutissem os fenômenos paranormais, ele expunha, ao lado das teorias metapsíquicas, a visão espírita dos fenômenos, e o fazia com singular competência.

Em suas palestras, sempre muito concorridas, quando religiosos fanáticos lhe opunham supostas proibições bíblicas concernentes à prática mediúcnica, dizia serenamente:

– Se você ler com desprevenção a Bíblia, meu caro irmão, verá que Israel sempre foi uma nação de médiuns e lá viveram os maiores de todos os tempos, entre eles Moisés, Samuel, Elias, Elizeu, Isaías. Além disso, generosa parte dos textos evangélicos só faz é narrar as “curas” e os “exorcismos” praticados pelo maior dos taumaturgos: Jesus.

E quanto aos fenômenos descritos nas Escrituras, citando livro do pastor Haraldur Nielsson¹⁰, ele asseverava que *esses só podem ser explicados pela hipótese espírita, e que Espiritismo e as Pesquisas Psíquicas poderiam reabilitar a Bíblia, de modo definitivo, retirando os aspectos miraculosos dos fenômenos espirituais e demonstrando tratar-se de fatos explicáveis por leis naturais, tendo em vista que só nos últimos tempos da humanidade certas leis espirituais puderam ser pesquisadas cientificamente.*

¹⁰ Nota do Editor: *O Espiritismo e a Igreja* – Gráfica Mundo Espírita, 1950.

Aliás – continuava –, quanto a esse ponto, bem antes de Nielsson, Allan Kardec já advertira que o Espiritismo era um aliado poderoso das religiões, e poderia ajudá-las a enfrentar a descrença e o materialismo. E exemplificava: – A “sobrevivência” de Jesus em face da morte no Gólgota – o fenômeno mais extraordinário do Cristianismo –, que as Igrejas Cristãs tomam como o dogma da Ressurreição, trata-se de fato natural que ocorre a todas as criaturas, que, na verdade, não “morrem”, e sim “ressurgem” em corpo espiritual.

E concluía proclamando as sábias palavras de outro reverendo – Robert Dale Owen¹¹:

[Com efeito], se as manifestações extraordinárias de poder atribuídas nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos ao Cristo e seus discípulos, ocorreram de conformidade com certas leis espirituais, as mesmas leis devem operar ainda; e se faculdades análogas às que a história menciona manifestaram-se há dezoito séculos, hoje também elas podem manifestar-se.

Mostrava-se duro com os que criticavam e condenavam os fenômenos e suas causas sem os estudar, pois não podia conceber que pessoas de inteligência tentassem destruir com zombarias e falácias a crença mais preciosa da humanidade: a certeza de uma vida eterna! – *São cultores de um racionalismo raso e desinformado, e falam e afirmam coisas com uma arrogância de espantar!*

Aos seus pares materialistas costumava falar, divertindo-se:

¹¹ Nota do Editor: *Região em litígio - entre este mundo e o outro* – FEB, 1900.

Os Curadores do Senhor

– Os invisíveis, nos quais não acreditam, não lhes pedem licença para existir. O fato é que estão a seu lado, e muitas vezes guiando suas mãos, seja ao prescrever um remédio, seja ao manejar um bisturi.

De outro lado, frequentemente alertava para a exagerada credulidade, para a falta de argúcia, para as posturas místicas dos que aceitam tudo sem crítica e sem exame. – *Tolos e entusiastas trazem mais prejuízo à causa da Imortalidade do que todos os antagonistas e descrentes juntos! Por isso Kardec já dizia: Mais vale um inimigo confesso que um amigo inconveniente.*¹²

Depois de anos de estudo, Cezarino pôde dizer com o evolucionista Alfred Russel Wallace, coautor da teoria da Evolução, ao lado de Darwin, que *os fatos eram obstinados; venceram e obrigaram-me a aceitá-los.* E acrescentava, enfaticamente: – *Eu não creio, eu sei, pois conheço os fatos que confirmam a sobrevivência e a comunicabilidade dos seres.*

Ainda assim nunca se declarara espírita, mas costumava brincar que talvez se tornasse uma espécie de Charles Richet à brasileira, e viesse a confessar sua crença na Doutrina dos Espíritos no leito de morte.

¹² Nota do Editor: *Revista Espírita*, mar/1863.

Os Curadores do Senhor

5 – O PASSADO NO PRESENTE

Não é somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode-se dizer que jamais a perde, pois a experiência demonstra que, mesmo encarnado, o Espírito goza de certa liberdade durante o sono e tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre justamente.

(A. KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, V, 11)

Nota pessoal de Odamil Cezarino, escrita em São Paulo, 1961

“HÁ MUITO TEMPO FIRMEI minha convicção na verdade das vidas sucessivas, se é que já não a possuía antes da presente encarnação. De outra parte, não tenho nenhum dom mediúnico patente, a não ser certas intuições e pequenos *flashes* de memória, que atribuo a recordações de vidas passadas. É o caso, por exemplo, do meu desejo de ser médico da saúde pública, que se manifestou desde minha meninice, e assim também alguns lampejos de atividades médicas em tempos antigos. Outro fato era o sonho intermitente com certa mulher, que estava sempre a encontrar e reencontrar em momentos de emancipação da alma.

A bem dizer, não eram sonhos, mas recordações, lembranças lúcidas e claras de um intenso amor que certamente vivi, e que permanece aceso, não obstante eu não saiba quem seja e por onde ande essa mulher. Ela surgia em meus sonhos, em épocas em que me sentia ou triste, ou preocupado, ou desalentado. Vinha como se me dissesse: *Siga em frente, meu amor, que um dia nos veremos de novo. Seja forte, que estarei te esperando.*

E nesses encontros, invariavelmente, nos amávamos de modo intenso e ardente, como se fora uma chama que não consumia nem se esgotava. Eram tão reais esses sonhos/encontros, o clima era de tal sensualidade, que tinha de dissimular para que minha Dulce não percebesse.

Após cada um desses idílios, eu permanecia dias e dias num estado de harmonia, completude e serenidade. E, nos dias de enamoramento, me traía a recitar, onde estivesse, com doçura na voz e brilho nos olhos, “Como eu te amo”, de *Elizabeth Browning*:

AMO-TE QUANTO EM LARGO, ALTO E PROFUNDO/MINH’ALMA
ALCANÇA QUANDO, TRANSPORTADA,/SENTE, ALONGANDO OS OLHOS
DESTE MUNDO,/OS FINS DO SER, A GRAÇA ENTRESSONHADA./AMO-
TE EM CADA DIA, HORA E SEGUNDO:/À LUZ DO SOL, NA NOITE
SOSSEGADA./E É TÃO PURA A PAIXÃO DE QUE ME INUNDO/QUANTO O
PUDOR DOS QUE NÃO PEDEM NADA.¹³

E nos dias de sensualidade, proclamava os *Cantares de Salomão*:

COMO SÃO BONITOS OS TEUS PÉS NAS SANDÁLIAS, Ó FILHA DE
PRÍNCIPE! AS JUNTAS DE TUAS COXAS SÃO JOIAS DAS MÃOS DO
ARTÍFICE. TEU UMBIGO É TAÇA REDONDA, A QUE NÃO FALTA
VINHO. TEU VENTRE É MONTE DE TRIGO RODEADO DE AÇUCENAS.
TEUS SEIOS SÃO CRIAS GÊMEAS DE GAZELA. TEU PESCOÇO É A
TORRE DE MARFIM/.../COMO ÉS BONITA, COMO ÉS BOA, AMADA,
NA HORA DAS DELÍCIAS!¹⁴

E, voz embargada, nos de saudade, me socorria com *Florbela Espanca*:

TU FOGES-ME, E EU SIGO O TEU OLHAR BENDITO;/POR MAIS QUE
FUJAS SEMPRE, UM SONHO HÁ DE ALCANÇAR-TE/SE UM SONHO
PODE ANDAR POR TODO O INFINITO,/DE QUE SERVE FUGIR SE UM
SONHO HÁ DE ENCONTRAR-TE?!¹⁵

E mais: sua presença era tão forte que até mesmo fantasiava aventuras românticas em torno dessa “amante invisível”... Eu a

¹³ Nota do Editor: *Sonnets from the Portuguese* (1847), Soneto 43.

¹⁴ Nota do Editor: *Cântico dos Cânticos*, Cap. 4.

¹⁵ Nota do Editor: *Quem sabe?!...*

chamava de *Heloísa*, e me sentia como se fora um Abelardo perdidamente arrebatado, que lutava contra uma paixão avassaladora que não podia conter, mas também não tinha como assumir.

Pois bem, por que estou recordando isso?

É que me têm pesado esses anos de solidão e viuvez! Mas esperançosamente tenho me guardado em castidade, na expectativa de um chamado de *Heloísa*... E ela, que não me aparecia há anos, que havia fugido de mim e de meus sonhos, me visitou há poucos dias, e disse apenas isto: – *Aguinhas, Alto do Matungo, curas...*

Trata-se de uma cidadezinha no Sul de Minas, região a que estou ligado por raízes de família. Descobri que lá existe uma “curandeira operando milagres”.

Assim, decidi iniciar uma nova pesquisa de campo nessa estaçãozinha de águas em torno de uma médium ainda desconhecida dos pesquisadores psíquicos.

Essa decisão contrária escrupulosa programação que fiz para a área de pesquisa do *IDMK*, pois deveria seguir para Congonhas do Campo, MG, em companhia do prof. Herculano, de Rizzini de Hernani Andrade e alguns outros pesquisadores, para poder prosseguir investigações acerca do fenômeno Arigó. Eu que percebo ser a minha experiência, em alguns aspectos, mais subjetiva do que objetiva, mais livresca do que experimental, desperdiço agora a oportunidade de aprofundar minhas

pesquisas sobre os fenômenos extraordinários que vêm sendo produzidos pelo médium da “faca enferrujada”.¹⁶

Havia estabelecido metas e compromissos para o aperfeiçoamento pessoal no campo das pesquisas psíquicas, com a área da instituição que dirijo e com esses companheiros tão valiosos e competentes – e que me podem ensinar tantas coisas.

No entanto, vou seguir para o Sul de Minas, para atender a um sonho e a uma convocação íntima, na esperança de encontrar, após tanto tempo de ansiosa espera, a minha *Heloísa*.”

¹⁶ Nota do Editor: Expressão por que ficou sendo conhecido o médium José Arigó, e que deu título ao livro de John G. Fuller.

6 – UMA ENTREVISTA

Dissemos e repetimos: seria um erro crer que a mediunidade curadora venha a destruir a Medicina e os médicos. Ela vem lhes abrir novo caminho, mostrar-lhes, na Natureza, recursos e forças que ignoravam e com os quais podem beneficiar a Ciência e seus doentes; numa palavra provar-lhes que não sabem tudo, já que há pessoas que, fora da ciência oficial, conseguem o que eles mesmos não conseguem. Assim, não temos nenhuma dúvida de que um dia haja médicos-médiuns, como há médiuns-médicos, que, à ciência adquirida, juntarão o dom de faculdades mediúnicas especiais.

(A. KARDEC. *Revista Espírita*, out/1867)

Entrevista colhida no “INFORMATIVO IDMK” - NOV/1962

O “INFORMATIVO IDMK”, do mês de novembro de 1962, realizou uma entrevista com o dr. Odamil Cezarino, que transcrevemos a seguir:

INFORMATIVO IDMK

IDMK – PROMOVENDO UM MUNDO MELHOR DE SE VIVER

SÃO PAULO – CAPITAL – NOVEMBRO DE 1962

ENTREVISTA DO MÊS

Nosso entrevistado, neste número de novembro de 1962, é mineiro, quase foi padre, e é médico formado pela USP. Graduou-se em saúde pública, mas sua especialidade é biologia; depois foi lecionar (sua paixão) e pesquisar (sua segunda paixão). Atualmente é Diretor-Fundador da área de pesquisa paranormal do IDMK. Vamos conhecer, então, um pouquinho mais sobre a vida e as atividades do Doutor Odamil Cezarino.

Informativo IDMK – Dr. Odamil: Por que o senhor foi para o

seminário e por que desistiu da carreira eclesiástica?

Odamil Cezarino – Ocorre que as tradicionais famílias mineiras, não só as mineiras, as brasileiras em geral, tinham a seguinte tradição: primeiro, grande número de filhos; segundo, formar um médico, um político e um padre. Eu, como o *Bentinho* de Machado de Assis, fui o escolhido, por minha mãe, para ser o padre da família. Mas não deu certo.

I. I. – O sr. já escreveu alguns artigos científicos sobre os fenômenos ocorridos no Matungo. Pode dizer-nos algo a respeito?

Cezarino – Veja: esses artigos estão disponíveis aqui no acervo do Instituto, de forma que não é o caso de detalhar os fenômenos. Mas posso dizer o seguinte: O primeiro deles eu não assisti, mas entrevistei diversas testemunhas do caso. Foi um fenômeno de levitação, ocorrido há muitos anos, cuja personagem principal ainda está viva, e seu depoimento está gravado. Foi uma menina, então com 11 anos, que, num passeio ao *Sumidouro*, uma cava gigantesca existente nas proximidades do *Matungo*, escorregou e caiu num lugar inacessível. Pois bem, em resumo: essa menina, que durante dois dias não pôde ser retirada por nenhum meio, foi “levitada” por Afonsina.

Outro fenômeno curioso é o tratamento de obsessados. Eu presenciei alguns casos de pessoas, mulheres, inclusive, que chegaram violentas, aos gritos, amarradas e seguras por dois ou três homens, que mal conseguiam contê-las, serem apresentadas à médium, que simplesmente dizia: *Em nome de Jesus, podem soltar o nosso irmão*. E as pessoas quase que imediatamente se acalmavam. E, durante o tratamento, que pode demorar de dois a três meses, essas pessoas permaneciam por lá fazendo terapia ocupacional,

isto é, auxiliando em diversas tarefas, como lavar, varrer, costurar. É realmente impressionante.

Vale ressaltar, também, que os parentes dos obsessados são convidados a participar do tratamento, tendo em vista que a expiação por processos obsessivos alcança, geralmente, o núcleo familiar. Aliás, Kardec faz referência a isso quando fala do *Grupo Curador de Marmande*. (*Revue Spirite*, Ano X, junho de 1867).

E, por fim, devo mencionar as incríveis possibilidades curadoras e restauradoras do ectoplasma no caso de feridas na perna. Acompanhei três casos em que em pouco mais de duas semanas de tratamento, a ferida não só cicatrizou como houve uma quase completa regeneração e substituição dos tecidos mortos. Por efeito de uma cirurgia invisível, passes e aplicação de ervas e pomadas preparadas lá no mesmo no *Matungo*, com plantas colhidas na *Serra das Águas*. Me explicaram que esse fenômeno decorre de uma atuação conjunta de cirurgiões, farmacêuticos e índios conhecedores de poderes da natureza.

I. I. – Da “equipe de médicos” que se manifesta pela médium Afonsina, somente o dr. Abengoza é quem receita?

Cezarino – Não, há outros médicos receitistas. Abengoza é o principal cirurgião, o que realiza as intervenções mais complexas e mais espantosas, com instrumental cirúrgico improvisado.

O. C. – O sr. pode mencionar algumas dessas intervenções?

Cezarino – Claro, pois a lista é extensa. Em 1961 eu presenciei dezenas de cirurgias – e filmei algumas, que fui autorizado a fazê-lo. Entre elas, posso citar: tumores

inoperáveis, úlceras, hérnias, e também intervenções mais simples, como extração de pterígio, catarata, cistos sinoviais, cirurgia para sinusite, tratamento cirúrgico da surdez.

O. C. – E os diagnósticos, o que o sr. pode nos dizer a respeito?

Cezarino – Bem, esse é um dos aspectos impressionantes da cura paranormal. A médium sequer toca no paciente e vai falando, em voz alta, o que ele tem, e até mesmo sua pressão arterial e tipo sanguíneo. Em um teste improvisado que fiz, fui autorizado a conversar com uma centena de pacientes, medir-lhes a pressão e fazer meu diagnóstico. Os diagnósticos da médium bateram com os meus em 92%. Nos casos em que não houve coincidência, ela me chamou e me mostrou em que eu errara: ou eram falsas doenças ou efeitos de parasitas espirituais.

I. I. – Que outros assombrosos fenômenos de cura, ou de outra espécie, o sr. assistiu o médico Abengoza produzir:

Cezarino – Posso citar alguns casos bastante incomuns, poucas vezes mencionados na pesquisa acadêmica, e que serão objetos de tese que devo expor no próximo CONGRESSO ESPÍRITA DE PARAPSIKOLOGIA: *extração de cálculos, por processos de des(re)materialização; o corte e a cicatrização com o uso tão somente do dedo indicador: sem hemorragia, sem assepsia, sem infecção, como é comum ocorrer nesses fenômenos; e, finalmente, um fenômeno de mediunidade parassimpática – em que a médium vomita elementos mórbidos e infecciosos, que supostamente estavam no corpo do doente, causando males.*

I. I. – O sr. acredita que a médium Afonsina Reis pode superar José Arigó?

Cezarino – Pessoalmente, eu não acredito. Arigó atua desde

o início dos anos 1950, já foi filmado, fotografado e testado de diversas maneiras. Chega a atender diariamente a cerca de 300 pacientes e já atraiu o interesse de pesquisadores de vários países. Arigó é claramente o mais versátil e o mais completo cirurgião psíquico do mundo. Um caso como o dele dificilmente vai se repetir tão cedo.

I. I. – O sr. não se diz espírita, não participa do movimento espírita e se apresenta como médico e pesquisador. Mas para o sr. os fenômenos de curas paranormais decorrem de milagres, de intervenções dos espíritos? Ou tem algo mais?

Cezarino – Veja: eu costumo resumir essa questão assim: os poderes curadores do homem estão nele mesmo, estão nas forças da natureza, estão nas entidades espirituais (anjos, espíritos, guias, seja lá o que for) que podem objetivamente se manifestar e produzir ou colaborar nos fenômenos. Desse modo, o *missionário* com a Bíblia, o *milagreiro* com o crucifixo, o *médium* com os passes, o *curandeiro* com as ervas, todos esses que atuam desinteressadamente o fazem mediante aqueles poderes e sob a licença de uma Força Maior, criadora e mantenedora de tudo, a que chamamos Deus. Estão dando cumprimento ao comando do próprio Cristo: *Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai.* (Mt 10, 8). São **Os Curadores do Senhor**, como diz o Padre Benedito, guia espiritual dos trabalhos do *Matungo*.

I. I. – No âmbito do Espiritismo, sempre houve cura por via mediúnica?

Cezarino – Bem, numa rápida visão histórica, vamos encontrar diversos registros da mediunidade curadora: *diagnósticos, remédios, fenômenos.* Note-se que Kardec já

distinguiu o médium curador do receitista (*Livro dos Médiuns*, Caps. XIV e XVI), e reportava precioso caso de um médium médico (*Revue Spirite*, Ano X, outubro de 1867). Bezerra de Menezes, médico alopata e espírita, prescrevia a seus pacientes, sob inspiração espiritual, remédios homeopáticos. A vida de Eurípedes Barsanulfo foi prenhe de fenômenos de curas e de receituário espirituais. E Chico Xavier, no início de sua carreira mediúnica, psicografava, a cada noite de trabalhos, centenas de receitas de remédios homeopáticos. E registro, ainda, o caso da médium **Désirée Godu**, cuja mediunidade de cura foi estudada por Kardec, na *Revue Spirite*, sobre o qual estou escrevendo um longo artigo aqui para o INFORMATIVO DO IDMK.¹⁷

I. I. – Sabemos que o senhor estudou num seminário, que conhece bem os textos evangélicos, e assim também o Espiritismo e a literatura dos fenômenos psíquicos. Então, pergunto: O senhor é um homem religioso? E como médico, o senhor acredita que a prece possa efetivamente ajudar na cura das doenças?

Cezarino – Estão corretas as afirmações quanto à minha pessoa contidas em sua pergunta, e, de fato, eu não professo nenhuma religião. Posso dizer que sou um Cristão, um ser humano que respeita os valores morais pregados por Jesus e que procura vivenciá-los, na medida das minhas imperfeições, que não são poucas.

Quanto ao outro ponto, eu não tenho dúvidas, quer como Cristão, quer como médico, da importância da prece no restabelecimento de pessoas enfermas. Nesse aspecto, estou com Tiago, quando o apóstolo proclama em sua

¹⁷ Nota do Editor: Esse artigo de Odamil Cezarino constitui a **Segunda Parte** deste livro.

epístola: *E a oração da fé salvará o doente* (Tiago 5,15). Em verdade, ele praticava o que Jesus ensinara em seu ministério; e não só Tiago, como também os demais apóstolos, como ficou registrado em diversos passos em os *Atos dos Apóstolos* (1,14; 4,24; 7,60; 12,5; 12,12; 21,5).

Mas devemos figurar a prece não apenas como ato *curativo*, mas, sobretudo, como *ato de adoração a Deus*, isto é, de aproximação e comunicação com a Divindade. E, nesse aspecto, ela se torna um ato *profilático*, quer dizer, uma ação preservativa e nutritiva do equilíbrio psíquico e da saúde orgânica.

Assim, concebo a prece como uma *atitude de vida interior*: diária, constante e profunda, como Jesus ensinou, pois nos *Evangelhos* vemos que Ele afirma a necessidade de orar sempre (Lc 18,1; Mt 26,41), e os relatos mostram-no orando constantemente (Lc 9,18), seja pela manhã (Mc 1,35), seja à tarde (Mc 6,46-47), seja à noite (Lc 6,12), seja só (Lc 5,16), seja na presença dos apóstolos (Lc 9,18).

E bem assim podemos vê-lo proclamando a força da oração (Mc 11,24; Lc 11,9) e ensinando a orar (Mt 6,9; Lc 11,2-4). Orou por si mesmo (Jo 17,1-5), orou por seus seguidores (Jo 17, 6-26). Diversas foram suas orações em público (Mt 11,25; Lc 3,21; Jo 11,41; 17,1); e em momentos de solidão e agonia, clamou pelo Pai Celestial, quer no *Getsêmani* (Lc 22,41-42), quer no *Calvário* (Lc 23,34.46).

É de notar que foi o Espiritismo que provou a eficácia da prece, mostrando que ela é uma realidade tangível, e que a transmissão do pensamento funciona como se fora um telégrafo, enviando ondas de forças psíquicas que são

captadas nos mundos invisíveis. (*O Livro dos Espíritos*, Questões 658 a 666; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Capítulo XXVIII).

I. I. – Os médiuns curadores vão substituir os médicos da Terra?

Cezarino – É certo que médicos desencarnados não devem substituir médicos encarnados em seu ofício, pois os males da humanidade são da alçada desses últimos. Mas podem ajudar os médicos da Terra, realizando um trabalho suplementar nos casos em que a medicina dos homens falece, além de despertá-los para a realidade da vida espiritual. Esse último ponto, a meu sentir, é o verdadeiro objetivo da cura paranormal, especialmente dos fenômenos espetaculares de *cirurgias*: sacudir o homem para que atente na sua origem e destinação espiritual. O próprio Jesus teve essa intenção no episódio da cura dos dez leprosos: enviou-os aos sacerdotes, para que o milagre acordasse as pessoas daquela época para a realidade do Reino de Deus (Lc 17,11-14).

I. I. – Não há então uma concorrência dos “médicos mortos” com os “médicos vivos?” – Ah, para tal questão há uma brilhante resposta nas páginas da *Revue*. O Codificador disse que os médicos “mortos” procuram mostrar aos “vivos” que não estão *absolutamente mortos* e oferecer um concurso desinteressado aos que quiserem aceitá-lo. Eles trazem uma colaboração ao desenvolvimento da ciência humana, mas não querem suprimi-la, e os médicos vivos que aproveitarem as novidades que lhes são trazidas terão uma grande vantagem sobre os que ficarem para trás. (*Revue Spirite*, setembro de 1865).

I. I. – Os artigos que o sr. escreveu sobre a curandeira do Matungo despertaram interesse de outros pesquisadores?

Cezarino – Sim, muitas pessoas e instituições, do Brasil e do exterior, fizeram contato comigo, entre elas pessoas e organizações que professam religião diferente da do Espiritismo. É bom quando isso ocorre, pois a única maneira de entender o fenômeno é estudá-lo, e não combatê-lo ou demonizá-lo sem observar e compreender as leis que o regem.

I. I. – Fale um pouco sobre suas viagens e contatos no exterior.

Cezarino – Bem, em 1961 e 1962, chefieei pequena delegação em viagens à Argentina, França, Grã-Bretanha e EUA, em que não só divulgamos as pesquisas que vêm sendo realizadas pelo IDMK, como especialmente fomos conhecer pessoas e instituições (universidades, academias, fundações, bibliotecas públicas) com o fito de trocar informações e experiências, e conhecer técnicas e instrumentos de pesquisas, na área do paranormal. Um importante fruto disso foi o levantamento e a aquisição de bibliografia especializada (livros, coleções, resenhas, documentação de pesquisas, fotos). Foi um passo decisivo para o aparelhamento do instituto e a internacionalização de seu acervo, sem o que não se faz pesquisa nem cultura, especialmente numa área extensa e complexa como é a do paranormal.

I. I. – O sr. é reconhecido como mestre de rara qualidade, seja pelo domínio da matéria, seja pelos métodos de ensino e exposição, seja pelo carinho e atenção que dedica a seus alunos. Claro, o sr. se preparou para isso e tem larga experiência como discente. Mas pergunto: o sr. também é inspirado pelos Espíritos quando dá aquelas aulas incomparáveis?

Cezarino – Minha cara entrevistadora, eu agradeço suas

palavras, mas ser professor para mim é uma paixão e um dever, um compromisso que assumi algures. Pode ser que seres invisíveis me inspirem, pois acredito na sua existência. Mas não gosto é de atribuir a eles as tolices que digo e os erros em que com frequência costumo incidir.

I. I. – Bem, finalmente: Quando o senhor volta ao Matungo?

Cezarino – Pretendo lá retornar no princípio de 1963, se não ocorrerem os inconvenientes pessoais que tive de enfrentar neste ano. Tudo está preparado, e dessa vez não vou só. Levaremos uma equipe de especialistas, além de completo equipamento, não só da área médica, mas também da de fotografia e filmagem.

7 – ENCONTRO COM PADRE BENEDITO

Ave, Cristo! Os que vão viver para sempre te glorificam e saúdam!

(EMMANUEL/ F. C. XAVIER. *Ave, Cristo!*)

Memória escrita por Odamil Cezarino, em São Paulo, em 1962

NA QUARTA-FEIRA SEGUINTE àquela em que cheguei ao *Alto do Matungo*, isto é, no dia 5 de abril de 1961, Benevides me disse que fosse falar com “dona Afonsina”, a qual se encontrava em retiro, no seu “consultório”, deitada na tarimba lá existente. – *É uma ordi du Padre Binidito, mas ocê num pódi levá nenhum apareio* – ele disse num modo seco.

Lamentei não poder usar ao menos a máquina fotográfica ou o gravador, mas não podia perder a oportunidade de falar com o Padre Benedito. Já conhecera diversos espíritos que se manifestavam ali, especialmente os da equipe médica, mas pela primeira vez ia ter-me com o guia dos trabalhos, e numa situação especial, visto que a médium ia deixar o seu retiro para falar comigo. Fui e encontrei Afonsina sentada num tamborete; atuada, ela me pareceu mais alta, mais forte e mais gorda do que realmente era, e falou-me num sotaque que lembrava o português praticado no Sul de Minas e num tom elevado e doce.

– *Você não é cirurgião, não é, meu filho?* – Perguntou-me.

– *Não*, respondi. – *Mas foi um, na Roma Antiga*, ele disse sorrindo.

E prosseguiu explicando que eu não estava ali por acaso; na verdade, disse ele, você tem ligações com esse local e com as pessoas que estão aqui. Com os vivos e os mortos, brincou.

À época do Império Romano, em fins do Século I d.C. – continuou –, você se graduou em medicina, poderia ter sido um archiari, um médico público, que desde o Século IV a.C. Roma organizara um serviço público de saúde. Mas decidiu seguir a carreira de cirurgião, que lhe parecia mais notável, e foi servir num hospital de campanha, num valetudinarium, e nas funções de medici ordinari passou a cuidar de feridos e convalescentes das legiões romanas.¹⁸

Quis perguntar qualquer coisa, mas com a mão me interrompeu e disse:

– Agora não, por favor, só escute. E prosseguiu: – Por essa mesma época, vivia em Roma um grego liberto, dito Paulus, na forma latinizada por que ficou conhecido, que se tornara famoso médico militar e depois enriqueceu e notabilizou-se como um dos melhores cirurgiões das escolas de gladiadores. No médico Paulus, se podiam ver todas as qualidades que Celso, o historiador da medicina romana, atribuía a um cirurgião:

Deve ser jovem ou pelo menos pouco avançado em anos; deve ter mão firme, nunca trêmula e ser hábil tanto com a esquerda quanto com a direita; deve ter visão aguçada e espírito corajoso; não deve ter compaixão, de forma que não se impressione com os gritos do paciente, quando este o incita a apressar-se ou a cortar menos profundamente do que o necessário.

Os gladiadores, como se sabe, eram as estrelas dos jogos e espetáculos que se davam no anfiteatro – arena sangrenta e horripilante, onde se comemoravam vitórias, datas festivas, ritos

¹⁸ Nota do Editor: Os termos latinos acima significam: *Archiari* = médico do serviço público de saúde em Roma; *valetudinarium* = hospital militar [plural *valetudinaria*]; *Medici ordinari* = médico do exército romano.

religiosos e se divulgava a arte da espada e as virtudes guerreiras de um povo conquistador.

Os anfiteatros, espalhados por todo o Império, deviam tornar-se símbolos da ação civilizatória e do domínio romano sobre os vencidos, sobre os criminosos, sobre os costumes bárbaros dos povos conquistados. Nesses locais, torcedores apaixonados – homens, mulheres, crianças e idosos, romanos de variada etnia e classe social – se aglomeravam – se bem que ocupassem lugares demarcados, distribuídos conforme a hierarquia social e status jurídico – para ver homens e feras, feras e homens matarem-se mutuamente.

Pois bem, de uma famosa escola de gladiadores, Paulus galgou a última posição a que um cirurgião romano daqueles tempos podia aspirar: tornou-se cirurgião-chefe de uma equipe de médicos do Amphiteatrum Flavium – que a história conhecerá sob o nome de Coliseu, onde passou a comandar, instruir e orientar novéis cirurgiões, além de cuidar dos próprios pacientes.

E certa feita, buscando novos talentos médicos nos valetudinária, encontrou um jovem médico de nome Adelfo. Esse era você, meu caro. E veja seu nome hoje: Cezarino. Ainda uma reminiscência da Era dos Césares! E você foi servir à nobre hierarquia que dominava o Coliseu.

Então, interrompendo o que dizia, virou-se e pegou uma toalha de pano de saco que estava na estante, e falou: – *Veja bem, não há nada aqui.* Depois, dobrou a toalha até que coubesse nas palmas de minhas mãos, e disse: – *Segure firme e ore!* Confuso, obedeci, mas não consegui orar; fiquei atento olhando para a médium e para a toalha em minhas mãos. O padre levantou-se e proclamou uma prece em latim, língua que eu não falava, mas compreendia o suficiente. Ele orava e vibrava as mãos sobre a toalha, como se lançasse sobre ela alguma coisa que eu não via, mas podia sentir,

pois a toalha aos poucos ia ganhando peso e volume. Quando parou, a médium parecia extenuada. E ele, respirando forte, disse ofegante: – *Agora desdobre a toalha.* Fiz o que mandou e me deparei com um estranho objeto, que parecia uma verruma grossa, suja e enferrujada. – *Sabe o que é?* – perguntou. Hesitei por um instante, e respondi meio que perguntando, pois vira gravura semelhante num antigo livro de história da medicina:

– *Um instrumento cirúrgico?* – falei. – *Sim, uma terebra* – ele respondeu. – *um instrumento utilizado por cirurgiões romanos, há quase dois mil anos!*

Confesso que levei um susto com aquela revelação. Minhas mãos tremiam e eu não conseguia me livrar da toalha e segurar o instrumento para examiná-lo mais de perto. E o padre tornou a falar:

– *Se você não orar e se concentrar, não vai conseguir. A terebra está saturada de energias, e é grande a atração magnética que possui, decorrente do modo cruel por que foi utilizada no passado.*

Como minhas mãos tremulavam, tive de pôr a toalha e o objeto sobre a mesa.

Em seguida, ele disse: – *Sente-se, que vou lhe contar parte de sua história.* E narrou em tom sereno e emocionado:

– *Roma prezava seus soldados, mercenários recrutados a peso de ouro. Os gladiadores geralmente eram escravos, de quem Roma cuidava, pois também tinham valor, como se fossem mercadorias. Muitas famílias romanas se especializaram em descobrir, treinar e fornecer lutadores para os espetáculos do Coliseu; com gladiadores profissionais, ganharam fama e prestígio. Quanto melhor o desempenho de seus gladiadores, mais os membros dessas famílias eram cortejados, mais cresciam aos olhos do*

Imperador, das famílias senatoriais, dos nobres vários – e especialmente do povo. Assim, vencer as lutas significava glória, poder e dinheiro. Mas a medonha saudação dos lutadores, anotada pela história, deixa transparecer a dimensão da barbárie que se desenrolava nas arenas: – Salve, César! Aqueles que vão morrer te saúdam!

E os combates, Cezarino, eram ferozes! A cada intervalo, a cada final de luta, incontáveis mortos, moribundos e feridos, e grande número desses últimos passavam aos cuidados de Paulus e sua equipe, no subsolo do Coliseu. Da multidão de feridos, alguns eram sarados e recuperados; outros mutilados recebiam próteses e podiam prosseguir em nova atividade; muitos eram desmembrados e se tornavam inúteis para qualquer ofício; grande número era descartado ou sacrificado. Tempos cruéis! E você se tornara o aprendiz mais destacado dessa equipe, era jovem, ambicioso e tinha o reconhecimento de Paulus, e, por isso, tornou-se objeto de grande inveja por parte dos demais membros do grupo.

Paulus, homem duro, prático, bruto e orgulhoso, tomou grande afeição pelo jovem Adelfo, pois via nele seu sucessor e o tratava com distinção, o que só fazia aumentar o clima de disputa e ciúmes no grupo de aprendizes. E você passou a frequentar a casa do destacado cirurgião, e gozava de tal confiança que participava até mesmo dos cultos domésticos aos deuses familiares. Mas abusou dessa confiança e, fortemente atraído por Ocea – uma mulher bela e inteligente, com quem já vivera em outra vida – cometeu o grande erro daquela existência: seduziu a esposa do seu protetor.

As consequências disso foram terríveis! – falou num tom mais elevado. E prosseguiu:

– Ocea, uma mulher jovem e formosa, dotada de extraordinário magnetismo, escapou pela porta ilusória do suicídio. Com isso,

você perturbou-se completamente, adoeceu, padeceu longo tempo e morreu corroído pelo arrependimento. O jovem e promissor cirurgião Adelfo – que contrariava a definição de Celso apenas num ponto: possuía compaixão pelos pacientes – deixara a existência endividado e sem cumprir as tarefas na medicina pública, com que se comprometera no Plano dos Espíritos.

Compaixão! Eu disse compaixão? Infelizmente, Paulus não sabia que sentimento era esse. Não só porque inexístiam à época anestésicos eficazes, como também porque praticava uma medicina sem outro interesse que não a paga. Por essas razões e pelo que ocorrera com sua mulher, dentro do próprio lar, se tornou ainda mais embrutecido, insensível e perverso, o que deu brechas a que espíritos da mesma ordem o assediassem, fazendo-o sentir desnaturado prazer em ver jorrar o sangue dos feridos, o mesmo sangue com que a plebe ignorava se deleitava diante dos sinistros espetáculos de morte nas arenas de Roma.

Paulus foi se desumanizando! E o médico – Ah, o sagrado dever do médico de amparar, cuidar e consolar! – aos poucos foi deixando de ser um médico e se tornou uma máquina de cortar, serrar, martelar, brocar e limar seres humanos. O seu coração cheio de ódio fez que esquecesse as nobres lições de medicina que bebera, advindas da Escola de Alexandria, de Hipócrates e das tradições de mestres da Escola de Cós. Sequer a recomendação dessas escolas aos cirurgiões – Primum non nocere¹⁹ –, então, ele respeitava!

Fez pequena pausa, como se me desse tempo para refletir sobre o que dissera, e prosseguiu:

Por isso, meu caro, hoje você é o que é. Por isso hoje você está aqui. Por isso hoje você reencontra Paulus, que agora se assina Pablo Torre Abengoza. E revê também outros, com quem conviveu

¹⁹ Nota do Editor: “Primeiro não lesar”, atribuído a Hipócrates.

na Antiga Roma: Ocea, que hoje é Afonsina, e Fagundes, Cirino, Benevides, Conceição, antigos colegas seus do Coliseu.

A todos nós a Providência Divina deu, nesses séculos que se passaram, ensejos de trabalho e redenção. E continua dando hoje, na humildade desses trabalhos de cura aqui no Alto do Matungo, em que inúmeras pessoas têm sido ajudadas, assim como muitos de nós estamos suavizando sentimentos e angariando créditos, tentando cobrir com amor a multidão de pecados que nos ensombra a alma.

E você, meu estimado Cezarino, foi atraído a esse lugar com a missão de amparar Afonsina, de orientar-lhe a extraordinária faculdade de que ela é dotada, que é uma mediunidade de provas, pois não faltará quem venha conspirar-lhe o dom divino: o populacho necessitado e egoísta, os parentes e amigos interesseiros, os políticos e comerciantes aproveitadores, os prosélitos entusiasmados, os antagonistas demolidores, os críticos torpes, e especialmente as entidades voltadas ao mal, que são numerosas, organizadas e de uma firmeza quase inabalável nos propósitos de perverter os dons do Espírito, como os que Deus concedeu à Afonsina. Zele, pois, por ela; ampare também seus familiares, que ainda são espíritos ciumentos e cobiçosos, mas que estão tendo uma grande oportunidade de regenerar-se. Nós o intuiremos. Esteja pronto! Ore e vigie! Grande é tua responsabilidade.

Em Deus, espero que todos nós envolvidos nessa tarefa do Cristo saibamos valorizar a oportunidade e nos conduzir pelos roteiros do Seu Evangelho, para percorrermos de volta a estrada que nos há de levar à Seara Bendita do Pai.

Sorrindo, esperou por uns instantes que eu pudesse afastar o torpor que tomara conta de mim; depois me abraçou carinhosamente e se despediu dizendo:

Os Curadores do Senhor

- Vá em paz meu filho, vá completar o trabalho que vieste fazer aqui. Que Deus te ilumine hoje e sempre!

E a médium prostrou-se, esgotada, na banquetta, e cobria os olhos com as mãos, mas pude ver que, como eu, também ela chorava de emoção, em razão das revelações do passado, que com certeza conhecia, e das suaves vibrações que o extraordinário benfeitor deixara no ambiente.

8 – CURAS ESPIRITUAIS NO MATUNGO

Jesus não foi somente o Mestre, foi Médico também. Deixou no mundo o padrão da cura para o Reino de Deus. Ele proporcionava socorro ao corpo e ministrava fé à alma. Nós, porém, meu caro André, em muitos casos terrestres, nem sempre aliviamos o corpo e quase sempre matamos a fé.

(ANDRÉ LUIZ/F. C. Xavier. *Os Mensageiros*)

Memória escrita por Odamil Cezarino, em São Paulo, em 1962

SOMENTE NO SÁBADO DIA 8 de abril de 1961, depois de minha entrevista com Padre Benedito, é que doutor Abengoza tornou-se menos distante e monossilábico, permitindo que dividisse com ele o pequeno espaço do “consultório” e fotografasse ou filmasse suas cirurgias, como também passou a descrever suas técnicas e a discorrer sobre os demais membros da equipe espiritual que atuava no *Alto do Matungo*. Notei também que abandonara o forte sotaque, e só vez ou outra nas palestras que entreteve comigo soltou um espanholismo qualquer.

Contou-me que desenvolvera seus dons ao longo de diversas encarnações que tivera aqui na Terra, a primeira há cerca de três mil anos. Do Antigo Egito à Espanha de Isabel II, descortinou-me suas mais destacadas reencarnações, todas elas voltadas ou à magia ou à cura, ou a ambas. No Egito Antigo, estudou na escola de medicina de Memphis, que se estabelecera sobre a proteção de Thot. Na época bíblica, foi médico a serviço do templo, onde cuidava dos sacerdotes. Na Idade Média, tempos de superstição, epidemias e medo, empregara pouca ciência e muita magia. Foi xamã Cherokee na América do Norte, onde desenvolveu poderes mágicos e curadores. Sua última encarnação fora na Espanha, como dedicado médico militar, tendo desencarnado na *Batalha de Alcolea (1868)*, atingido por um tiro de fuzil. E rematou

dizendo: *Receias a magia? Não se esqueça de que Giordano Bruno já dizia que os magos curam pela fé mais que os médicos pela ciência.*

– Veja Afonsina – me disse –, ela é uma médium de cura, mulher. Isso não é tão comum, mas as mulheres são mais dóceis, mais disciplinadas, e favorecem os intensos preparativos que antecedem a produção dos fenômenos de cura, ainda mais os do quilate que estão sendo realizados aqui no Matungo. De outra parte, a despeito de seus extraordinários recursos mediúnicos, nossa Afonsina é criatura frágil, não por ser mulher, e sim porque de algum modo é ainda a jovenzinha doce, ingênua e amorosa que conhecemos no passado. Seus familiares são espíritos imperfeitos, em tarefas de regeneração, auxiliam como podem, e não se deve contar muito com eles. O que sinto é que ela vai precisar de mais ajuda.

Então eu perguntei se trabalhava sozinho, e ele disse:

– Nem Pedro, o grande Apóstolo do Cristo, trabalhou sozinho, meu caro. Veja que quando realizou a cura do coxo de nascença²⁰ ele se encontrava na companhia de João. Estavam Pedro e João entrando no templo e o infeliz dirigiu-se a ambos; e ambos o fitaram, pois Pedro disse: Olha para nós. “E ele os olhava atentamente”, escreveu Lucas, que narrou a passagem. E recorde-se também que no Monte Tabor, no fenômeno da Transfiguração, Jesus contou com o concurso de Pedro, Tiago e João, para que se desse a materialização de Elias e Moisés.²¹ E foram esses mesmos que haviam estado presentes quando Jesus tornou à vida a filha de Jairo.²²

Você já deve saber que na velha Roma trabalhamos juntos eu, você e alguns que hoje estão reencarnados aqui no Matungo.

²⁰ Atos 3,1-10

²¹ Marcos 9,2-9

²² Marcos 5, 21.35- 42

Os Curadores do Senhor

Do lado de cá, eu também não trabalho sozinho, nem sou o único cirurgião por aqui; há outros. Sou apenas o mais endividado deles, por isso cabe a mim a maioria das operações espirituais. E há também enfermeiros, médicos, assim como há curandeiros índios, pretos-velhos, caboclos. Desses é que vem toda a alquimia das águas, das matas, dos minerais. Eles é que dominam os poderes curadores da natureza e dão importante contributo para a formação do ectoplasma, elemento fundamental para a ocorrência de inúmeros fenômenos de cura.

Para explicar essa diversidade de colaboradores, gosto de mencionar uma frase de Fr. Luiz de Souza, que revela uma profundidade que vai além das aparências. Diz o nobre representante do clero católico e um clássico da sua atual língua:

Não curam os médicos sempre de uma mesma maneira, nem com uma só medicina todas as doenças, porque é necessário variar as curas conforme a variedade dos sujeitos.

Nesse teor, recorde que Jesus curou – e desenvolveu nos seus apóstolos o mesmo dom²³ –, fazendo uso e ensinando diversos meios para obtenção das curas, tais como sua própria energia²⁴, a imposição de mãos²⁵, a prece²⁶, o jejum²⁷, a voz²⁸, a saliva²⁹, o barro³⁰, a unção de óleos.³¹

E também não se espante com a presença de índios, pretos-velhos e caboclos, que eles costumam ter, além da sabedoria própria de suas origens, outros conhecimentos, médicos mesmo. Lembre-se que o grande Cairbar Schutel, espírita de todos os méritos, passou

²³ Marcos 6,7; Mateus, 10,1

²⁴ Marcos 5,25-29; Lucas, 6,19

²⁵ Lucas 16,17-18

²⁶ João 11,41-42

²⁷ Mateus 17,19-21

²⁸ Mateus 15,28

²⁹ Marcos 8,23

³⁰ João 9,6

³¹ Marcos 6,13

por isso, quando resistiu à manifestação de um preto-velho. No final, teve de confessar ao Dr. Urbano de Assis Xavier:

Nunca gostei dessas manifestações de negros e índios, mas o seu Pai Jacó encheu-me as medidas, revelando um conhecimento doutrinário que me assombrou.³²

Pois, com efeito, o humilde espírito, que assim preferia se manifestar, fora um médico holandês em encarnação passada.

E assim também há ainda outros auxiliares, igualmente valiosos, conquanto se limitem – o que não é pouco nem menos importante – à vigilância do local, ao controle de entrada e saída de espíritos, quer sejam doentes ou desequilibrados, quer sejam perturbadores ou obsessores. Cabe a eles também interditar a entrada de magos poderosos e suas falanges, que insistentemente tentam quebrar nossas defesas psíquicas e espirituais.

O local foi escolhido também dentro de um planejamento que antecedeu à reencarnação da médium e seus familiares. Essas serras, o clima, os ventos, as águas que brotam aqui, o lago de águas serenas, os minerais surgidos em eras primevas no seio desta poderosa cava vulcânica em que se construiu a cidade de Aguinhas, tudo isso constitui um vasto recurso energético curador e restaurador.

Admirei-me da simplicidade e poder de síntese de Abengoza, e de seu conhecimento espiritual – verdades eternas que eu entressabia, mas que se me afiguraram reanimadas e penetrantes, porque embebidas do entusiasmo e da fé de um renovado servidor do Cristo.

³² Nota do Editor: PIRES, José Herculano. *Ciência Espírita e suas implicações terapêuticas*. São Paulo : Paidéia, 1979, p. 100.

9 – DOENÇAS DO CORPO E DA ALMA

Ao contato das revelações de Aniceto, nos domínios da eletricidade e do magnetismo, reformara todos os meus conhecimentos antigos de medicina. A ascendência mental no equilíbrio orgânico, as forças radioativas, o campo das bactérias, a visão mais ampla da matéria organizada, compeliaram-me a nova conceituação científica na arte de curar os corpos enfermos.

(ANDRÉ LUIZ/F. C. Xavier. *Os Mensageiros*)

Memória escrita por Odamil Cezarino, em São Paulo, em 1962

DOUTRA FEITA, perguntei ao doutor Abengoza:

– *Que há mais aqui – doenças do corpo ou da alma?*

– *Certamente não haveria doenças no corpo ou distúrbios na mente, se não os houvesse na Alma, é lição basilar nos domínios da Vida Infinita. E você já terá sabido que não há doenças e sim doentes, que todos os vícios – ou virtudes – são do Espírito e não do corpo. Disso sucede que não há cura, pois o que ocorre, a rigor, é um processo de autocura.*

Com efeito, Adelfo – me permita chamá-lo assim outra vez, pois eu preciso confirmar a mim mesmo que já o perdoei – Jesus costumava perguntar: Que queres que eu te faça?³³ Ou, ainda: Queres ficar são?³⁴ – porque sabia que a cura depende da individualidade. Nem mesmo o Divino Curador sararia alguém que não quisesse curar a si mesmo! O doente tem de se envolver no processo de sua cura, como se fora “médico de si mesmo”, pois, verdadeiramente, Deus, os Espíritos ou qualquer curador não realizam a cura, o que fazem é reforçar ou suplementar na individualidade sua capacidade de autocurar-se. O que muita vez se esquece, ou não se compreende, é que o doente é um Espírito – e

³³ Lucas 18,41

³⁴ João 5,6

os Espíritos são deuses³⁵, que podem “automedicar-se”, valorizando as próprias energias nos processos saneadores e curativos da alma.

Em suma, cada um de nós pode decidir pela saúde ou pela enfermidade, pelo equilíbrio ou pela perturbação, ou como Salomão um dia expressou:

O coração alegre é bom remédio, mas o espírito abatido faz secar os ossos.³⁶

Adelfo, a verdade há de se revelar em toda parte, é só uma questão de tempo, de evolução. Assim, os conceitos multimilenares de alma sã em corpo são e de que o homem é um ser trino – Espírito, perispírito e corpo – os quais o Espiritismo comprovou e que a medicina da Terra ainda reluta tanto em aceitar, bem como os fatores perispirituais, mentais e emocionais na produção tanto da doença como da cura, que decorrem daquela assertiva, mais dia menos dia vão se tornar lições tão elementares, verdades tão patentes que nem vão constar dos currículos das escolas médicas.

E, no entanto, esse conhecimento é tão velho!

Recorde-se que Allan Kardec transcreveu um pensamento de Sócrates, que dizia:

*Se os médicos fracassam na maior parte das doenças, é porque tratam do corpo sem alma, e porque, se o todo não se encontra em bom estado, é impossível que a parte esteja bem.*³⁷

E o Codificador esclareceu que é o Espiritismo que vem oferecer a chave das relações entre a alma e o corpo, e que o homem fracassará menos somente quando levar em conta a ação do elemento espiritual na economia orgânica.

³⁵ João 10,34

³⁶ Provérbios 17,22

³⁷ Nota do Editor: *O Evangelho segundo o Espiritismo* – Introdução – Resumo da Doutrina de Sócrates e Platão, XIX.

Perguntei-lhe, então, a razão por que nem todos se curam.

– *Por que o Apóstolo dos Gentios não curou Trófimo?*³⁸ – ele, olhando ao longe, devolveu a pergunta. E depois disse:

– *Talvez devêssemos refletir sobre esse passo do Cristianismo Primitivo antes de tentar responder uma tal questão.*

Ora, Paulo realizara “milagres” por onde passou – Chipre, Icônio, Listra, Filipos, Corinto, Malta...³⁹ Em Trôade ressuscitara um menino.⁴⁰ Em Éfeso, estranhos tocaram suas vestes e se curaram⁴¹, e, no entanto, ele não curou seu amigo, colaborador e companheiro de viagens!

E acresça que o apóstolo estava envelhecido e necessitando da ajuda de Trófimo para cumprir a derradeira jornada⁴², pois que só Lucas estava com ele!⁴³

E mesmo assim ele não curou Trófimo! Por quê?

Deixou a pergunta no ar, parou por uns instantes, pareceu que meditasse, seus olhos umedeceram, e prosseguiu:

– *Como já dissemos, as imperfeições, as deficiências são da alma e nesta é que estão as causas das enfermidades, que em resumo decorrem de desequilíbrios energéticos, que se registram no corpo espiritual, a que a própria individualidade deu – ou dá – causa. Porque as causas podem estar no presente, mas podem ter vindo do passado. Nessa perspectiva, somos frutos daquilo que semeamos⁴⁴ alhures, nas longas jornadas reencarnatórias do*

³⁸ Nota do Editor: *Erasto ficou em Corinto, e deixou Trófimo doente em Mileto.* (Paulo, II Timóteo 4,20)

³⁹ Atos 15,12; 19,11; 28,9

⁴⁰ Atos 20,9-12

⁴¹ Atos 19,12

⁴² II Timóteo 4,6-8

⁴³ II Timóteo 4,10-12

⁴⁴ Gálatas 6,7

processo evolutivo. E o que semeamos – nossos atos e pensamentos – refletem-se no perispírito, podendo trazer-lhe benefícios ou lesá-lo. Nesse último caso, tornam-se matrizes energéticas de perturbações, doenças, dores e sofrimentos morais. E se a geratriz dos males está em nosso interior, é preciso antes limpá-lo, para que a cura se processe.⁴⁵ Ou seja: É preciso mudar pensamentos, mudar hábitos, pensar e agir no Bem, para que o processo de cura se instale.

E, além do fator inescapável da fé ⁴⁶, em muitos casos, a cura pode decorrer de méritos pessoais do doente, do seu esforço sincero em espiritualizar-se, em renovar-se segundo o preceito do Cristo: Vá e não peques mais!⁴⁷ Por outro lado, ainda, é necessário que haja uma adequada conjugação energética enfermo-médium, e que esses se encontrem propícios à cura.

E, finalmente, Adelfo, não raras vezes, a cura pode ser a doença, conforme Allan Kardec já anotou em O Livro dos Médiuns.⁴⁸ E nesse caso, devemos interpretar a enfermidade, entendê-la, buscar suas causas profundas e tantas vezes longínquas. Será preciso ouvir o que a doença quer nos dizer...

Acima dessa verdade geral e dos fundamentos que já te expus anteriormente, há que considerar ainda certos imprevistos ou acidentes de jornada, provações decorrentes de contingências materiais do próprio planeta, riscos naturais de se viver num mundo material inferior (erros e deficiências médicos, epidemias).

Em nosso último encontro, Abengoza falou-me:

⁴⁵ Mateus 23, 26.

⁴⁶ Mateus 8,13; 9,29. Marcos 10,52

⁴⁷ João 5,14; 8,11.

⁴⁸ Nota do Editor: Capítulo XIV – Dos Médiuns – n ° 175 - *Médiuns curadores*.

– *Olhe bem este irmão* – apontando um senhor quase calvo, com tufos laterais de cabelos grisalhos, rosto cavado, intensamente pálido, só pele e osso, deitado na cama improvisada.

– *Ele tem um câncer em avançado estágio* – prosseguiu – *que começou no estômago e espalhou metástases pelo esôfago e intestinos. Os médicos da Terra abriram, viram o estado adiantado do tumor e o fecharam sem operar. Deram a ele três meses de vida e dois já se passaram. Não vamos poder curá-lo, mas podemos dar-lhe alguns meses de “prorrogação” e melhorar suas condições de alimentação e excreção, que se acham seriamente comprometidas. Vamos também aliviar suas dores, que opiáceos poderosos não têm podido controlar. A fé deste irmão e as preces de seus familiares conquistaram do Alto essa elevada benção.*

A seguir, tomou-me pelo braço e disse: – *Você não é mais um cirurgião, não é, meu jovem Adelfo?*

Um calafrio percorreu-me a espinha ao ouvir tal chamamento: *Não é, meu jovem Adelfo?* E num relance revi o impetuoso *Paulus* a exigir atenção para as demonstrações cirúrgicas que fazia aos subordinados na Roma Antiga. Demorei um momento, e respondi inseguro, premido pela perturbadora lembrança:

– *Não, doutor Abengoza, não.* – *Não me chame de doutor. Somos colegas e eu já não sou mais o seu chefe-instrutor.* – *Sim* – eu disse. – *Você não opera mais?* – perguntou. – *Não, nunca operei... quer dizer, não nesta existência, pelo que me informou o Padre Benedito...* – respondi. – *Pois hoje você vai operar* – falou num tom grave e decisivo.

E tomou minha mão, pegou o canivete que descansava sobre a mesa, passou-o na própria roupa, para lá e para cá, limpando-o como pôde, e o depositou, ainda com resíduos de sangue, na palma de minha mão, e fechou-a, depois a ergueu, dizendo:

– *Segure firme, cirurgião! Lembre-se da lição de Aulus Cornelius Celsus – mão firme, nunca trêmula!*

E orou. Era a “asepsia”.

Senti como se uma força descomunal me conduzisse a mão, quando Abengoza, com sua destra sobre a minha, enfiou profundamente a lâmina do canivete em certo ponto do abdome do pobre velho, que, de olhos abertos e cheios de esperança, parecia nada sentir. Notei que minha mão conduzida por Abengoza introduzia e girava vigorosamente a lâmina na região ventral do doente. Após alguns instantes, levantou o canivete, e presos a sua lâmina vieram pedaços de um tecido corrompido e malcheiroso.

– *Eis o “olho” do câncer!* – disse. – *Por uns tempos, ele vai ficar bem melhor.*

E agilmente tomou um tufo de algodão, ergueu-o, e orando disse:

– *Senhor, abençoa o remédio para a cura deste irmão!* E forte cheiro de álcool sabendo a aroma de ervas invadiu o local. Depois, botou o algodão sobre o corte, comprimiu-o e orou novamente.

Por fim, olhou-me significativamente e comentou baixinho: –

Esse irmão, quando retornar ao mundo espiritual, voltará com o seu perispírito “já consertado”.

Quando o idoso se levantou agradecendo comovido ao “dotô Abengoso”, notei que não havia sinais de hemorragia e apenas alguns pontos vermelhos sobre sua barriga indicavam ter havido ali a pressão de algum instrumento. Em seguida deixou o local e foi substituído por outro “paciente”, que também seria operado.

10 – O PERDÃO E A CURA

E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor, a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles.

(ATOS, cap. 5, v.14,15)

Memória escrita por Odamil Cezarino, em São Paulo, 1963

VINHA MEDITANDO MUITO sobre as informações que recebera do doutor Abengoza a respeito dos trabalhos de cura, e uma sua frase me perturbara e ficara ressoando em minha mente: *Pois eu preciso confirmar a mim mesmo que já o perdoei!*

Então, perguntei-lhe: – *Por que disseste que precisavas ter certeza de que me havias perdoado?*

– *Cezarino, meu filho, saiba que sem o perdão eu não teria saído do escuro mundo em que me enfurnei! Cegado pelo ódio contra ti e Ocea, me desequilibrei em face de minhas funções perante os gladiadores feridos, no Coliseu, e me entreguei às insinuações das sombras e por longo tempo estive sob sua dominação, até que equipes salvacionistas me retiraram das regiões abismais em que me encontrava.*

Você desconhece, mas Paulus, Ocea e Adelfo já estivemos juntos mais duas vezes. Por isso não estranhe que eu o chame “filho”, porque numa delas eu fui seu pai, depois de Roma, antes de nos reencontrarmos aqui no Alto do Matungo. Mas, fui mau pai e pior marido! Eu não os havia perdoado, a não ser da boca para fora, e, assim, malogrei, desperdicei as oportunidades, atrasando minha recuperação espiritual por séculos!

E quando, depois de demorados sofrimentos, eu conquistei algum crédito espiritual com a vida apagada e sofrida de médico espanhol, no Século XIX, houve para nós a oportunidade bendita deste novo encontro. Então, algum tempo depois desse tempo, Padre Benedito – que nos acompanha desde séculos – me disse:

– *Paulus*, por muitas existências, desde o Antigo Egito, tu vens trabalhando e desenvolvendo o talento da medicina, mas nem sempre utilizaste esse dom de Deus em benefício dos outros e muitas vezes foste mesmo dele um mercenário. Mas nessa última encarnação soubeste fazê-lo, de maneira desinteressada e evangélica. Agora terás nova oportunidade de ajustar-se com *Ocea* e *Adelfo*. Mas antes é necessário que te livres do ódio que carregas há tanto tempo – é preciso que os perdoe, e não apenas com palavras. Pois se fores capaz de perdoá-los realmente do fundo do coração terás conquistado a oportunidade de usar os dons curadores que desenvolveste como nunca o pudeste antes fazê-lo. É preciso que te decidas! Mas antes vou contar-te pequena história do Cristianismo Primitivo, que corre aqui nas tradições do Mundo Maior.

*No livro de Atos*⁴⁹, o apóstolo Lucas narra como, algum tempo depois do drama do Calvário, Pedro e outros discípulos de Jesus fundaram a Casa do Caminho, a primeira comunidade cristã, profundamente inspirada nos ensinamentos do Sublime Amigo. Lá eram atendidos, com extremado amor e desinteresse, todos os necessitados do corpo e da alma, sem distinção.

Certo dia, chega a Pedro notícia de que Nathan, antigo e poderoso membro do Sinédrio, um dos mais obstinados acusadores do Cristo, batia à porta, pedindo ajuda. Tendo contraído lepra, o desgraçado fora escorraçado pela família e abandonado pelos amigos da sociedade

⁴⁹ Atos 2,42-47; 4,32-35

Os Curadores do Senhor

e do poder, ficara pobre e adoecera, e jazia agora numa humilde maca improvisada. A única pessoa que lhe restara fora um velho escravo, que o carregava de um lado para outro, pedindo esmolas e comida. Contudo, Pedro se recusa a atendê-lo.

Reza a tradição que nesse instante Jesus aparece a Pedro e manda que ele atenda ao doente. Pedro, mesmo assim, no seu estilo rude e sincero, se recusa terminantemente, e responde a Jesus:

- Senhor, atender a esse Nathan, não. Qualquer um, Senhor, menos ele!
- Pedro, disse Jesus, recorde-se que o perdão é um dos meus mais importantes ensinamentos. Dê assistência ao necessitado.
- Mas... Mestre!... esse homem é aquele... é o mesmo Nathan, seu dissimulado e vingativo acusador do Sinédrio...
- Por isso mesmo, Pedro. Atenda-o, porque os são não necessitam de médico!

Estimulado pelo grandioso impulso amorável de Jesus, Pedro aquiesceu. E indo até o enfermo, impôs-lhe as mãos e orou. Servindo de instrumento ao magnetismo dos Espíritos Celestes, e do próprio Jesus, Pedro intermediou a cura de Nathan. Após ter sido curado, um novo discípulo do Caminho passou a viver e trabalhar, humildemente, na Casa, transitando pela dura via da redenção espiritual e servindo outras pessoas mais necessitadas do que ele.

Depois desse episódio, os dons de cura do apóstolo Pedro centuplicaram. Registra o livro de Atos⁵⁰ que muitos eram os doentes que procuravam ajuda na Casa do Caminho, e os que não podiam ser atendidos eram postos pelos familiares à passagem de Pedro, e – tocados pela sua sombra – se curavam...

⁵⁰ Atos 5,12-16

Os Curadores do Senhor

Diante dessa história, Adelfo, meu filho, me quedei emocionado! E, assim, para segurança, para evitar que eu incidisse novamente em erro, porquanto na carne eu poderia esquecer o compromisso pactuado, é que fiquei no mundo espiritual, estudando e me preparando, e Ocea e Adelfo se reencarnaram, em locais e datas diferentes, para que a paixão que os uniu – e ainda os une – não fizesse perder mais essa grande oportunidade que a Providência Divina nos concedeu.

E hoje nos encontramos, juntos novamente, a “família de curadores”, que vem repetindo experiências como meio de reequilíbrio e reeducação. E a morte, a diferença de planos, não se constitui barreira para nós, como pode verificar.

11 – O CURANDEIRO DIVINO

[Jesus] Agiria como médium nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados e o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como o podem fazer, em certos casos, os encarnados, na medida de suas forças. Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se algum influxo estranho recebia, esse só de Deus lhe poderia vir. Segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.

(A GÊNESE. Allan Kardec. Cap. XV Superioridade da natureza de Jesus)

Memória escrita por Odamil Cezarino, em São Paulo, 1963

QUANDO TIVE NOVAMENTE oportunidade de palestrar com Padre Benedito, perguntei-lhe sobre as reencarnações a que Abengoza se referira, em que eu, Afonsina e ele – Abengoza – havíamos reencarnados juntos. O bom padre me disse que as revelações do passado que interessavam já haviam sido feitas e que me concentrasse nas informações de que tinha conhecimento e nas inspirações e intuições que naturalmente afluíam em minha consciência. O que de fato era importante naquele passo de minha vida era que, nas tarefas que assumira no *IDMK*, à vista das pesquisas do paranormal, explorasse com competência as facetas da Academia e da Ciência, para as quais eu me encontrava preparado, mas que não olvidasse nunca a *Face do Cristo*, em razão de que o *Divino Curandeiro* se constitui em esteio de nossos esforços em prol do Bem.

– *Divino Curandeiro?* – estranhei a expressão – e Padre Benedito me disse.

– Sim, Cezarino, ele não foi o primeiro nem o último dos curandeiros, mas sem dúvida é o Curandeiro Inigualável.⁵¹ E se nos convoca a que realizemos as curas, como está em tantas passagens do Evangelho⁵², é porque nós podemos fazê-lo. Lembre-se da lição da fé e o grão de mostarda.⁵³

Na verdade, os prodígios que Ele realizou, seus discípulos também os produziram, e bem assim os antepassados dEle – os profetas de Israel – tantas vezes também. O que digo? Não somente no seio do Povo Eleito, mas em todos os quadrantes da Terra, pois a Providência Divina – assim como faz o Pai Celeste com o sol e a chuva da passagem evangélica⁵⁴ – derramou seus dons por toda a humanidade. Por isso, há narrações de curas e de milagres nas histórias e culturas de todos os povos.

Fenômenos paranormais em meio aos povos primitivos – entre eles a existência de feiticeiros-médicos e seus sistemas de curas – são tema de interessante livro de Ernesto Bozzano, autor metapsiquista que se tornou espírita.⁵⁵

No Oriente, a cultura espiritualista da Índia há milênios sorveu dos Vedas – ditados por sábios ditos “videntes” – a revelação do mundo espiritual, da reencarnação, do carma e da conseqüente medicina ayurvédica. E na China, há registros, de 4.000 anos atrás, da prática do culto dos ancestrais, sendo lá ainda o berço dos inspirados conhecimentos do Tao, que já embebera o Huangdi Neijing, o tratado de medicina mais remoto que se conhece.

Assim também há notáveis referências a fenômenos paranormais e de taumaturgia na cultura clássica Greco-romana. Recordemos os

⁵¹ Nota do Editor: Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías: *Ele tomou sobre si nossas enfermidades e levou as nossas doenças*. Mateus 8,17.

⁵² Mateus 10,1.8 – Lucas 10,9 - João 14,12

⁵³ Mateus 17,20

⁵⁴ Mateus 5,45

⁵⁵ Nota do Editor: *Popoli primitivi e manifestazioni supernormali*. Edizioni l'Albero, 1941.

hinos de Homero⁵⁶, as ocorrências narradas por Heródoto ou Plutarco⁵⁷, as curas operadas pelo deus Asclépio⁵⁸, no âmbito do templo de Epidauro, as maravilhas atribuídas a Apolônio de Tiana, por Filóstrato.⁵⁹

Antes de Jesus, entre os profetas hebreus, há registros de inúmeras ações taumatúrgicas.⁶⁰ E igualmente nos Evangelhos e nos livros de Atos vamos encontrar os discípulos do Cristo curando pessoas e libertando obsidiados.⁶¹

Qualquer um que se lance um pouco sobre os textos bíblicos pode constatar isso por si mesmo. Basta ter ouvido de ouvir e olho de ver.⁶² E recorde-se que sobre esse ponto Allan Kardec fez valioso resumo, sob a ótica espírita, mostrando que não há milagres – no sentido sobrenatural do termo – e que todos os fenômenos miraculosos se processam dentro das Leis da Natureza. Trata-se de texto fundamental do Espiritismo, teoria basilar de cunho científico e espiritual sobre a questão dos milagres, primorosa lição do Codificador, a quem coube, pela primeira vez na história da Humanidade, interpretar corretamente os “milagres”, revelando os aspectos materiais e espirituais dos fenômenos.⁶³

Veja que no início do ministério de Jesus, estando João Batista no cárcere, e tendo ouvido falar das obras de Jesus, enviou discípulos para perguntarem se Ele era o que estava para vir. E o que fez o

⁵⁶ Nota do Editor: *Ilíada* XXIII (A “sombra” de Pátrocolo aparece a Aquiles) – *Ilíada* XXXIII (Ação apaziguadora de tempestade).

⁵⁷ Nota do Editor: Narra episódio em que Eliseu de Terina vai a um Templo em que se evocavam os mortos e vê e conversa com a “sombra” do filho Entíneo, morto por envenenamento.

⁵⁸ Nota do Editor: Veja-se que o deus grego *Asclépio* foi absorvido pelos latinos com o nome de *Esculápio*, o deus da medicina na mitologia romana.

⁵⁹ Nota do Editor: Filóstrato, no Século III, escreveu sua biografia: *Vida de Apolônio de Tiana*.

⁶⁰ *Vide*: I Reis 17,7-16 – 2 Reis 4,1-7; 4,42-44 – I Reis 17,17-24 – II Reis 4,18-37; 20,1-11; Números 21,6-9

⁶¹ *Vide*: Mateus 10,8 - Lucas, 9,2;10,9 – Atos 5,12; 8,6-7; 19, 8-16

⁶² Marcos 8,18; Lucas 8,8

⁶³ Nota do Editor: A Gênese – Parte 2 – *Os milagres segundo o Espiritismo*.

*Mestre antes de confirmar a João que era de fato o Enviado Sublime? Realizou diversas curas!*⁶⁴

*E, anteriormente a esse episódio, Jesus já não dera a seus apóstolos autoridade sobre espíritos imundos para os expelir, e para curar toda a sorte de doenças e enfermidades?*⁶⁵

*E qual foi sua última promessa, antes da Ascensão, ao se despedir de seus apóstolos? Ele afirmou que esses sinais acompanhariam os que creem em todos os tempos, que estaria com eles até a consumação dos séculos, e que esses novos discípulos, então, em seu Nome, expeliriam demônios, fariam novas línguas, curariam enfermos pela imposição das mãos!*⁶⁶

E por que você acha que os “milagres, prodígios e sinais”⁶⁷ produzidos pelo Curandeiro Divino são as mais bem documentadas ações dos Evangelhos? Por que são as mais ricas e variadas, possuem tantas testemunhas e foram narradas com imensa riqueza de detalhes? Foi um acaso? Não. Isso se deu porque esses fatos deviam passar aos homens como irrecusáveis, naturais, passíveis de serem efetuados pelos seus seguidores.

Que haja grande estranhamento dos homens de ciência quanto a esses pontos é de se entender, mas constatar isso tantas vezes entre os que se dizem seguidores do Cristo é incompreensível – pois há entre esses últimos muitos que – na defesa fanática de dogmas envelhecidos – se arremetem enfurecidos sobre os veros fenômenos de cura, com acusações de fraudes, de mistificações, de ações diabólicas.

⁶⁴ Nota do Editor: “Naquela mesma hora curou Jesus a muitos de moléstias e flagelos e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos.”/ “Então Jesus lhes respondeu: Ide, e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados...” - Mateus 11,2-6; Lucas 7,18-23

⁶⁵ Mateus 10,1

⁶⁶ Marcos 16,15-18; Mateus 28,20

⁶⁷ Atos 2,22

E recorde-se que Jesus ensinou textualmente a tolerância e o respeito para com o ministério dos que não pensam ou agem como nós, dizendo aos apóstolos que censuravam um homem que expelia demônios em nome do Cristo: – Quem não é contra nós, é por nós. ⁶⁸

Mas haverá um dia – muito em breve, creia-me! – em que médicos e cientistas da Terra trabalharão em harmonia e em concurso com os do Plano Espiritual – pois que se trata de uma e da mesma humanidade – na pesquisa das causas e das curas dos males físicos e espirituais do homem, visto que não se pode curar o corpo sem cuidar do Espírito.

É da Lei que homens da ciência e homens da fé se associem, para que juntos Fé e Ciência possam minorar o sofrimento humano – este que será tanto maior quanto os homens insistirem em olvidar os milenares convites amorosos do Cristo. ⁶⁹

⁶⁸ Marcos 9,38-39; Lucas 9,49-50.

⁶⁹ Nota do Editor: O Espiritismo e a Ciência se completam mutuamente: a Ciência, sem o Espiritismo, fica impossibilitada de explicar certos fenômenos somente pelas leis da matéria; o Espiritismo, sem a Ciência, careceria de apoio e de controle. (A. KARDEC, A Gênese, Cap. I, n° 16.)

Os Curadores do Senhor

12 – UM PASSEIO AO PASSADO

*Alma gêmea de minha alma/ Flor de luz de minha vida/
Sublime estrela caída/ Das belezas da amplidão/
Quando eu errava no mundo/ Triste e só, no meu caminho,/
Chegaste, devagarinho,/E encheste-me o coração.*

(EMMANUEL, *Alma Gêmea*)

Nota pessoal escrita por Odamil Cezarino, São Paulo, março de 1963

“CONFESSO QUE DESDE O momento em que cheguei ao *Matungo* e pus os olhos em Afonsina não enxerguei a médium, e, sim, revi a minha *Heloísa*. E sei que também ocorreu o mesmo com ela: sabia, desde que me olhou nos olhos, quem eu era. Mais: sabia que eu viria e estava me esperando.

Só não segui o forte impulso de tomá-la em meus braços e beijá-la porque seu olhar me magnetizou e me pôs no meu devido lugar: um pesquisador em atividade profissional, e não um amante de outra vida. Seu olhar firme e sereno fez que eu respeitasse o lugar, as pessoas e a missão espiritual que ela cumpria.

Desde as revelações do Padre Benedito e Abengoza sobre o meu passado, não tivera nenhuma oportunidade de estar a sós com Afonsina. Ela seguiu com seus compromissos familiares e espirituais sem que eu me atrevesse a nada – nenhuma palavra, nenhum olhar, nenhuma insinuação sobre o nosso passado nem sobre os encontros no plano invisível, que agora, mais do que nunca, eu sabia terem sido absolutamente reais.

Corria, então, a tarde de quarta-feira do meu último dia no *Matungo*, quando recebi recado para ir vê-la em sua “cela” de reclusão e repouso. Foi com um choque que recebi a notícia, e

tremi de emoção e medo quando para lá me dirigia: eu pressenti que seria um reencontro com *Ocea* e não uma entrevista com *Afonsina*.

Era a *Lei de Sintonia* cumprindo-se na vida presente, a promover um *reencontro* em face dos *desencontros* do nosso passado. Para um ajuste? uma colheita? uma recapitulação? Não sabia bem o porquê.

Eu estava certo: não era *Afonsina* que me esperava, era *Ocea*. Vestia um longo vestido branco, os cabelos negros ondulados estavam soltos, os pés descalços. Parecia mais jovem, as feições mais delicadas, os dentes brancos e perfeitos, as mãos suaves. Não disse nada, apenas tomou-me a mão e me conduziu; parecia que flutuávamos e que estávamos invisíveis, pois ninguém nos viu sair e nos dirigirmos à mata, para as margens do córrego do *Sumidouro*.

Caminhava elegantemente e os pequenos e bem-formados pés pisavam vez os seixos da margem, vez as águas límpidas do riacho – pleft! pleft! – quando ela falou pela primeira vez. E não era a voz de *Afonsina*, era a de *Ocea*: a voz suave, o sotaque melodioso, a expressão correta, os temas antigos e pessoais: a distante Roma dos Césares, o nosso caso de amor, o desfecho doloroso...

Só ela falava, eu apenas ouvia encantado. Eu escutava o som de sua voz ou a compreendia telepaticamente? Não sei bem, pois eu ouvia – sim! – sua voz deliciosa, e compreendia o que ela falava nem sei bem em que língua.

Narrou-me vidas passadas em que desenvolvera os dons mediúnicos – como pitonisa, na Grécia, como curandeira de aldeia na Europa medieval e como enfermeira de um serviço de

Os Curadores do Senhor

ambulâncias, criado pela Senhora Walker, na América, na *Guerra da Secessão*⁷⁰, essa sua última encarnação antes do *Matungo*.

E seguiu falando de nossas vidas seguintes aos tempos de Roma, quando, por duas vezes, formamos pares apaixonados e atormentados, e, depois, de nossos encontros oníricos, até que suavemente beijou-me as mãos e disse:

– Adelfo, querido de tantos séculos! Vamos agora orar juntos, como fazíamos antes do amor, nos sonhos, em nossos encontros de anos atrás...

E assim o fizemos, num clima de indizível emoção e regozijo espiritual. Depois, olhou-me profunda e demoradamente nos olhos, e falou-me, emocionada, mas com voz forte e decidida:

– Doce amado de minha vida! Enfim nos reencontramos com plena consciência de nossas responsabilidades! Assumimos na presente reencarnação diversos compromissos à vista do nosso passado, e não devemos falhar outra vez! Essa é a grande oportunidade que temos de sublimar e purificar nosso relacionamento!

Estão conosco, no plano visível e também no invisível, os espíritos com que nos enleamos. Temos clareza de nossos compromissos. Não vamos pôr tudo a perder como de outras vezes! Muitos benfeitores empenharam-se com nossas reencarnações e de nossos parceiros. É esse o momento de conquistarmos mérito para que possamos permanecer juntos no futuro.

As cartas do jogo da vida estão postas; cada um de nós recebeu as suas, de conformidade com o merecimento de cada qual. Como vamos jogar e o resultado do jogo será fruto de nossas escolhas. Como podes

⁷⁰ Nota do Editor: V. Revista Espírita – ago/1867 – Senhora Walker, doutora em cirurgia

O. Curadores do Senhor

ver, Deus nos deu – a mim e a ti – os dons do espírito para orientar o nosso livre-arbítrio. Mais do que ninguém devemos agir retamente.

Hoje – nesta vida e nesta tarefa – eu não posso estar com meu Adelfo amado – nem em sonhos, sabes bem disso, eu tenho podido estar mais.

De modo que aqui e agora eu preciso – todos aqui no Matungo precisamos – na verdade, é de Odamil Cezarino – e de seus talentos de professor, pesquisador e diretor do IDMK.

Beijou-me docemente a face, retornou beirando o riacho e deixou-me ali, perplexo e mudo, a chorar copiosamente.”

13 – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Presidente-diretor deverá dedicar todos os cuidados aos interessados da Sociedade e da ciência espírita. Cabem-lhe a direção geral e a alta superintendência da administração, assim como a conservação dos arquivos.

(DO REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS)

Anotações feitas por Odamil Cezarino, São Paulo, março de 1963

A PALESTRA DESTE SÁBADO, no auditório da *Federação Espírita de São Paulo* (FEESP), proferida pelo professor José Herculano Pires, foi uma dessas raras oportunidades em que se juntam, numa única pessoa, a cultura, a generosidade e a firmeza na luta por um ideal, no caso o que ele chama de *Ciência Espírita*. Na verdade, esse foi o tema transversal sobre o qual discorreu, pois que sua palestra centrou-se na temática do livro que está preparando sobre a mediunidade de cura e os fenômenos produzidos pelo médium José Arigó, cuja faculdade o professor pesquisa há anos.

De saber multifário – escritor, professor de filosofia, jornalista, espírita atuante e tradutor de obras de Kardec – o professor Herculano desponta como uma das mais qualificadas figuras do meio espírita, e também da área de pesquisa de fenômenos psíquicos, curas espirituais e da parapsicologia, que ainda engatinha entre nós.

Seguem observações e notas de sua exposição e dos debates posteriores:

Ciência Espírita:

- A) Na fundação do Espiritismo, a Revelação Espiritual veio por meio do *Espírito da Verdade*, mas a Ciência Espírita (revelação humana) foi obra de Kardec. Por conta disso é que ele fundou uma sociedade de pesquisas (SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS - SPEE) e uma revista mensal de estudos espíritas (REVUE SPIRITE), que já adotava um título revelador: *Jornal de estudos psicológicos*.
- B) Apesar do pioneirismo e do gênio de Kardec, foi no Brasil que o Espiritismo se desenvolveu, muito mais do que na França. Mas entre nós há imensas dificuldades para implantação e desenvolvimento da Ciência Espírita.
- i. Falta de recursos e apoio, as universidades não se interessam, os homens de recursos, quando ajudam, preferem fazer a caridade material a investir em cultura e pesquisa. E mesmo algumas instituições espíritas agem assim.
 - ii. Por essa razão, instituições culturais deixam de ser constituídas, ou fecham ou se mantêm graças apenas ao denodo de seus fundadores ou dirigentes (INSTITUTO ESPÍRITA DE EDUCAÇÃO, SP; CLUBE DOS JORNALISTAS ESPÍRITAS, SP; BIBLIOTECA ESPÍRITA, SP; INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL, RJ).
 - iii. E assim também ocorre com revistas e edições espíritas, que saem de circulação ou ficam encalhadas nas prateleiras das livrarias (REVISTA EDUCAÇÃO ESPÍRITA; REVISTA ESPÍRITA, DA EDICEL, SP).
 - iv. Dificuldades semelhantes enfrentam hospitais e clínicas espíritas (SANATÓRIO ESPÍRITA, AMPARO, SP).

- v. O INSTITUTO PAULISTA DE PARAPSIKOLOGIA, cuja fundação deve ocorrer neste ano, já passa por dificuldades, mesmo antes de seu lançamento.

Mediunidade de cura:

- C) Repulsa dos meios científicos aos médiuns de cura. Poucos se atrevem a enfrentar cientificamente o problema, e se escondem em acusações de fraude, superstição, etc.
- D) Campanhas orquestradas por associações médicas, clérigos e outros adversários prejudicam o estudo científico dos fenômenos.
- E) O fenômeno é tratado como caso de polícia, quando deveria ser observado e estudado cientificamente.
- F) Os médiuns, geralmente pessoas simples, sem suporte de nenhuma natureza (nem da ciência, nem da universidade, nem de instituições espíritas), costumam ser tentados de várias maneiras, e, sem apoio e orientação, muitas vezes perseguidos e caluniados, costumam cair nas armadilhas da vaidade, do orgulho, da cobiça.
- G) Muitos se entregam à fascinação e desvirtuam ou perdem as faculdades; outros adoecem ou tornam-se obsedados.

Caso Arigó:

- A) De um rápido balanço dos fenômenos relatados por diversos médicos, e que foram entrevistados pelo professor Herculano, ele destacou o seguinte:

1 - Arigó age em estado de transe, pronunciando frases em alemão e falando português com sotaque alemão.

2 - Arigó comporta-se de maneira ríspida. Não procura clientela nem mostra desejo de conservá-la.

3 - As intervenções – tanto as operações quanto os chamados exames a ponta de faca – são feitas sem anestesia, sem assepsia, sem qualquer cuidado pré-operatório, sem ação hipnótica, aplicação de técnica letárgica, de acupuntura, de kuatsu, sem instrumentos ou ambientes adequados. Os pacientes não acusam dor e se mostram conscientes durante o ato, respondendo a perguntas.

4 - Os diagnósticos são feitos por meio extrassensorial, inclusive a distância.

5 - Os diagnósticos, as receitas e as operações são efetuados com extrema rapidez.

6 - Arigó deixa a faca ou o bisturi pendurados nos olhos dos pacientes, depois de enfiá-los entre o globo ocular e a pálpebra, na direção da arcada superciliar. Move a faca ou o bisturi na região ocular sem o menor cuidado, com violência, voltando o rosto para outro lado e sem provocar ferimentos. Produz com a faca a protrusão do globo ocular.

7 - Arigó produz a hemostasia e a coagulação do sangue por meio de ordens verbais ou simples aplicação de pequenas mechas de algodão.

8 - Arigó identifica pessoas entre o povo, inclusive médicos que pretendiam observar anonimamente os fenômenos.

9 - Arigó limpa a faca ou o bisturi nas mãos dos circunstantes ou em suas roupas e depõe nas próprias mãos as peças anatômicas extraídas.

10 - Arigó produziu na presença de um médico a cicatrização imediata de uma incisão para extração de quisto sinovial, deixando no lugar "apenas uma leve cicatriz."

- B) O professor Herculano Pires expôs o resumo da teoria que desenvolverá em seu livro sobre as curas paranormais realizadas por José Arigó.

Segundo ele, o "fenômeno Arigó" pode ser visto sob três abordagens: *a mitológica, a inconsciente ou a espiritual.*

- C) Ao final dos trabalhos foram feitos comentários sobre o filme-documentário produzido pelo escritor e jornalista Jorge Rizzini. O jornalista esteve, nesses anos 1960, diversas vezes em Congonhas, MG, entrevistando, fotografando e filmando o médium. O filme que produziu sobre o Arigó e suas cirurgias (8 mm, quarenta minutos) vem sendo divulgado por todo o País.

PONTOS FUTUROS PARA ESTUDO, REFLEXÃO E DEBATES:

Nesse campo movediço das curas paranormais, nas quais acreditamos, devemos atuar como pesquisadores e não como crentes fanáticos de um credo qualquer. Aqui as hipóteses explicativas dos fenômenos devem ser incessantemente investigadas, pois, em ciência, as verdades hão de ser sempre provisórias.

Sendo assim, temos de estabelecer meios, desenvolver métodos e conseguir pessoas capacitadas para o empreendimento.

Essa é a síntese do pensamento dominante entre os colegas presentes à palestra com quem conversei. À vista disso, há pontos que devo analisar e discutir, no âmbito de minha equipe e do IDMK, como estes que me ocorrem agora:

- a. As metodologias de pesquisa a serem seguidas.

O. Curadores do Senhor

- b. A questão da precisão dos diagnósticos, da realização de exames e do acompanhamento do enfermo e da evolução da cura (ou da doença).
- c. Os aspectos legais do exercício da cura paranormal, em face do *Código Penal* e dos órgãos de fiscalização do exercício da Medicina.
- d. O aperfeiçoamento da legislação acerca das curas paranormais, à vista das pesquisas científicas e da legislação existente em outros países (Inglaterra, EUA, etc.).
- e. Os locais apropriados (laboratórios, hospitais, clínicas) para a pesquisa dos fenômenos, porquanto costumam ocorrer em qualquer lugar e meio.
- f. A relação institucional com universidades, instituições e órgãos públicos do País, que possuam interesse na área, visando à produção acadêmica (pesquisas, monografias, teses).
- g. A política de defesa das curas paranormais e de divulgação das pesquisas científicas dessa área;
- h. O estabelecimento de canais permanentes de intercâmbio e troca de experiências com estudiosos, autores e instituições do Exterior.

PS – Estabelecer que, ao final do processo de discussão desses pontos, deverá ser produzido um Relatório Técnico [Report], expondo a questão, resumindo os estudos e debates realizados e firmando posição sobre cada um deles. Esse documento será divulgado interna e externamente ao IDMK, e representará o atual pensamento da instituição e servirá de base e orientação para futuras pesquisas, estudos e debates.

14 – UM ALMOÇO FRATERNAL

(...) o que caracteriza a revelação espírita é que sua fonte é divina, sua iniciativa pertence aos Espíritos e sua elaboração é fruto do trabalho do homem.

Os Espíritos não vêm eximir o homem do trabalho de estudar e pesquisar; não lhe oferecem nenhuma ciência já completa; naquilo que possam fazer por si mesmos, deixam-no depender de seus próprios esforços.

(ALLAN KARDEC, *A Gênese*, Cap. I – nºs 13 e 60)

São Paulo, hora do almoço, num dia de junho de 1963

CEZARINO CUMPRIMENTOU O professor, que chegara à cantina todo encasacado, à vista da garoa persistente, que caíra por toda a manhã na capital paulista. Era um local pequeno, mas aconchegante, e ele escolhera uma mesa afastada, onde podiam conversar. No cardápio: *A Mediunidade*.

– Prezado Dr. Cezarino, tenho acompanhado suas atividades no IDMK, bem como os artigos que publica. É importante para o desenvolvimento da ciência espírita que pessoas como você, de fora do movimento, mas de espírito livre de sistema, preparadas e bem-intencionadas estejam estudando os fenômenos paranormais e apoiando projetos de pesquisas nesta área.

– E o livro sobre as curas paranormais, quando vai sair?

– Ah, está em fase de revisão final. Deverá estar nas livrarias, sem falta, neste segundo semestre.

– Pois essa questão da mediunidade, da dificuldade, dos escolhos sobre o seu exercício, é um dos pontos mais sensíveis do Espiritismo. E olha que Kardec cercou de extremos cuidados tudo que se refere aos médiuns e à prática mediúnica, incluindo a mediunidade de cura, que essa, meu caro, é ainda pior. Mais complexa, mais controvertida, mais sujeita a desvio e corrupção.

.....
– *Digo com toda ênfase: é lamentável e perigosa a situação dos médiuns de cura, entre nós. São tratados como caso de polícia, não recebem apoio de nenhuma instituição universitária, nem de qualquer outra, nem mesmo das espíritas. Sem orientação, sem apoio, sem defesa mental ou espiritual, assediados por encarnados interesseiros e espíritos perturbados, sujeitam-se a todos os riscos: inquéritos penais, depauperamento mediúnico, perversão da faculdade, processos obsessivos. É uma pena, mas é a dura realidade.*

.....
– *Em nosso tempo, no que se refere à mediunidade, Kardec foi o mais representativo dos investigadores e teórico pioneiro. E foi também o primeiro a escrever um completo tratado sobre o tema – O Livro dos Médiuns, no qual podemos encontrar informações preciosas sobre o diagnóstico, o desenvolvimento, a prática e a segura orientação para o seu exercício.*

– *Você tem razão, trata-se de formidável roteiro de caráter médico-científico, teórico-filosófico e ético-moral para a prática mediúnica, se posso me expressar assim.*

.....
– *O que muita gente não sabe, e eu tenho falado bastante sobre isso, é que a que a mediunidade não é uma invenção espírita. Médiuns sempre os houve, em todos os povos e em todas as épocas. Eram médiuns os sacerdotes dos oráculos, as pitonisas, os profetas, como o são os xamãs e os pajés dos povos selvagens ou semisselvagens atuais.*

– *E como a mediunidade é de todos os tempos, vamos encontrar ao longo da história incontável número de fatos supranormais, bem como tentativas de controle e instruções para o bom exercício mediúnico.*

.....

– Bem me lembro de Moisés – os textos mosaicos contêm, na verdade, não uma proibição, mas uma regulação da mediunidade, que, por aqueles tempos, misturada a mitos e ritos oriundos do Egito e de influências de outras culturas primitivas, tornara-se objeto de intensos abusos por parte de agoureiros, feiticeiros, necromantes.⁷¹

– Isso, como se sabe, é o uso corrompido da faculdade.

– Sim, mas está evidente na passagem de Eldade e Meldade que Moisés não proibia a prática mediúnica virtuosa; antes, a incentivava.⁷²

– Claro, basta recordar que, na elaboração da Septuaginta⁷³, a palavra **profeta** [do grego PROPHETES] foi a escolhida para traduzir o termo hebraico **nabi**, o qual possui o significado de vento, sopro, espírito, e, ao corrente, tinha o sentido de “aquele que falava por meio do Espírito de Deus”, o que, em suma, é o **médium**.

.....

– No Antigo Testamento há ainda uma preciosa passagem que se deu com Balaão, na qual, instado por Balaque a perverter o dom mediúnico, recusou terminantemente as recompensas que o rei lhe prometera.⁷⁴

– É verdade, e o fez orientado por seu guia espiritual, que o advertira acerca do caminho que estava seguindo, atraído por valores materiais.⁷⁵

⁷¹ Levítico 19,31; 20,27

⁷² Números 11,27-29

⁷³ Nota do Editor: *Septuaginta* é o nome da versão da Bíblia hebraica para o grego.

⁷⁴ Números 24, 12-13

⁷⁵ Números 22,28-32

– No Novo Testamento vamos encontrar diversas referências, mas tenho como mais expressiva a epístola de Paulo acerca dos dons espirituais,⁷⁶ que praticamente se constitui num “pequeno livro dos médiuns”.

– Ah, concordo, ali o apóstolo se reporta, sinteticamente, a diversos aspectos da mediunidade, que Kardec desenvolveu posteriormente.

– E você naturalmente se recorda da passagem de Elimas, o mágico, que tentava perverter os caminhos do Senhor, a quem Paulo cegou, mediante uma ordem espiritual.⁷⁷

– Sim, e também da que ocorreu com Ceva e seus filhos⁷⁸, aquele grupo de exorcistas ambulantes e falsos, que o próprio espírito obsessivo tratou de pôr a correr, quando tentavam praticar exorcismo usando o nome do Cristo.

– Há ainda duas passagens significativas em Atos dos Apóstolos para o estudo da mediunidade nos tempos apostólicos. A primeira⁷⁹ evidencia a universalidade do dom mediúnico: Pedro e João desenvolvem, pela imposição das mãos, dons mediúnicos em habitantes da Samaria, povo historicamente desprezado pelos judeus por causa de diferenças de raça, de política, de religião.

– A segunda demonstra que o dom não pode ser adquirido, isto é, o dom é natural, inato, e depende mesmo de condições fisiológicas, das quais o médium é dotado pelo nascimento. É o caso de Simão, o mago, possuidor de algum tipo de mediunidade, que utilizava interessadamente. Pois bem, ele quis comprar o poder de impor as mãos e desenvolver nas pessoas o dom de receber espíritos, mas

⁷⁶ | Epístola de Paulo aos Coríntios, cap. 12.

⁷⁷ Atos 13, 8-11

⁷⁸ Atos 19,13-16

⁷⁹ Atos 8,14-17

*Pedro o admoesta severamente dizendo que não se pode comprar com dinheiro o dom de Deus.*⁸⁰

– De fato, meu caro. Além disso, esse Simão passou à história também, porquanto de seu nome derivou-se a palavra simonia, que significa o tráfico de coisas sagradas ou espirituais, tais como sacramentos, dignidades, benefícios eclesiásticos, etc.

.....

– Então, professor, resumindo nossa agradável palestra de hoje:

– A mediunidade não se trata de poderes infernais ou angélicos, nem de desconhecidas potências cerebrais ou resíduos de percepção animais, nem manifestação do inconsciente e que tais.

*– Exatamente, meu caro Dr. Cezarino. É tão somente o que dela disse Kardec – uma faculdade humana.*⁸¹ *Apenas isso.*

.....

– Foi um prazer conversar com o senhor, estimado professor. Muito obrigado por esse agradável encontro.

– Igualmente, Dr. Cezarino, espero revê-lo em breve.

.....

⁸⁰ Atos 8,9-11.18-24

⁸¹ Nota do Editor: A fé é *humana e divina*. Se todos os encarnados se achassem bem convencidos da força que trazem em si, e se quisessem pôr a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o que, até hoje, eles chamam prodígios e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas. (A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Cap. XIX, 12).

Os Curadores do Senhor

15 – AS TENTAÇÕES DO BOLSO

A mediunidade é uma coisa sagrada, que deve ser praticada santamente, religiosamente. E se há uma espécie de mediunidade que requer esta condição de maneira absoluta, é a mediunidade curadora.

(A. KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVI)

Aguinhas, numa manhã do início dezembro de 1962

PASSAVA POUCO DAS DEZ HORAS quando solavancos e rangidos de freios o acordaram mais uma vez. Estava cansado, mal dormido e agastado com aquele trem desconfortável da *Rede Mineira da Viação-RMV* – não obstante viajasse na primeira classe – e com as inúmeras paradas e baldeações que consumiram uma noite e parte da manhã no trajeto entre São Paulo e Aguinhas. Não quisera correr o risco de vir de ônibus ou de automóvel, em razão das fortes chuvas que castigavam a região Sudeste naquele final do ano, especialmente a *Serra da Mantiqueira*. Além disso, tinha compromissos importantes na cidade, que deveriam ser concluídos nessa viagem, que pretendia fosse a última do ano, antes das festas e das férias de janeiro, que seriam especiais, como prometera à linda mulher, com quem se amancebara recentemente. Afinal, fora um ano de sucesso, vendas bem acima das metas, três “contratos de exclusividade”...

Aguardou impacientemente as bagagens, pois embora poucos fossem os passageiros que desciam naquela estação – *Parada Melo*, ele pôde ler na chegada – suas malas eram numerosas e abastadas. Quando, enfim, essas foram aviadas, o carregador lhe pareceu lento demais. Irritado, foi esbravejando: – *Vamos, vamos, depressa! Eu tenho compromissos urgentes!* – ao mesmo tempo que batia a bengala encastoada no carro de rodas empurrado pelo maleiro.

A parada dava acesso ao *Hotel Imperial*, onde se registrou apressadamente, instalando-se num apartamento de frente, no último andar. Após acomodar as bagagens, abriu a janela – e contemplou a bela paisagem que ao fundo o *Cassino de Lambari* e o *Lago Guanabara* lhe ofereciam. – *Um cartão postal europeu!* – exclamou. *Ah, Europa! No próximo ano hei de estar por aí!* – pensou consigo mesmo. Então, respirou fundo o ar fresco e úmido daquele resto de manhã e procurou se acalmar, tentando programar mentalmente seu dia de trabalho.

Dorgival Dalapa fazia mais uma viagem a Aguiinhas, onde precisava concluir importante negócio que vinha entabulando. Recordou-se que meses antes conhecera os trabalhos da curandeira Afonsina do *Matungo* e viu ali grandes oportunidades de negócio para o laboratório que representava; há anos fora destacado pela diretoria da empresa farmacêutica para atuar nesse mercado promissor – o dos curandeiros receitistas. Na verdade, era um veterano, um remanescente do antigo *Laboratório Charotti*, que fora completamente reformulado pelos herdeiros, depois que o velho Charotti, – o dr. *Conde*, como era chamado – se aposentou e passou o negócio para os filhos. Esses reestruturaram a empresa, associando-se a um grupo estrangeiro, e traçaram ambiciosos planos de crescimento e modernização.

Com a tecnologia e a orientação mercadológica dos sócios estrangeiros, vieram novos produtos, novos métodos, novos mercados, novo marketing. Uma linha de produtos de beleza foi criada – a linha *Conde*; produtos farmacêuticos de apelo popular foram lançados: analgésicos, digestivos, pomadas; a antiga linha fitoterápica foi remodelada: nomes soantes, embalagens coloridas e atraentes. A essas novidades, o grupo aliou a confecção de almanaques, o patrocínio de programas de auditório (e até mesmo o de um programa vespertino, na TV), a intensa propaganda em jornais e revistas, nos quais um famoso

atleta de futebol cantava as glórias de um fortificante, a execução de jingles populares nas rádios de todo o país, além de uma gigantesca campanha junto à classe médica e farmacêutica: generosas amostras grátis, distribuição de livros e publicações médicas e farmacêuticas, brindes, convites para eventos e conclaves de medicina. E no plano operacional, grande incentivo à “empurroterapia”, com o chamado *Plano Half*: para cada caixa fechada de medicamento, cinquenta por cento de desconto!

Dalapa tinha pressa e por isso não desceu para o almoço, preferindo comer uma refeição leve no quarto. Depois se aprontou elegantemente: terno de linho branco *Sizo*, camisa de seda, gravata borboleta, sapatos de verniz; e se compôs com abotoaduras, relógio de ouro, excesso de perfume, chapéu de palhinha e a bengala de castão de prata. E com uma vistosa capa de chuva emborrachada e galochas de cano alto, superou com pompa e pose a roupa inadequada e a fina garoa que caía.

Voltada às classes populares, a *Charotti* concentrou inicialmente sua atuação no Norte de Paraná, interior de São Paulo, Oeste de Goiás, Leste do Rio de Janeiro e Sul de Minas Gerais. E nessa extensa região saiu à procura dos receitistas – padres, pastores, médiuns e curandeiros que praticavam algum tipo de “receituário”. Esse era o campo de atuação de Dorgival Dalapa. Habilidade e experiente, ele sabia ganhar a confiança do *entourage* que costuma viver à roda de “missionários”, “milagreiros” e “curandeiros”, e desses se aproximou, especialmente de sua parentela, para aguçar-lhes os interesses e a cobiça.

– *Veja* – ele dizia, insinuante nos modos e na figura, a seus interlocutores – *é uma questão de oportunidade e de bom senso... Não está vendo a mão de Deus dando uma chance de ouro? Ele concedeu um dom extraordinário, que dá a poucas pessoas e não se pode deixar passar... Pense no futuro, não se pode contar*

eternamente com essa atividade, ela é incerta, você sabe bem disso... Vivemos tempos difíceis... Quanto custa receber e atender a todas essas pessoas? Sei que não cobram, mas a maioria é pobre, não pode mesmo ajudar com nada... Além disso, pode haver problemas com a polícia ou com a justiça. Isso custa muito dinheiro... Esse poder pode minguar, ou se esvair completamente... Ou ainda, o que é pior, o curador pode adoecer, ou até mesmo morrer... Conheço casos assim. Sei de um, por exemplo, que ocorreu no Paraná, em que...

E, em concomitante, afagos, convites, presentes. E as pessoas não percebiam, ou se iludiam, ou se deixavam fascinar pela fingida deferência com que eram tratadas. Muitas eram criaturas modestas, sem instrução; outras, simples, ingênuas; algumas, espertalhonas, gananciosas. Todos, seres humanos falíveis. Fraca é a carne e não há quem não tenha laivos de ambição, não almeje riqueza, poder, glória, posição social. E, finalmente, lançava-se a proposta: gordas comissões para preferencial “prescrição” dos produtos e remédios do aproveitador.

Exatamente às quatro horas da tarde daquela quarta-feira, dia 5 de dezembro, Dalapa desceu do jipe de dupla tração e correntes nas rodas que alugara a um comerciante local, dado que os táxis da cidade não davam conta de chegar ao *Alto do Matungo*, subindo a serra escorregadia. Evitou uma poça d’água e alcançou um pequeno passeio de tijolos. Correu os olhos à sua volta e sorriu malicioso quando viu o “progresso” do local e disse para si mesmo: – *Ah, começaram a rezar pela minha cartilha!*

De fato, nos contatos anteriores, Dorgival não só oferecera vantagens e ganhos, como também fora gradativamente adiantando recursos e orientando a remodelação do lugar: construções de alvenaria, passeios, estacionamentos, uma venda, uma capela, um bazar, banheiros e chuveiros coletivos, um

incinerador de lixo e até mesmo uma pequena farmácia, cujo estoque inicial fora suprido com produtos do seu laboratório.

– Depois – quem sabe? – vamos pensar em levantar uma pensão, que as romarias estão aumentando muito – ele dissera.

Pelo passeio, tomou o rumo da casa, à procura dos familiares de Afonsina. E aspirando o ar uma, duas vezes, ensaiou o tom de voz e o maneira de falar, afeiçoando-os aos modos das pessoas simples daquele alto de serra, tirou a capa e as galochas, bateu os respingos de chuva do chapéu, compôs a roupa no corpo e entrou pela porta sem bater, confiado que era pessoa de casa e que estava sendo esperado. E foi dizendo:

– Seo Fagundes, como vão as coisas? E vocês, meus jovens, como têm passado? Dona Afonsina está lá no seu retiro, não é? Deus a guarde e a todos vocês também.

Apertou fortemente as mãos e abraçou a cada um dos presentes, que não se mostraram tão expansivos, constrangidos pelo perfume e pelas roupas e maneiras daquela esfuziante visita. E o bem-falante prosseguiu:

– Pois eu vejo que houve muito progresso por aqui. Isso é muito bom. É, seo Fagundes, não é fácil não negociar com mineiros, meu pai sempre falou isso. Mas o senhor soube mesmo enxergar e aproveitar uma oportunidade de ajudar as pessoas e também ganhar bom dinheiro.

À medida que falava, para enfatizar o que dizia, gesticulava, sorria, olhava diretamente nos olhos de seus interlocutores – e ouvia atentamente suas respostas, estudando-lhes o pestanejar dos olhos, as expressões faciais, o balanço do corpo, a agitação dos braços, a movimentação das mãos. E, conforme os observava, deles se aproximava, tocando-os levemente nos braços ou nos

ombros, em estudada medida, pois sabia que aqueles mineiros simplórios, criados num ambiente rural, eram tímidos e arredios, e desse modo não devia invadir-lhes a intimidade, e sim mostrar-se próximo, amigo, confiável. Mas esses eram presas fáceis, cândidas rolinhas atraídas por quireras e presentes baratos ao alçapão do vendedor. E as obras? Ora, essas eram investimentos, que centenas de receituários por semana haveriam de recuperar em breve tempo.

– Deve-se ter espírito empreendedor em qualquer área, mesmo nas “atividades de cura”. Como em qualquer negócio: melhores instalações, maior clientela, mais receituário, mais lucro – costumava pregar nas reuniões de trabalho da empresa para justificar seus métodos de vendas.

E foi seguindo com aquela conversinha habilidosa, tecendo sua trama, lançando sua teia. E avançou, preparando caminho:

– Trouxe algumas lembrancinhas pro senhor mais dona Afonsina e os filhos também, estão no jipe, o motorista já vem trazendo os pacotes. Espero que sejam do agrado de vocês, especialmente os cortes de fazenda, Conceição. Foi minha mulher quem escolheu num magazine do Rio de Janeiro. Coisa muito chic... Gostei de ver as obras, Cirino, estão em bom ritmo, mas é bom apressar que a chuva desse ano está prometendo... E as vendas da farmácia, como vão indo, meu caro Benevides? Novo lote de mercadorias já foi despachado, chega em breve pela Rede, você vai ser avisado... Ah, seu Fagundes, tenho boas notícias sobre a pensão: se houver um aumento nas vendas, a firma vai mandar...

Só diminuiu a falação quando serviram um café, que ele bebericou enquanto mordida afetadamente um pedaço do bolo de fubá que Conceição lhe oferecera.

– Café do sítio – disse – especiaria que só mineiro do Sul de Minas sabe produzir. Um colosso! Quero a receita desse bolo, uma delícia, quem foi que fez?

Com duas ou três miradas, o olho clínico do vendedor pôde constatar os efeitos de sua conversa no espírito da família Reis, como já notara a melhoria de vida daqueles roceiros: a pintura da sala, o piso cimentado, os móveis, o rádio *Shepard*, e bem assim as roupas, sapatos e relógios novos que os donos da casa exibiam.

Depois, afastou-se um pouco, e falando mais baixo chegou-se ao filho do meio – e os lábios venenosos aplicaram o golpe final:

– Benevides, trouxe comigo aquele contratinho, para que seus pais assinem, conforme conversamos da última vez... Você sabe bem, eu não posso sair daqui sem as assinaturas...

Na verdade, no início, em que pese o assédio de Dorgival e de suas insistentes ofertas e sugestões, Fagundes resistia, mesmo porque Afonsina não aceitara sequer discutir o assunto. Mas o velho acabou cedendo, pressionado pelos filhos homens, principalmente por Benevides, já que Conceição, muito jovem, geralmente apoiava as decisões da mãe. Depois, pedira mais um tempo para convencer a mulher, que continuava irredutível. E obter a assinatura da madrasta fora uma promessa pessoal de Benevides, que, velhaco e de olho cobiçoso nos lucros da farmácia, exigiu, para esse esforço extra, um aumento no percentual da comissão, alegando que outros representantes também estavam oferecendo vantagens.

O contrato tratava-se de um documento leonino de uma só via, mediante o qual se dava exclusividade para os produtos da *Charotti* na farmácia local e larga preferência nos receituários. Espertamente, esses contratos ficavam em poder de Dorgival, e nem mesmo seus patrões sabiam desse procedimento, pois todas

as técnicas de vendas do grupo, embora muito criticadas naquele ramo de atividade, se faziam de acordo com meticulosos estudos e avaliações econômicas e jurídicas. Os vendedores eram treinados e orientados a seguir rigorosos procedimentos de divulgação e de vendas. Estimular negócios mediante prêmios, presentes e descontos expressivos, isso é uma coisa, isso é admissível e defensável, juridicamente, inclusive, lhes parecia, mas aqueles contratos eram confissão escrita de uma conduta claramente irregular, que poderia gerar processos contra a empresa; por isso o vendedor os trazia guardados a sete chaves; era uma “garantia pessoal”, com que cercava “suas vendas” e “investimentos”; era um segredo seu e de sua nova mulher, que vinha resultando em elevados ganhos.

Infelizmente, por essa época, alguns laboratórios viam os médiuns como “curandeiros profissionais”, que agiam com os próprios recursos, com seu magnetismo pessoal, e não acreditavam que seus supostos poderes não proviessem deles mesmos, e sim dos espíritos. E Dalapa era dessa mesma escola, e nesse *métier* os novos associados da *Charotti* pouco lhe ensinaram com seus “modernos métodos de vendas.” Para ele tudo se resumia a um talento do curador, que podia gerar “bons negócios” e trazer benefícios para ambos os lados, mesmo que precisasse o vendedor cingir-se a interesses subalternos ou conduzir-se inescrupulosamente.

Quando desceu a *Serra das Águas*, já de noitinha, a chuva aumentara um pouco, mas não chegou a causar prejuízo àquele longo trecho escarpado. Trazia um contrato assinado por Fagundes e Afonsina Paulo dos Reis. Não tinha certeza se a assinatura de Afonsina era mesmo dela, porque a letra parecia um pouco diferente: menos calcada, mais hesitante. Possivelmente Benevides falsificara a letra, como já vinha fazendo em certos receituários. Mas isso pouco se lhe dava,

mesmo porque se tratava de neles incluir produtos da *Charotti*, comercializados na farmacinha do *Matungo*...

Além de tudo o mais, possuía a tranquilidade de que “papel escrito” tem efeito certo sobre as pessoas sem instrução. Como ele próprio “fiscalizava” o cumprimento dos contratos, ao menor deslize fazia ver os perigos que o “contratado” corria, caso uma “falta”, um “desentendimento” tivessem que ser discutidos na justiça. Então, mudava de tom e dizia ameaçadoramente:

– Num caso desses, meu prezado, as pessoas ficam sabendo, e não será apenas a desmoralização, a clientela vai se afastar, os médicos, a polícia, o promotor vão tomar providências, e terão de responder a processos em penca... Olha bem, esse contrato, no fundo, é mais do que isso. É, na verdade, uma confissão escrita de vários crimes!

E mostrava os artigos do Código Penal que tratam do *Curandeirismo*, com a habilidade de um espertíssimo rábula de porta de cadeia. E concluía triunfante:

– Afinal, fazer diagnóstico, realizar cirurgias, prescrever remédios, não se sendo médico, é crime!

Com um indisfarçável sorriso nos lábios, veio antegozando seus próximos passos: ligar para a amásia e sonhar e namorar ao telefone; no dia seguinte correr cheio de confiança as farmácias do *Circuito das Águas*, oferecendo boas ofertas, grandes descontos, despachando mercadorias muito além dos pedidos, na certeza que as vendas não se fariam esperar; e, por fim, tomar o trem de volta para São Paulo, com todas suas metas comerciais do ano de 1962 superadas.

Os Curadores do Senhor

16 – UM PRESENTE DE ANIVERSÁRIO

O Espírito não é assim um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber; é um ser real, circunscrito, que, em certos casos, é apreciado pelos sentidos da visão, audição e tato.

(ALLAN KARDEC. *Livro dos Espíritos, Introdução, VI*).

Interior de São Paulo, 12 de maio de 1956.

A ELEGANTE PICKUP *STUDBAKER* verde-escuro trazia os vidros fechados e há horas rodava vagarosamente pela estradinha rural que era só buraco e poeira. Diminuí a marcha, entrou numa quebrada à esquerda e em alguns minutos encostou próxima a modesta casa, típica das roças do interior paulista. No terreiro, surgiu um casal de sitiantes, acompanhado de um rapaz e uma moça, que pareciam vestir roupas domingueiras, conquanto fosse um dia de sábado. Era o casal Gervásio e Eufrásia Potti, e seus filhos, que esperavam ilustres convidados para uma festa de aniversário. Do veículo, sobraçando embrulhos de presentes, desceram Marlita e Alberto.

Eufrásia se adiantou, e disse, no seu linguajar simples de roceira com acento italianado:

– *‘Tamo qui tamém cum vistido di fésta, dona Marlita. Acho qui Davizinho vá gostá!*

E todos se abraçaram comovidos, olhos marejados, um choro surdo das mulheres. Há poucos meses, o casal Maio-Knuper havia encontrado naquela mulher simples e analfabeta, que em quarenta e oito anos de vida poucas vezes saíra da zona rural em que se instalara ainda criança, oriunda das levas de migrantes trazidos para as fazendas de café do interior do estado, o que

médicos, cientistas e sábios de várias partes do mundo não lhes puderam dar: o imenso consolo de saber vivo o filho desencarnado, e poder abraçá-lo e com ele conversar.

A médium discreta e obscura fora descoberta por experimentadores da capital havia algum tempo. A estranha faculdade sempre lhe criara problemas, e por isso manteve-se afastada o quanto pôde de curiosos e exploradores. Atendia a poucas pessoas, e no caso de Marlita e Alberto consentiu em produzir os fenômenos porque o guia controlador dos trabalhos dera uma ordem incisiva e o seu coração enternecido sentira toda dor e sensibilidade do coração de Marlita. Mas naquele dia havia ainda um motivo especial, uma comemoração: Davi completaria dez anos.

Na verdade, tratava-se não somente de uma médium, mas de um grupamento de médiuns. Se a faculdade de Eufrásia era extraordinariamente ostensiva, um fenômeno daquela dimensão não se produzia sem o concurso dos demais familiares fornecedores de energia espiritual. Isso, e mais a presença de entidades espirituais, a direção dos trabalhos e a postura evangélica durante as sessões, lhes fora ensinado por espíritas da região da Alta Paulista, que, anos atrás, socorreram a família, então diante de um quadro de espíritos perturbadores, atraídos pelas faculdades mediúnicas ainda brutas e descontroladas da pobre roceira.

Na pequena sala da casa, as portas e janelas foram fechadas e vedadas por cortinas. Apenas alguns pequenos fios de luz, que vazavam por frestas do telhado, é que permitiam uma fraca visão de vultos de pessoas sentadas em torno de uma mesa. Recostada a travesseiros numa cama improvisada, Eufrásia, profundamente pálida e num transe profundo, encontrava-se em tão completa letargia que quem a visse diria que não respirava; de seu ventre, boca, narinas e ouvidos emanava certa substância esbranquiçada,

e uma massa branca vaporosa foi moldando um pequeno rosto de criança. Alguns instantes depois, a forma se ampliou e pareceu adquirir tronco, braços, pernas. Mais algum tempo e os presentes puderam ver como se fora o feitiço vago de um menino, e a figura algo luminosa, lentamente, deu um, dois, três passos, e um juvenzinho acercou-se de Marlita, abraçou-a, sentou-se em seu colo, e disse:

– Mãe querida, que alegria vê-la de novo!

E beijou delicadamente suas faces, tocou-lhe as mechas louras do cabelo, aspirou o seu perfume e estendeu uma das mãos para seu pai, que estava ao lado. Marlita, que derramava fartos prantos, pôde ver uma vacilante lágrima cair e escorrer pelo rostinho do filho amado. Alberto, emocionadíssimo, só fazia olhar para o filho, balançar ligeiramente a cabeça como que não acreditando no que via e sentia, e afastar com a mão livre as lágrimas pungentes, que teimosamente desciam queimando-lhe a face.

E por um breve tempo armou-se uma cena familiar, de espantosa realidade: mãe, pai e filho abrindo presentes, se acariciando, se abraçando, se beijando. Mas logo o menino disse:

– Meus pais amados! Não posso mais me demorar, tenho outros compromissos no mundo em que ora me situo. E hoje devo me despedir de vocês. Não voltarei mais a essas sessões benditas, propiciadas por essas pessoas humildes, mas extraordinárias, a quem nunca mais deixarei de amar e agradecer.

Ainda que na penumbra, os olhos de Alberto e Marlita se procuraram assustados, e eles nervosos deram-se as mãos, pois fora imenso o golpe que a notícia inesperada lhes trouxera. De algum modo, inquietavam-se por esse dia, mas foram pegos de surpresa, e numa data tão especial. E Davi continuou:

– Gostei muito dos presentes, mas como sabem não tenho como levá-los nem me serão úteis onde me encontro, mesmo porque parece que o meu tempo de brincadeiras já passou. Fui informado, pelo mesmo padre bondoso que me socorreu após minha passagem, de que outras experiências me aguardam. Mas eu tenho um último pedido a fazer, e será o melhor presente que vocês jamais me deram ou poderão dar.

E o menino, então, disse: – *Papai, toda a fortuna de...*

Depois disso, só muito lentamente Marlita e Alberto conseguiram se recompor; a emoção daquele momento divino os deixara extasiados e exaustos. E como que para chamar os pais à vida, Davi beijou-os demoradamente, e, num tom que já não lembrava o menino, pediu-lhes:

– Por favor, não chorem. Nós vamos estar sempre juntos e vamos nos encontrar outras vezes, em outros planos, em outras vidas. Levem com vocês essa certeza da imortalidade, que agora é minha e deve ser de todos nós. Estendam-na aos meus avós queridos. Estendam-na a quantas pessoas puderem. Não se esqueçam do meu pedido.

Voltando-se para Alberto, o menino disse: – *Papai, eu sei que você vai realizar o meu sonho.* E passou-lhe um pedacinho de papel dobrado, dizendo:

– E no dia que fizer isso, você deve reunir a família, orar, agradecer e ler para todos eles a mensagem que aí está.

E dizendo essas palavras, que foram as últimas, deu um passo para trás, e mais outro, e mais outro, e virou-se, e pareceu que passava através da cortina que separava a sala de um pequeno corredor. E saiu da vista do pequeno grupo, como quem suavemente se retirasse por uma porta invisível.

Exatamente um ano depois, em São Paulo, na mansão do casal, rememorava-se a data de aniversário de Davi, com a realização do *Evangelho no Lar*. Toda a família reunida em torno da mesa de jantar; no aparelho de som, baixinho, os acordes da Ave-Maria de Schubert, sobre a mesa o *Evangelho segundo o Espiritismo*, copos de cristais, a jarra da Boêmia com água. Alberto tomou a palavra, e disse:

– No dia de hoje, realizamos o sonho de Davi, que há um ano passou a ser também nosso e de nossa família.

E levantando os olhos, como se dirigisse a um ser invisível, disse:

– Filho, sei que estás entre nós e que podes nos ouvir. Recebe, pois, o teu presente de aniversário. Estudamos carinhosamente teu pedido e acho que nossa família pôde compreender teus elevados objetivos. Então, optamos por não promover somente iniciativas de caridade imediata e assistencialista, que são importantes e têm seu lugar num quadro de tantas dificuldades humanas, mas também programas duradouros, projetos de grande abrangência e longo alcance. Pensamos que essa é a maneira ideal de realizar teu sonho, pois ao mesmo tempo em que homenageamos tua memória, assumimos como nossa a missão de dirigir a instituição que levará o teu nome!

A seguir, enfiou a mão no bolso da camisa e retirou um pedacinho de papel, e disse:

– Cumprimos o pedido de Davi, e agora podemos ler a mensagem que nos deixou.

Quem hoje entra nas belas dependências do INSTITUTO DAVI MAIO-KNUPER, entidade beneficente, que também financia pesquisas e projetos de engenharia alimentar, cura do câncer e estudos metapsíquicos de fenômenos insólitos e curas

paranormais, em nobre endereço da capital paulista, pode ver enquadrado num mimoso painel de vidro com caixilhos dourados, o bilhete de Davi para os seus pais:

ENTÃO DISSE PEDRO [A JESUS]:

**EIS AQUI ESTAMOS NÓS, QUE DEIXAMOS
TUDO E TE SEGUIMOS.**

(PEDRO, APÓSTOLO. LUCAS, XVIII : 28)

17 – UMA VIDA NA FARMÁCIA

*Se falasse num centro prático,... levantar-me-ia contra
a negligência de meus colegas terrestres, que
desconhecem as leis primordiais do Organon.*

(HAHNEMANN, Espírito, *Revista Espírita*, 1863)

Aguinhas, numa tarde do começo de agosto de 1963

ERAM DUAS HORAS DA TARDE quando o ônibus chegou ao centro de Aguinhas e parou na agência da *Evanil*. Dele apeou um homem alto, com mala e pasta de mão, que tratou de ajeitar bem o capote e o cachecol para enfrentar o vento gelado que subia pela rua assoviando e varrendo folhas e ciscos. Desse modo seguiu até chegar a uma farmácia bastante antiga e acreditada, bem posta na esquina da Rua Direita; quando chegou, a ventania já amainara. Ao entrar, deparou-se com um menino conduzindo um carrinho de madeira rústico, todo pintado de branco, a não ser na parte da frente, onde se podia ler na tábua de pinho o nome: **TONIFORTIN**

Dentro do carrinho, uma lata vazia de tinta *Sherwin-Williams* com lixo; um velho balde de aço estanhado com a marca *ABI*, com água pela metade; um recipiente de água sanitária; uma garrafa de cerveja, à qual fora colada uma etiqueta: *Álcool*; e uma pequena garrafa de guaraná em que se lia: *Solução Ácido Fênico – Cuidado!* Pendurados nos varais do veículo, de um lado, três panos, um para cada tipo de limpeza; de outro, vassouras e espanadores.

– *Bonito carro, garoto*, disse o homem. – *Eu é que fiz*, respondeu orgulhoso o pequeno. E certamente isso era verdade, que o manufator aprendiz deixara sinais de martelo, serrote, grossa a revelar um menino esperto, mas ainda inexperiente nas artes da

marcenaria. Claramente era melhor na arte da limpeza, dado que o chão de ladrilhos surrados estava brilhando, as prateleiras espanadas, os vidros dos balcões impecáveis.

– *Você fez bom uso da caixa de TONIFORTIN. Coisa rara! Difícil de se ver hoje em dia!* – disse o homem. – *Meu pai trabalhou com esse artigo, há muitos, muitos anos* – falou.

– *E a limpeza?* – perguntou em seguida – *Água sanitária no chão, álcool nas vitrines e ácido fênico na assepsia, não é?*

– *Isso mesmo! Como o senhor sabe?*

– *Eu também já fui menino-aprendiz de farmácia. Faz muito tempo. Depois virei farmacêutico. E você, vai ser farmacêutico também?*

– *Não, meu pai não pode pagar a escola. Eu vou ser “farmaceiro”, como ele.*

– *“Farmaceiro”?*

– *É... uma mistura de caixeiro com prático de farmácia. E emendou: – O senhor é farmacêutico ou viajante?*

– *Os dois, quer dizer, um farmacêutico que viaja propagandeando e vendendo produtos farmacêuticos* – respondeu.

– *Ah, como o dr. Paulo, da Rhodia. Espere um minuto que vou chamar meu tio, que é quem faz as compras* – disse sorrindo.

– *Por favor, faça isso. Diga que é Oliveros Lião, do LABORATÓRIO LIONÊS, do Rio de Janeiro.*

E o pirralho saiu zunindo farmácia adentro.

E enquanto esperava, o viajante viu algumas pessoas próximas ao balcão, também aguardando atendimento, e passou a examinar atentamente as instalações antigas, pintadas de branco: altas prateleiras com medicamentos, balcões envidraçados com perfumarias, armários chaveados com joias, relógios e bijuterias, cartazes de propaganda, o relógio cuco, a balança *Filizola*. E, então, sentiu-se novamente o juvenzinho que cresceu dentro do estabelecimento do pai, na cidadezinha do interior nos anos

1930/40, e num átimo viu passar diante dos olhos o filme de sua vida:

... farmácia pequena, pouco sortida, quase que só manipulação. O viajante, um cometa fugidio, que vendia de tudo e também medicamentos. Mais além começaram a surgir laboratórios e suas especialidades; muitos fabricantes, diferentes rótulos, a mesma fórmula. Chegaram firmas estrangeiras, surgiram novos laboratórios brasileiros. Como em tudo, alguns são bons, outros nem tanto. Despontava-se uma nova era. Propagandas aos magotes nas rádios, nos jornais, nas revistas. Intensas visitas de propagandistas aos médicos, amostras grátis, catálogos, impressos, vistosos almanaques, brindes, as conferências científicas de divulgação e propaganda. A mercadoria barateia e vão rareando os médicos que prescrevem manipulação. Tempos de progresso, de muitas novidades, de giros rápidos, o puro mercantilismo. Novos remédios rapidamente substituem os velhos; esses encaixam e se transformam em alcaides antes mesmo do vencimento do prazo de validade. A velha farmácia e seu abnegado profissional perdem espaço. Agora é preciso crescer, e vender e comprar, e comprar e vender. Se quiserem sobreviver, as farmácias devem tornar-se “drogarias”. E para isso é preciso capitais, sócios, empreendimentos. O farmacêutico e sua botica, suas fórmulas, seus unguentos, suas pílulas, esses são vencidos pela aluvião de novas especialidades. A botica antiquada e seu profissional que sabia examinar o paciente, descobrir-lhe os males mais corriqueiros e formular os remédios, quase uma instituição de utilidade pública nos bairros das cidades grandes e nas cidadezinhas do interior, vão lentamente desaparecendo. Ainda assim o pai fez que se tornasse farmacêutico. Formado, a modesta botica insuficiente para um tornou-se o sustento de dois. Mas a doença da mãe fê-los buscar

recursos na capital. Venderam tudo e foram tentar nova vida no Rio de Janeiro. E lá se associaram ao médico homeopata que cuidou de sua mãe e iniciaram novo negócio: um laboratório, o Lionês. Anos de luta, imensas dificuldades, trabalhos e preocupações gigantescos, e o pequeno laboratório fincou raízes na Capital e no Estado do Rio de Janeiro. Depois foi preciso expandir os negócios, por isso ele próprio há dois anos saíra a campo, agora pelas praças do Sul de Minas Gerais.

Encostou-se ao balcão, pois sentiu bambearem suas pernas; a emoção fora grande. Só se recobrou quando o menino retornou dizendo:

– Por favor, espere só mais um pouco. Meu tio está terminando um curativo e já-já-vem.

E o viajante viu chegar uma mulher com uma criança no colo, a quem o rapazinho prontamente atendeu e foi logo abrindo a receita. “Que menino mais desembaraçado, vivo e sacudido!”, pensou Lião consigo mesmo, ao tempo em que espichava os olhos procurando ler o receituário: uma injeção, um xarope manipulado e um litro de soro pernetá.

– Manipulação! Ora viva! Que interessante, um médico das antigas! – disse ele em voz baixa.

Um caixeiro chegou ao balcão carregando uma batelada de remédios: doses maciças de antibióticos, depurativos e tônicos. E Lião, curioso, se acercou para ver tão surpreendente receita, que na verdade eram pequenos pedaços de caderno escolar, em que se podia ver uma letra grande, garranchada e fortemente calcada, feita a lápis. Não se conteve e perguntou que receituário era aquele.

– *Receita da dona Afonsina, curandeira lá do Matungo*, respondeu o vendedor, explicando que se tratava de uma médium já famosa na região, que fazia curas, cirurgias e tudo o mais.

Dali a pouco, volta o menino:

– *Olha, meu tio 'tá tirando bicho-de-pé das crianças do seu Albertino. E tem cada moranga de dar medo! Vai demorar um pouquinho mais. Pediu pro senhor entrar, visitar os depósitos e ir anotando as faltas.*

Oliveros fez o sugerido, examinando atentamente as mercadorias dos concorrentes. Notou que o setor de manipulação ainda estava razoavelmente sortido, coisa pouco comum nas farmácias por aqueles tempos, e viu também grande estoque de vidros, garrafas e outros vasilhames, a indicar que houve ali, no passado, um atacado de remédios manipulados. Mas percebeu poucos produtos homeopáticos, a sua especialidade.

Quando retornou, o encarregado das compras já estava esperando. E conversaram muito, que o homem era boa prosa, mas *infelizmente não havia médico homeopata na cidade, somente nas redondezas, em São Lourenço e Três Corações, fica difícil comprar, se não há quem receite, só vendemos mesmo os mais conhecidos e procurados, mas vamos ver o restante de sua linha de produtos.* E conversa vai, conversa vem, saiu um pedido razoável da linha fitoterápica.

– *E a tal receitista lá do Matungo? Acha que pode se interessar pela minha linha de produtos?* – perguntou.

– *Ih, acho difícil. Na farmacinha lá do Matungo, dizem muitos de seus colegas viajantes, só entram produtos de certos laboratórios...*

– *E o receituário?* – replicou.

– Bem, ela até pode começar a receitar, mas logo vai deixar. Ultimamente só tem receitado remédios de dois ou três fabricantes. Não sei o que aconteceu, antes era mais variado, remédios mais potentes, mudou muito... Até parece que 'stá dando preferência, mas é difícil falar... Sabe como é... Mas é o que parece, o povo anda comentando e muitos viajantes andam contando essas histórias, quando passam por aqui.

– De qualquer modo vou fazer uma visita, nem que seja só pra conhecer os trabalhos que ela faz. Sou espírita e espírita é muito curioso com esses assuntos.

– Como faço pra chegar até o Matungo? – perguntou.

E o menino-aprendiz, que prestava atenção à conversa, se adiantou e respondeu.

18 – HIPÓCRATES E GALENO NO *ALTO DO MATUNGO*

No torvelinho de súplicas, elogios, favores e atenções que o envolvem, o médium acaba aceitando as sugestões inferiores e escorrega na beira do abismo. As injustiças dos adversários o irritam, as perseguições o aturdem. Ele acaba por se entregar às fascinações e perverter as suas faculdades.

(HERCULANO PIRES. *Ciência Espírita*)

Memória de Oliveros Lião, escrita em agosto de 1963

COMO DISSERA NA FARMÁCIA, no dia seguinte subi ao *Alto do Matungo* para ver as maravilhas da médium Afonsina e apresentar os produtos do *Lionês*. O táxi que me levou teve dificuldade em se aproximar do estacionamento, tal era a quantidade de pessoas e veículos que por ali se movimentavam. Por isso, saltei a uns duzentos metros da casa principal, e seguia pela estrada quando cruzei com Odamil Cezarino. Foi um encontro magnético; no primeiro olhar nos apresentamos e começamos a conversar animadamente. Sentados num grande tronco de araucária, que alguma chuva forte há muito tempo derrubara, parecíamos dois velhos amigos que se reencontravam. E nos contamos nossas vidas, nossas atividades profissionais, nossas histórias, nossos interesses nos fenômenos espíritas e cirurgias psíquicas. Tão íntimos ficamos em tão pouco tempo, e tanto tempo conversamos, que Cezarino brincou: – *Vamos ao trabalho, que esse encontro de Hipócrates e Galeno já vai longe!* – E seguimos pela estradinha até a casa da família Reis.

Mudara muito e em pouco tempo aquele lugar, pois pelo relato de Cezarino, que visitara o local em 1961, pude medir o grau de “desenvolvimento” e “organização” das instalações: alvenaria, telhados, cimentados; estacionamentos, banheiros, quartos de pensão; venda de alimentos, lembrancinhas, bugigangas,

remédios. Enorme caixa d'água, alimentada por potentes carneiros, destacava-se sobre uma elevação; a seu pé, um gerador produzia força e luz. Um pequeno “templo ecumênico”, em que pessoas de variadas crenças podiam rezar e ofertar cada um a seu modo. Novas instalações para os trabalhos cirúrgicos, salas de repouso para o “pós-operatório”, sala de reunião para a “equipe de médiuns”. Assistentes treinados para a recepção e preparação dos doentes; vendedores habilidosos no bazar e na farmácia. – *Tudo isso agora orientado por um excêntrico casal, que parece ter vindo de outro mundo, tão misteriosos eles são!* – Cezarino brincou comigo. E, depois, seriamente, me contaria suas preocupações com a “evolução” dos negócios, com a atuação do casal e com as “mudanças” na maneira de realizar os trabalhos espirituais no *Alto do Matungo*.

Ainda naquele dia, Cezarino me disse que conseguira, enfim, falar com o “casal místico”, e eles lhe prometeram uma entrevista.

– *Não deixo o Matungo sem apurar isso. É um dever de consciência!* – ele me disse. – *E esse encontro* – me contou – *só saiu porque eu ameacei denunciar os desvios que estão acontecendo aqui!* – complementou num tom desolado.

– *Meu irmão Oliveros, esses dois pseudomestres arrogantes assumiram praticamente a direção do lugar. A “material” e também a “espiritual”. Ritos estranhos, longas vestes, túnicas, paramentos, símbolos, berloques e penduricalhos. Veja você, até “sacerdotes” da lendária Lemúria andam se manifestando por aqui, “incorporados” na mulher de Viriato Pedro! Uma mulher extravagante e fascinada, isso é que me pareceu. E o pior, prezado amigo, e o pior: ela vem dando corda ao Benevides, que anda todo deslumbrado com os “encantos” e “poderes” da moça.*

– Em resumo: Benevides, associado a esse casal, transformou este ambiente de cura num negócio. Entra dinheiro de comissões, da farmacinha, da loja de badulaques, do cofre da igreja. Vendem preferência na fila de atendimento e consultas de hora marcada.

– E a pobre Afonsina entrou em grave estado de estafa mediúnica e já apresenta sinais de um processo obsessivo: desanimada, aluada, sem energia. Aquelas cirurgias espetaculares não ocorrem mais, a não ser uma ou outra, mas a maioria delas, as pessoas estão dizendo, é realizada externamente, sem cortes. O receituário anda de qualidade sofrível, quase que só remédios conhecidos, populares, que qualquer caixeiro de botica receitaria, se pudesse. Muitos comentam que Benevides anda falsificando receitas ou incluindo nelas produtos nos quais tem interesses comerciais, além de forçar para que a compra seja feita aqui, na farmacinha.

É evidente que a maioria das entidades de luz já se afastou, à vista de um quadro moral e espiritual tão aviltado.

E, então, contou-me sobre a pesquisa que fizera acerca da médium *Désirée Godu*, cujas preciosas faculdades de cura foram estudadas por Kardec, na *Revue Spirite*, e das incríveis coincidências que notara entre essa médium e Afonsina. E, ao final, disse, entre pensativo e triste:

Essa médium Désirée Godu, ao que sabemos, veio a corromper sua faculdade e a comprometer sua missão. Esperemos em Deus que isso não esteja acontecendo aqui no Matungo!

Ao entardecer, uma brisa gelada beijava as folhas das árvores, anunciando uma noite glacial, que já se desenhava nas nuvens avermelhadas que se viam no longe das serras, e fui me despedir de Cezarino, que o táxi que contratara já havia chegado. Combinamos de nos encontrar na primeira semana de setembro, no Rio de Janeiro; ele se hospedaria em minha casa e gozaria uma semana de férias “trabalhando”, ele disse. É que há tempos

desejava voltar ao Rio para realizar uma verdadeira “semana espírita”: rever Deolindo Amorim, assistir a palestras no *Instituto de Cultura Espírita*, consultar alguns livros raros na biblioteca da *Federação Espírita Brasileira*, visitar as obras assistenciais e os trabalhos espirituais do *Lar de Frei Luiz* – e tudo isso, se possível, juntos. Eu também aproveitaria a oportunidade para levá-lo ao centro espírita que frequentava, no qual desenvolvíamos um trabalho de cura mediante energização e receituário homeopático. E, ainda, faríamos planos sobre como pôr cobro aos desvios e colaborar com os trabalhos de cura no *Alto do Matungo*.

Cezarino, então, abriu uma pasta de couro e deixou comigo alguns materiais do dossiê sobre *A Curandeira do Matungo* que vinha montando: notas, fotos, recortes de jornais e revistas, e prometeu levar cópia integral dos filmes, gravações, relatórios e laudos quando nos encontrássemos; então ele também me mostraria os originais do livro que estava escrevendo sobre a médium Afonsina Paulo dos Reis, relatando as pesquisas que levava a efeito no *Alto do Matungo*, no qual estariam também interessantíssimas previsões do doutor Pablo Abengoza sobre avanços na farmacologia, na medicina e na cirurgia. Quando o táxi já saía, ele correu até o veículo, passou-me algumas folhas escritas e disse:

– Leve também cópia dos primeiros rascunhos do livro, mas há muito mais coisas curiosas, meu caro, como previsões da médium acerca da descoberta de eficaz remédio para controle da hipertensão, tratamento revolucionário do vitiligo e até mesmo transplante de coração em seres humanos. E veja só: em países como o Brasil, Cuba e África do Sul, acredita?

Retornei do *Matungo* sem ter feito nenhum negócio, que ninguém por ali se interessou pelos meus produtos, e desapontado com o rebaixamento das atividades de cura, mas

tomado de incrível paz de espírito, seja pela energia do lugar, seja por ter conhecido Cezarino. Como seria bom receber o novo-velho amigo e poder passar uma semana na sua especial companhia! Contudo, uma coisa me cutucava a alma – algo muito íntimo que Cezarino me confiou. Ele me dissera:

– Sabe, Oliveros, sou hoje um homem solitário – perdi a mulher, não tenho filhos, meus pais há muito se foram, os poucos parentes moram longe, alguns no exterior. Mas em tão pouco tempo, já o tenho na conta de um amigo em quem posso confiar como em nenhum outro. Por isso, quero confessar uma coisa. É o seguinte:

– Quando estive aqui em 1961, na hora em que fui me despedir de Afonsina, o Padre Benedito se manifestou e voltou a tocar na minha responsabilidade com os trabalhos de cura do Matungo, o que já fizera em outra oportunidade. Ele me disse:

– Filho, as revelações sobre o seu passado tiveram o fim de despertá-lo para compromissos espirituais que você assumiu. Mas você tem seu livre-arbítrio, e viver é escolher. Muitas pessoas bem orientadas, evangelizadas, seguras, que conheceram esses trabalhos – espíritas, inclusive – aqui não se fixaram. Assim, nunca houve ao lado da médium alguém com energia, experiência e conhecimento para manter os rumos desses trabalhos na direção do bem e nas trilhas do Evangelho, ou para promover o estudo e a investigação científica que a mediunidade curadora requer. A Espiritualidade tem se esforçado muito, mas o caminho é longo e difícil! E peço ao bom Deus que nos abençoe e nos guarde das tentações, das vacilações, das quedas, porque tão frágeis somos nós, Senhor Pai, as criaturas humanas que vivemos na Terra!

- Oliveros, meu amigo, nesses dois anos, refleti muito sobre as revelações do meu passado e sobre essas palavras de Padre Benedito; na verdade elas não me saíram um momento sequer da mente. Pensei, muitas vezes, em deixar todas as minhas atividades e me dedicar a esses trabalhos de cura aqui do Matungo. Eu já estava aposentado, mas havia assumido novos compromissos profissionais no IDMK, tinha as minhas aulas, as minhas atividades acadêmicas, um livro sobre a pineal para terminar, e viagens e viagens, que não se acabavam!

Apesar de todas essas atividades, elaborei minucioso projeto para propor ao Conselho de Administração do IDMK, que anualmente aprova o programa de investimentos do Instituto, objetivando o financiamento dos recursos materiais, jurídicos, médicos e científicos para estudo dos fenômenos aqui do Matungo. Mas, em meio a todos os compromissos profissionais, ainda me surpreenderam problemas da vida material: contraparentes que não via há anos apareceram carregados de problemas e pedindo ajuda; um acidente de carro que me deixou convalescente por mais de dois meses; uma cirurgia de uma simples apendicite que se complicou, e coisas assim!

Cheguei mesmo a sonhar diversas vezes com Ocea/Afonsina, sonhos em que ela me aparecia pedindo ajuda! Esses sonhos me desnorteavam! O tempo, porém, foi passando, passando, sucederam-se inúmeros imprevistos e eu não tomei a decisão que acho que deveria ter tomado, já não sei bem...

Eu sentia que recebera do Alto os talentos e os meios para atuar aqui, em favor dessa obra. Eu decidira abraçar como ideal de vida o estudo científico e o suporte de variada natureza a esses fenômenos de cura do Matungo...

Mas, agora, prezado amigo, vendo os rumos que tomaram as coisas aqui no Matungo, confesso, minha consciência me dói,

sinto que falhei a um compromisso moral: faltou-me a vontade, a força para realizar a tarefa. Será que se eu estivesse por perto esse bando de místicos teria tomado conta do lugar?... Será que não cheguei muito tarde?

E terminou melancólico, dizendo:

– Me perdoe! Foi só um desabafo! Eu ando cheio de culpa e precisava de um ombro amigo – desse ombro generoso que você, sem saber, me ofereceu. Não se preocupe comigo. Vá em paz! A gente volta a se falar no Rio.

.....

Nota de Oliveros Lião, setembro de 1963, que aqui se junta:

Antes do final de agosto de 1963, liguei várias vezes para a casa de Cezarino, pois queria confirmar o dia e horário de sua chegada, mas ninguém atendia ao telefone. Sem meios de contatá-lo, aguardei em vão. Ele não apareceu nem mandou nenhuma notícia. Algum imprevisto, pensei; mas ele me telefonaria, era certo; e nada. Na semana seguinte, mudei minha agenda de compromissos e tomei o rumo de São Paulo; cheguei, telefonei várias vezes; nenhuma resposta. Então me dirigi ao IDMK. – *Olha doutor Oliveros* – falou comigo uma funcionária –, *o doutor Cezarino faleceu no dia 31 de agosto. Um acidente, em Aguinhas, no Sul de Minas, durante uma pesquisa que estava realizando por lá. O jipe capotou numa serra e pegou fogo. Foi terrível, doutor, disseram, foi terrível, ver o corpo carbonizado do professor. Estamos ainda chocados, ele era respeitado e querido por todos aqui do Instituto.*

Que susto tremendo levei! Como pode? Um sujeito daqueles? Uma pessoa que só vi uma vez e por uma tarde? E mesmo assim o melhor amigo que jamais tive!

Agradei, deixei o local e entrei na primeira igreja que encontrei. Chorei emocionado, orei por meu amigo e senti sua fraterna presença ao meu lado. Agradei a Deus por aquele momento e por tê-lo conhecido – uma tarde que fosse! – em vida.

Voltei ao IDMK, interessado no dossiê d'A *Curandeira do Matungo*, preparado por Odamil, e me disseram: – *Infelizmente esse dossiê desapareceu de nossos arquivos. Ao que parece, todo o material estava no jipe e foi incendiado juntamente com o veículo.*

Consultei os arquivos do Instituto e levei cópias de artigos que escrevera e entrevistas que concedeu, divulgados num boletim da Instituição.

19 – UM FOGO QUE VEIO DO CÉU?

Então caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e a terra, e ainda lambeu a água que estava no rego.

(I REIS, cap. 19, v. 38)

Num entardecer de camarinho no dia 31 de agosto de 1966

O MENINO-APRENDIZ DE “farmaceiro” andava muito triste, depois que a Seleção Brasileira, que estivera em Aguiinhas preparando-se para o Mundial da Inglaterra, foi desclassificada por Portugal. E pior: com uma apagada atuação dos jogadores botafoguenses, especialmente do extraordinário goleiro Manga, que falhou nos gols. E sua avó comentou com o marido:

– Ele anda amuado, coisa de duas semanas... Nem anda jogando bola na graminha do Hotel América.

– Bobagem – respondeu o avô contador de histórias – deve de ser coisa de namorada, que ele anda arrastando asa pra uma menina lá do coleginho, eu vejo o movimento dele aqui do alpendre.

Sim, em parte era isso, mas não eram esses os motivos principais. O que se dava é que o menino parecia inexplicavelmente taciturno e fechado, naquele final de tarde, princípio de anoitecer. E do alpendre do casarão de seus avós, ele mirava distante, olhar perdido num fundo horizonte, quando percebeu relâmpagos breves e fugidios, rebentando longe, longe, nas últimas cadeias de serras que se podiam enxergar. E à medida que os relâmpagos se multiplicavam, enrubescendo a tênue linha do horizonte, imaginou que talvez lá houvesse uma fornalha, ou uma fogueira, crepitando e despendendo áscuas por aquele céu esbraseado...

– *O que é aquilo, vô?* – o menino apontou o dedo e perguntou.

– *É o camarinho, meu filho, camarinho é que se chama. Mas nunca vi um assim antes. Parece diferente, não parece, Margarida?*

Ela, que também parecia distante, meditativa, apreensiva com alguma coisa difusa, indefinida, acenou com a cabeça, concordando, e então falou estranho:

– *Sei não, meu velho! Parece um sinal! Acho que tão preparando alguma coisa lá nos confins do céu!*

– *Mas que maravilha que é, vô!* – o menino disse, e depois ficou longo tempo admirando aquele grandioso espetáculo da Natureza.

Depois, parecendo mais animado, se despediu e foi dar uma volta ao *Lago Guanabara*, uma corrida para ganhar pernas, como aprendera com os jogadores da Seleção Brasileira que se exercitaram naquele trajeto, pois ia participar de uma decisiva partida de futebol no campo da *Capoeirinha*, no domingo próximo.

Eram seis horas da tarde quando parou sob uma frondosa paineira, na cabeceira do lago, para admirá-la: – *Vô Miguel é que plantou, quando trabalhava na prefeitura. Tio Rubens me contou essa história...* – pensou consigo mesmo. Ao ouvir a *Ave-Maria* tocada no alto-falante da matriz, encostou-se ao tronco da árvore e fez uma prece, como sua mãe ensinara, e instantaneamente voltou-se para a *Serra das Águas*, como se pressentisse alguma coisa. E viu um raio – e um barulho descomunal! Em seguida viu o clarão: no alto da serra, no rumo do *Matungo* – uma explosão assombrosa parecia ter acontecido.

O fogo começara – pelo que a perícia apurou – no “consultório” de dona Afonsina, que naquele dia guardava seu silencioso resguardo. Dali pulou para o gerador e deste para o tonel de óleo diesel. Isso explicava parte da história, mas não condizia com o barulho e a rapidez com que se alastrara nem com a destruição que deixou. O fato é que se ouviu lancinante grito da médium, seguido de pequena explosão e início de incêndio. Depois é que o fogo saltou a janela e se expandiu. Apesar de pequeno, no início, ninguém conseguiu controlá-lo.

– Ele parecia ter vida, desviava dos baldes e esguichos d’água – informaram mais de uma testemunha. – Mas o fogo parecia que não queria queimar as pessoas, só as coisas. Deu tempo de todo mundo se afastar e se proteger – informaram outras. – Parecia que o fogo sabia o que estava fazendo, saiu lambendo tudo e explodindo tudo, saltando de um lado pro outro, numa rapidez e numa quentura dos diabos! – deste modo está registrado no inquérito policial os depoimentos de Benevides e seus irmãos.

É verdade também que o pequeno movimento de quarta-feira contribuiu para que não houvesse vítimas, a não ser a médium Afonsina. O lugar, no entanto, fora devastado. “Gás metano lá do *Sumidouro* – um fenômeno natural, algum raio que caiu” – era a hipótese do delegado. “Deve de ser alguma experiência química que esse casal andava fazendo... dinamite, sei lá, pode ser...” – contraditou um investigador. “Cenário de guerra nuclear” – exagerou o relatório do perito. Mas o fato é que não restara nada, uma parede em pé, um pedaço de madeira, um utensílio que fosse. Tudo calcinado, só cinzas e cinzas – uma cinza negra, estranhamente pegajosa, fétida e pesada – que ainda ardeu e lançou fagulhas por longo tempo, como se fora lava de um vulcão enlouquecido.

E alguns fanáticos proclamaram:

Os Curadores do Senhor

*Foi Deus que abrasou tudo aquilo, antes que virasse uma nova Gomorra.
Foi um castigo divino, como está escrito em GÊNESIS, CAPÍTULO 19,
VERSÍCULOS 24 e 25:*

ENTÃO FEZ O SENHOR CHOVER ENXOFRE E FOGO (...) E SUBVERTEU
AQUELAS CIDADES E TODA A CAMPINA, E TODOS OS MORADORES
DA CIDADE, E O QUE NASCIA NA TERRA.

.....

Feriram-se levemente apenas os que tentaram apagar o fogo. Viriato Pedro e sua mulher desapareceram. Uma testemunha garante que os viu deixando o *Matungo*, na noite anterior. Mas não se sabe se morreram no incêndio, pois não foi encontrado nenhum vestígio de corpos carbonizados; nem mesmo do de Afonsina, que certamente morreu na explosão.

20 – UMA NOITE, UM ENCONTRO

O acaso não existe.

(A. KARDEC. *O Livro dos Espíritos*)

Nota pessoal de Oliveros Lião, escrita em 1º. de outubro de 1968

“HÁ LONGOS ANOS, TENHO estudado o Espiritismo e por essa razão não acredito em acaso, o que não significa que ‘tudo esteja escrito’, como se diz, apenas que tudo tem uma causa. Isso explica o que aconteceu comigo, na cidade de Pouso Alto, MG, numa noite chuvosa em que lá fiz parada. Pois bem, foi assim.

Quase três dias de chuva havia atrasado completamente a minha agenda de visitas às farmácias do Sul de Minas, as quais eu rodava promovendo novos produtos do *Lionês*. Por isso foi que, pensando em adiantar a viagem, deixei a cidade de São Lourenço já noite começada e me arrisquei a chegar a Itanhandu, onde me instalaria para fazer as praças daquela região da Mantiqueira. Qual o quê! Tremendo temporal me apanhou na chegada de Pouso Alto, e tive de pernoitar por lá mesmo. Cidade pequena, os poucos hotéis lotados, acabei me acomodando num quarto de pensão. Banho tomado, apanhei minha pasta e fui ao refeitório à procura de uma sopa quentinha, que a noite chuvosa e úmida recomendava, e também para aprontar os pedidos daquela semana, que pretendia enviar pelo correio, logo pela manhã. Como já era tarde, o lugar estava às moscas, mas ainda assim a bondosa cozinheira me socorreu.

Saboreava a sopa e manuseava o bloco de pedidos, quando chegou um homem com uma capa de chuva e galochas, “molhado como um pinto”, como se diz naquela região de Minas. Jogou a pasta e a bengala sobre a mesa, tirou a capa e as galochas, e vi que trajava um desalinhado terno branco, calças amassadas, paletó sujo no peito e nas mangas. Como a cozinheira ainda andasse por ali, pediu um vinho, o que tivesse, pois já pedira um

mais cedo e não havia nada de qualidade, por isso saíra para jantar num restaurante beira de estrada, foi explicando numa voz meio pastosa, que indicava uns goles a mais.

Foi bebendo, conversando sozinho e elevando a voz, à proporção que o vinho barato fazia seus efeitos. Depois levantou vacilante, avizinhou-se de mim com um copo na mão e se apresentou: – *Dorgival Dalapa, às suas ordens!* Respondi ao cumprimento e ele se sentou. Não gostei nem um pouco daquilo, pois já me preparava para subir e deitar-me, que o dia seguinte seria longo e cheio de compromissos. *Que situação!* – pensei comigo. E Dorgival logo se revelou:

– *Meu caro amigo, vejo que é representante comercial, como eu!* – disse ele, indicando o meu talão de pedidos. – *Mas hoje não quero falar de trabalho! Hoje e amanhã e depois não vou trabalhar! Acho que nunca mais vou trabalhar! Pra que trabalhar? Pra ganhar dinheiro? E, depois, fazer o quê? Gastar com quem?* – ele disse num tom lamentoso. Então, deu um soluço – *hic!* – e ficou olhando fixamente para um ponto qualquer, como se revivesse cenas de algum drama, pois seus olhos estavam úmidos. E eu ponderava comigo mesmo:

– *A minha antena para captar pessoas em crise está novamente funcionando! Oh, Santa Gemma⁸², dai-me forças!*

E o homem tornou a falar: – *Sabe o que foi? Vou te contar. Briguei com a mulher! Briguei não, deixei ela de vez, isso sim! Nunca mais quero saber dela! Nunca mais, ouviu?! Você é testemunha! Presta atenção! Vou te contar como foi. Presta atenção, pois eu descobri que a desgraçada anda me traindo! Tem uma foto! Chegou-me hoje às mãos! Quer ver?*

Eu respondo que não. Ele insiste, e saca a foto do bolso: – *Olha bem, veja só o que aquela safada me fez! Veja, está abraçada com*

⁸² Nota do Editor: Santa protetora dos farmacêuticos.

outro homem, aquela ordinária! – Evito olhar a foto, que a situação é constrangedora. – *Veja, olhe bem a bandida, faz anos que ela me trai! Veja, veja!* – ele continua, alterado. – *É uma mulher linda, não é? Que pernas! Mas é rapariga!* – E grita desesperado: – *Vou me matar! Vou me matar! Por sua culpa vou me matar, safada!*

Levanta cambaleando, dá uns passos tronchos, apanha a capa de chuva e nela mexe e remexe como se procurasse uma arma. Eu me levanto, tento acalmá-lo. Ele resiste, mas eu o seguro e jogo a capa por detrás de um balcão. Ele reluta, mas acaba se conformando, e diz:

– Tudo bem! Pode me largar! Me larga que eu não vou me matar agora não! Primeiro eu vou matar aquela vadia! Sua vadia! Escutou? Sua vadia! – repetia em desespero, olhando para a fotografia amarfanhada. – *Eu aqui dando duro e você gastando meu dinheiro suado com esse pilantra! Sua prostituta de uma figa! Eu vou te matar! Eu vou te matar! Eu vou te matar!*

E de repente começou a chorar e a soluçar desesperadamente, apoiado no meu ombro. Já era tarde, chuva pesada, e ninguém acordou, mas a pobre da cozinheira saiu detrás do balcão tremendo e lançou passos espichados porta afora dizendo:

– Deus me livre, moço, vou-me embora, que tenho que levantar muito cedo. Boa noite! Deus nos acuda desse homem doido!

E foi um Dorgival Dalapa bêbado e magoado que tive de aturar por mais da metade daquela noite. Mas havia um propósito em tudo aquilo, pois inesperadamente fiquei sabendo tintim por tintim da sua vida, da sua amante, dos seus negócios, dos seus ganhos – e especialmente dos seus “métodos de trabalho” e do modo como envolvera os familiares de dona Afonsina do *Matungo*; até a cópia do contrato que firmara com eles – agora sem utilidade – tirou da pasta para que eu lesse. E, com a consciência em fogo, fez ainda uma confissão assustadora: a

morte de Cezarino não fora um acidente; Benevides, a pedido da sensual mulher de Viriato Pedro, danificara o freio do jipe – e ele mesmo havia tocado fogo no veículo para esconder os rastros do crime.

Passava das três horas da manhã quando o arrastei para o quarto, desmaiado de sono e álcool.

Deitei, dormi, levantei cedinho, tomei um banho ligeiro, preparei minhas coisas e descí. Perguntei pelo Dorgival e disseram que ainda não havia saído do quarto. – *Bem, pensei, não deverá sair tão cedo.* Como tinha pressa e uma agenda de trabalho para cumprir, tomei somente um cafezinho e segui viagem para Itanhandu.

Nunca mais encontrei o Dorgival, não obstante continuasse viajando pelo Sul de Minas e vivesse perguntando por ele por onde passasse. Mesmo seus colegas da *Charotti* com quem cruzei evitavam falar sobre ele; uma notícia desencontrada que me chegou dava conta de que fora despedido, e que houvera uma grande reformulação no setor de marketing e de vendas do laboratório; outra foi que Dorgival teria sido colhido por uma locomotiva, ao descer embriagado de um vagão-leito, na estação de Cruzeiro, durante uma baldeação.

Mas sua história me ajudou a entender o que acontecera no *Alto do Matungo*, a reconhecer uma das causas por que se dera o declínio da curandeira – e até mesmo a compreender certas razões ainda pouco claras do modo como se ocorreu o seu violento desencarne, e assim também o triste “acidente” que vitimou Odamil Cezarino.”

21 – AS TAREFAS DO CRISTO

Quantos de vós fostes abonados, aqui, por generosos benfeitores que buscaram auxiliar-vos, condoídos do vosso pretérito cruel? Quantos de vós partistes, entusiastas, formulando enormes promessas? Entretanto, não soubestes recapitular dignamente, para aprender a servir, conforme os desígnios superiores do Eterno.

(ANDRÉ LUIZ/F. C. XAVIER. *Os Mensageiros*)

Memória de Oliveros Lião, escrita em maio de 1970

TANTO TEMPO DEPOIS DO desencarne de Cezarino, e mesmo tendo retornado ao Sul de Minas muitas outras vezes, foi que tomei coragem de voltar a Aguinhas. Não desejava ir ao *Alto do Matungo*, o que só me traria tristes recordações e autocobranças, mas queria fazer uma prece no local em que se dera o terrível “acidente” que vitimara meu amigo.

Subi a serra devagar, era bem cedinho, e eu estava num fusca da cor da mata que contemplava a cada curva, e ele respondeu bem à estradinha de terra. Cheguei numa curva mais pronunciada em que a estrada, no ponto mais sinuoso, se alarga e oferece um pequeno estacionamento, e onde brota uma fonte de água fresca. Desci e fui orar diante de pequena cruz, feita de pequenos tocos, amarrados com cipó, apodrecidos pelo tempo. Meu coração indicou ser essa uma desataviada lembrança a Cezarino, que alguma alma boa há tempos fizera.

Como me lembrava de alguns detalhes do acidente, que à época colhiera em jornais da região, desci serra abaixo, por um caminho íngreme, mato fechado por cima, chão carrascoso por baixo, à procura dos destroços do jipe. Demorei, mas acabei encontrando uma carcaça retorcida e queimada, quase que completamente

tomada por um mato espinhento e cipós trançados. Era o que restava do veículo, nada mais. Olhei desalentado, procurando imaginar os lances do terrível acidente.

Algum tempo passado, foi com mais dificuldades ainda que trilhei o caminho de volta, e fui me dessedentar na aguinha fresca que a serra magnífica me oferecia. Colhi a água com a mão, bebi avidamente, lavei o rosto. Fiz outra prece e chorei de saudade e da emoção que tudo aquilo me despertava. Depois, sentei-me sobre uma pedra à beira do caminho e me pus a meditar no silêncio daquela serra, cabeça entre as mãos, pensamento longe, coração apertado, e estranha vibração como que me invadiu. – *É Cezarino!* – pensei. E o amigo me apareceu, diante dos olhos do espírito, jovial, alegre, numa vestimenta branca de médico.

E, mente a mente, depois de rápidas saudações, ele me disse que fora assistido em sua difícil passagem por uma equipe espiritual da COLÔNIA CURADORES DO SENHOR, da qual Padre Benedito faz parte, e que nessa comunidade permanecera estudando e preparando uma nova reencarnação, que brevemente ocorreria. E depois me explicou que a CURADORES DO SENHOR especializara-se em trabalhos de assistência e preparação às pessoas e grupos que se dedicam às atividades de cura na romagem terrena. *E o Alto do Matungo* – ele disse – *foi um desses projetos formulados e orientados por mentores da colônia.*

E, depois de outras informações interessantes e recordações amistosas, abraçou-me e disse enternecido:

– Lião, meu amigo! Não pense que falhamos tanto e não se sinta culpado por algo que você não cometeu. Como eu, você também chegou um dia ao Matungo com um propósito íntimo de colaborar, tenho certeza, mas os fatos atropelaram seus planos de algum modo auxiliar aquela obra, bem o sei. Eu também passei

Os Curadores do Senhor

muito tempo sofrendo e me angustiando com que o se deu aqui, mas um dia Padre Benedito – sempre ele! – nos reuniu, a mim, a Abengoza, a Afonsina, entre outros colaboradores invisíveis, todos egressos das tarefas de cura no Alto do Matungo, e nos disse:

– Irmãos, na noite de ontem estava eu em minha cela, em prece, pedindo ajuda ao Alto, que tanto me socorre!

– Como sabem, eu venho de demorado exercício na preparação de completo relatório, a ser endereçado aos arquivos espirituais da Alta Direção de nossa colônia, acerca dos acontecimentos dados no *Alto do Matungo*, à vista do planejamento que havia feito e de tudo o que aconteceu. Dizia eu ao Mestre de todos nós:

– *Jesus Amado, por que falhei tanto assim?! Que tamanha distância entre o que se nos vai nos propósitos e nos planos detalhados e aquilo que efetivamente conseguimos realizar! Perdoa-me, Mestre! Ampara este filho ainda tão imperfeito e tão incapaz, que não soube executar a contento a tarefa que me confiaste! Perdoa os entusiasmos desse teu servo, que não sabe medir a própria incapacidade!*

– E continuei minhas preces na esperança de que elas me desanuviassem a alma e me inspirassem os próximos passos nas tarefas do Cristo. Mas o Senhor não me respondeu. De modo que quero compartilhar com vocês essas minhas dificuldades e confessar-lhes minha inaptidão em face da direção desses trabalhos...

Mas quando Padre Benedito ia prosseguir, uma criatura, nimbada de forte luz azulínea, que não pudemos contemplar, pois que a claridade nos ofuscava, se acercou do grupo e falou-nos estas palavras de conforto e esperança:

O. Curadores do Senhor

– Benedito, filho do coração! Não te desespere nem te cobres além de tuas forças! Por que achas que as tarefas do Cristo por que respondes não foram cumpridas? Foram sim, tem certeza!

Querido filho, é tua alma generosa que tantas vezes quer ir além dos limites! Vês tanto trabalho por fazer e tão poucos obreiros que queres açambarcar tarefas muito além das que podes dar conta! Isso não por imprudência ou por exaltação vã – mas em razão de teu gênio operoso, de tua dedicação inesgotável aos trabalhos do Cristo!

Lembra-te de tua última encarnação na Terra? Quiseste as maiores restrições: origem miserável, orfandade em tenra meninice, dificuldades nos estudos, imensos obstáculos no exercício de tuas funções de padre filho de escravos criado por uma fazendeira, objeto de preconceito no seminário e de maior preconceito ainda numa paróquia em que predominavam riquíssimos fazendeiros do café! E com que realizações sonhaste? Eram tantas, em face de tão grandes óbices que tinhas que vencer, que não parecia um planejamento e sim um sonho difícil de realizar. E, no entanto, palmilhaste a existência terrena seguindo a mais pura Lei do Cristo! Foste educador, deixaste incontáveis discípulos! Foste empreendedor, criaste escolas! Foste vigário, fundaste igreja! Foste pastor, granjeaste multidão de pessoas para o aprisco do Senhor! Foste taumaturgo, operaste “milagres”! Foste discípulo do Cristo e realizaste longa lista de auxílio aos teus irmãos menores, quer na assistência material, quer na assistência espiritual. Que vida tão cheia de realizações! É por isso, Benedito, porque não aceitas trabalhar e empreender menos do que o maior dos seguidores do Cristo, é que te cobras tanto!

Ah, filho de minh'alma! Pensas que realizaste pouco nessa última missão, mas te enganas. Mesmo que te pareça que o planejamento foi imperfeito, que a escolha recaiu sobre pessoas de tua estima que não estavam devidamente preparadas, que não soubeste instruir e amparar os espíritos endividados em quem confiaste – não é essa a

Os Curadores do Senhor

verdade que transparece aos olhos do Divino Irmão! Há um imenso saldo a teu favor! Queres ver?

De onde veio a inspiração de Davi Maio-Knuper para fundar o IDMK? E a obra está lá, fincada na maior cidade do País, com numerosos recursos postos em benefício dos que passam fome, dos que sofrem doenças, dos que padecem da dúvida da sobrevivência espiritual! E na humildade dos trabalhos do Matungo quantas pessoas foram atendidas? Quantas se curaram? Quantas passaram a integrar as fileiras do Cristo em razão dos benefícios ou da inspiração que lá receberam? Quantos incrédulos e adversários foram convencidos da realidade espiritual e deixaram de combater sistematicamente as curas espirituais? E achas que a equipe espiritual que lá atuou fez pouco? Trabalharam e aprenderam muito, e angariaram preciosos bônus para o futuro espiritual!

Claro que os trabalhos ficaram incompletos, pois tiveram de ser interrompidos antes do tempo previsto, face a face aos problemas que conheces melhor do que ninguém. Sei também, Benedito, que mediste seguramente os riscos que a empreitada envolvia, mas nunca poderemos ter certeza do comportamento das pessoas, pois há, em diversas situações da vida, o imponderável, o indefinível que vem do mais fundo da alma humana. Sim, dispomos do livre-arbítrio – mesmo diante de decisões difíceis, de comportamentos reprováveis, de dilemas morais –, mas ele pode ser relativamente turvado por impulsos, desejos, necessidades, inclinações, fraquezas, perturbações que jazem no inconsciente. Quem poderá dizer que não? Quem se atreveria a jogar a pedra primeira?

Mas ainda assim Paulus saiu-se bem na sua luta contra o ódio e os ressentimentos que o dominavam. Seus dons médicos auxiliaram incontáveis necessitados, e esses talentos vão agora atender a tarefas missionárias em graduados hospitais do Mundo Espiritual; Ocea não só cobriu erros de seu passado como se tornou apta a desempenhar funções elevadas no campo da mediunidade; Adelfo

O. Curadores do Senhor

desenvolveu esforçadamente seu ministério de médico, professor, pesquisador e divulgador idealista dos fenômenos paranormais, e logo, logo retornará para presidir ilustre instituição espírita em território brasileiro, voltada aos estudos científicos dos processos de cura espiritual. O mesmo se pode dizer de inumeráveis outros tarefeiros que lá atuaram – na carne e fora dela. E não devemos esquecer ainda os familiares de Afonsina – Fagundes e seus filhos – os quais faliram, uns mais outros menos, mas a Justiça Divina saberá computar a seu favor a porção – pequena que seja – de trabalho, de energia e de vibrações psíquicas que em algum tempo consagraram à obra, pois o serviço no Bem, qualquer que seja, quando se dá, mesmo que por breves instantes, é sempre contado.

É certo, meus filhos, que não estamos diante de uma programação inteiramente falhada, mas se perdeu valiosa oportunidade de estudar e pesquisar a fundo, com técnicos, recursos e métodos científicos, a fenomenologia da cura espiritual, como se planejara há tempos. De qualquer sorte, não há semente lançada que se perca na Bendita Seara do Pai.

Assim é indubitável que os fenômenos ocorridos no Alto do Matungo mobilizaram espíritos e instituições, nos dois lados da Vida, que prosseguirão, com os meios da Terra e do Céu, na tarefa de acudir, amparar e soerguer os doentes do corpo e do espírito.

E um novo cenário já se esboça no Planeta à vista do natural afastamento de pessoas sectárias e intolerantes, vencidas pela força mesma do progresso: o passo decidido da ciência e o surgimento de uma nova mentalidade de compreensão e respeito às crenças espiritistas.

Nesse ambiente mais fraterno e mais propício, renascerá uma geração de Espíritos, experientes nas lutas do Plano Terreno e instruídos nos conhecimentos do Plano Espiritual, para formular novas políticas e novas leis, novas teorias e novos entendimentos, novas técnicas e novos aparelhos, que formarão as bases de uma

Os Curadores do Senhor

Medicina humanizada e espiritualizada, capaz de atender às necessidades da civilização humana e às da evolução espiritual das criaturas do Pai Celestial.

Que o Senhor das Bênçãos nos abençoe agora e sempre!

Da irmã em Cristo,

C.

E foi com intensa emoção que nos abraçamos e confortamos o nosso admirável orientador, que, lacrimejando, agradecia comovido a intervenção daquela irmã de tão intensa luz.

E ele, já refeito, disse-nos no seu estilo contagiante de grande líder no campo da Fé:

Pois bem, meus caríssimos irmãos, é com isso que vamos viver, é sob a inspiração dessas palavras luminosas que vamos enfrentar os novos desafios da Evolução.

Em frente, pois, que novas tarefas do Cristo nos esperam!

.....

Mas você sabe, Oliveros, em relação ao Matungo, que lhe resta uma tarefa: termine o livro que comecei, conte logo esta história, como há tempos vem planejando, adicione os elementos novos que colheu – antes que seja vencida pelo esquecimento.

Vá em paz, velho amigo. Que Padre Benedito nos inspire! Que Deus Pai nos abençoe a todos!

Meio tonto, olhos úmidos e ainda abalado por tudo o que ocorrera, meti a cabeça sob a bica d'água até que a ablução me fizesse sentir melhor.

O. Curadores do Senhor

Quando me restabeleci, apanhei o bloco e anotei o que ocorrera naquela manhã clara e gostosa de maio, e assim também o relato de Cezarino, que me fizera tão bem à alma e continuava vívido em minha memória.

Depois, cheguei à beira da estrada e ao longe divisei o *Alto do Matungo* – somente a mata luxuriante e fechada, nada mais.

Na descida da serra, estranho sentimento de despedida invadiu-me – sentia como se fosse a última vez que estaria em Aguinhas.

22 – DE VOLTA AO ALTO DO MATUNGO

Se, porém, eles [os médiuns] desviam do objetivo providencial a preciosa faculdade que lhes foi concedida, se a empregam em coisas fúteis ou prejudiciais, se a põem a serviço dos interesses mundanos, se em vez de frutos salutares dão maus frutos, se se recusam a utilizá-la em benefício dos outros, se não tiram nenhum proveito dela para si mesmos, melhorando-se, são como a figueira estéril. Deus lhes retirará um dom que se tornou inútil em suas mãos: a semente que não sabem fazer frutificar, deixando que se tornem vítimas dos Espíritos maus.

(A. KARDEC, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, XIX, 11)

Alto do Matungo, quarta-feira, dia 10 de outubro de 2012

DURANTE A ELABORAÇÃO DESTES livros, conversei várias vezes com meu tio, um oitentão teimoso e genioso, a quem eu estimo como a um pai, pois ele trabalhou por mais de quarenta anos num balcão de farmácia, em Aguinhas, na qual eu também trabalhei na juventude. Ele, que conhecera Afonsina e sua família, confirmou aspectos de diversos fatos aqui narrados: curas, pessoas, datas, e também acrescentou detalhes importantes que não ficaram registrados nas anotações de Cezarino e Lião.

E eu tinha quase pronto o material do livro, quando me passou pela cabeça: onde estariam os “Reis”, personagens centrais desta história? Liguei para o meu tio, e ele disse que há muitos anos não se ouvia mais falar deles, que ouvira dizer que o marido havia morrido indigente na cidade de Campanha, no final dos anos 60, e que os filhos, por essa mesma época, haviam deixado Aguinhas.

– *E Viriato Pedro e sua mulher? – perguntei:*

– *Esses, do modo que chegaram também sumiram. Um mistério até hoje.*

– *Muito estranho, eu disse.*

Os Curadores do Senhor

– *O que sei é o que um viajante da antiga Distribuidora Mundial me falou certa vez. Ele escutou dizer na cidade de Ourinhos ou Jacarezinho, não sei bem, que esse casal andou uns tempos por aqueles lados, que era meio cigano, tinha costume de sair catando médium e centro de cura... aí se encostava, se arranchava e tirava proveito... Pode bem ser isso...*

– *E a propriedade no Alto do Matungo? – quis saber. E ele disse que há muitos anos não caçava mais por aquelas serras (“seu pai caçou por lá mais do que eu”, ele me lembrou meu pai já falecido), mas que pelo que sabia a propriedade estava abandonada havia tempo.*

– *Parece que o povo acha aquele lugar meio assombrado, e nunca apareceu comprador, não sei bem – ele completou.*

No dia seguinte, peguei o carro em Belo Horizonte e segui para Aguinhas para falar com meu tio. E fui logo brincando:

– *Vamos, caboclo, deixa de ser preguiçoso, larga desse cigarro, e vamos subir a serra com o seu sobrinho caçador!*

Ele respondeu:

– *Ocê sabe bem que nunca gostei de caçada de pio, seu fiote! Seu pai é que gostava de nambu e jacu, eu não! Comigo era bicho voando! Pá, pá! – imitou o duplo tiro da doze cartucheira apontando os indicadores para o alto. E voltando-se para um quadro na parede da sala, em que há uma estampa de um perdigueiro amarrando perdizes, falou, contando vantagem:*

– *Pra mim, pro Biriba, pra Veneza e pro Ximango – os mió cachorro do mundo! – nunca teve concorrente à altura! Até hoje somo afamado nas vargens de Aguinhas e nos campos do Mato Grosso!*

– *Ara* – eu disse – *larga de ser papudo e vamos lá no Alto do Matungo comigo.*

Ele desconsiderou a brincadeira e reclamou muito da empreitada, mas disse que ia.

Subi bem devagar a *Serra das Águas*, que é sempre um prazer fazer esse caminho e contemplar a vista incomparável que ela oferece. Fui conversando e brincando com meu tio, um segundo pai, que o meu se foi muito cedo. Bem no alto, segui por um trilho esburacado, onde se via que há tempos não passava nem animal nem gente, me aproximei da antiga estradinha que leva ao *Matungo* e parei o carro numa pequena clareira sob os galhos de um ipê que já soltara suas flores, mas dava uma pequena sombra. Só indícios de uma velha estrada, coberta de capim, mato e cipó espinhoso. Parecia que a natureza obstruía caprichosamente o caminho.

– *Viu, seu teimoso! Eu não disse que não há caminho! Ninguém mais anda por aqui. O povo se afastou desse lugar, eu te falei, mas ‘ocê não me escuta!*

Acostumado aos modos do meu tio, fingi que não ouvi a bronca e apurei olhos e ouvidos à procura de alguma coisa ou de alguém – tudo silêncio e solidão, cortados apenas pelas cigarras que tiniam numa árvore, piados de pássaros e barulho de folhas que um vento leve fazia balançar e girar. Voltei e disse a ele:

– *Já que ‘tá aqui, aproveita a vista, anda um pouco pelo mato, passa o canivete num galho e faz um gancho de estilingue – provoquei.*

– *Ara, nem vou sair do carro! ‘Cê sabe que minha perna anda ruim, que eu não presto mais pra andar no mato!*

Dei um sorriso, me afastei do carro e deixei lá meu tio emburrado, pois que de quando em vez é esse o seu natural.

Desci beirando a mata, depois embrenhei um pouco mais na vegetação e foi quando me defrontei com um velho, chapéu enterrado na cabeça, embornal no ombro, facão na cintura e uma velha espingarda atravessada às costas, segura por uma cinta puída de couro. Ele estancou, quando me viu.

– *Ara, seu moço, dondi' é que ocê saiu? Que susto! Pensei que era o florestal* – disse apontando a velha arma. – *Eu não caço mais, mas gosto de levar a arma quando me embrenho neste matão aqui do Matungo* – ele se explicou.

– *Pois fica tranquilo, meu senhor, 'stô só dando um passeio por aqui com o meu tio.*

– *Passeio?* – ele disse – *ninguém passeia por aqui, seu moço, faz muitos, muitos anos.*

– *Como o senhor sabe* – perguntei.

– *Ara, moro aqui pertinho.*

– *Pertinho?* – objetei intrigado – *Pois, não vi sinal de gente nem de moradia!*

– *E não vê mêmo* – ele disse – *pois moro numa loca de pedra, escondido aí na matarama!*

– *Mas quem é seu tio?* – perguntou, assumindo a direção da conversa.

– *É, pode ser que o senhor o conheça. É o Joãozinho Bode, da farmácia lá de Aguinhas. Lembra dele?*

Quando voltei conversando animadamente com o mateiro, tio João gritou:

– *Num lugar desses só podia dar um bicho que nem 'ocê – não é Mané-Preto?*

– *Uai, Bode, 'ocê ainda 'stá vivo, siô!*

E os dois velhos, lágrimas nos olhos, se abraçaram amistosamente. E o tio João prosseguiu:

– Guima, ‘cê sabe que eu morei aqui no alto da serra em menino, e que papai cortou muita lenha por aqui. Pois Mané-Preto é conhecido desde criança, caçamos juntos por muito tempo, mas faz muitos anos que ele tomou chá de sumiçã. E só podia andá malocado num fim de mundo desses, né caboclo? – falou alto e grosso para provocar o velho conhecido.

– E esse moço, Joãozinho, é fio de quem?

– Do Dé.

– Ara, conheci muito seu pai, moço. Bom homi aquele! Deus o tenha. Era mió caçadô que o Joãozinho aí, vivia enfurnado aqui nessa mata, atrás de nambu e jacu. Tamém cacei qu’ele muitas vêis.

Tio João resmungou, mas não disse nada. E o homem perguntou:

– Mas que ‘tão fazeno ‘cês dois neste lugá assombrado, genti?

– Isso é coisa do meu sobrinho, que aposentou e não tem o que fazer! Foi ele que me arrastou aqui pra cima! Fala, fala aí pro Mané-Preto o que ‘ocê veio fazer aqui, fala, fala logo!

– Os modos educados do meu tio, o senhor já conhece, seu Manoel. Então ‘tamos todos em casa. É o seguinte...

E relatei ao velho que estava escrevendo um livro, que a história se passava ali no *Matungo*, que era sobre vida da curandeira que ali vivera e morrera naquele famoso incêndio da década de 60 e coisa e tal, e que gostaria de visitar o local de sua morada.

– Ih, seu moço! Não tem mais nada! Fogama queimô tudo! Hoje é só mato e cipó trançado. Nem eu ando muito mais lá pro pertu, meio que tenho medo daquele lugar. Depois do incêndio ‘teve até gente vindo por aqui, por uns tempos, depois povo foi se afastano, se afastano, até que parô de vir gente – e o mato tomô conta de tudo! No começo o povo dizia que via luz, que via vurto de gente, uns gritos, mas eu mêmo nunca vi nem nunca iscutei nada! De modu que é só converseira do povo, o senhor sabe cumo é...

– *E não tem jeito de ver o lugar, seu Manoel? Não tem jeito de chegar lá perto?* – perguntei.

E o tio João interveio:

– *Ara, larga de besteira, Guima! Não ‘stá vendo o matão que tá, siô!*

– *Êia, João Bode, ‘cê tá frouxo! ‘Cê nunca teve medo de mato! Qui’ê qui houve, siô?* – cutucou o Manoel.

– *Minhas pernas, Mané! Minhas pernas tão muito ruim. Má circulação ‘stá acabando comigo, perna ‘tá travada... tô andando muito pouco, que as danadas me doem muito... – tio João explicou, com os olhos úmidos.*

– *Pois hôji cê vai andar, seu moleirão! Cadê o João Bode que eu conheci? Aquele sujeito rubusto, varadô de campo e mato como poucos? Vamo, vamo saindo daí! Eu vô levá ôceis até o Matungo! Vamo, siô! É Mané-Preto que tá falando! O maior mateiro da Serra das Águas! Vamo, vamo, vamo logo!*

E o velho destemido, ainda vigoroso nos seus avançados anos, foi à frente, por uns caminhos que só ele conhecia, picando mato, segurando galho, deitando moita, ajeitando caminho – e eu atrás apoiando meu tio, que parecia rejuvenescido pelas palavras do Manoel. E quando nos aproximamos do ponto, tio João disse:

– *Esquisito, minha perna parou de doer. Essa caminhada maluca deve ter anestesiado tudo!*

No fim da picada, defrontou-se-nos um rasgo no coração da mata – e vacilamos, por um instante, depois fomos chegando a passo lento, cuidadosamente – e se ofereceu aos nossos olhos um tapete escuro de galhos, folhas, ciscos, lama e lodo! Pasmados, ficamos por instantes fitando aquele atascadeiro assustador, quase não acreditando no que víamos. Então, o mateiro,

afastando com o pé aquela cobertura vegetal úmida e malcheirosa, bateu a ponta do facão numa superfície sólida como um asfalto, e disse:

– Nem mato, nem grama, nem tiririca nasce aqui, Joãozinho – disse o velho. – O chão parece que ‘tá morto – completou.

Tudo em volta era solidão e abandono. Uma sombria nesga de terreno escuro, feio, duro e sem vida, cercado de densa mata, que ensombrava o lugar, mal deixando o sol penetrar.

– Era isso que ‘ocê queria ver, Guima? Pois ‘tá visto! Vamo embora, não tem nada pra ver aqui. Vamo embora, antes que anoiteça e eu não possa mais sair desse mato – disse o velho tio João que eu conhecia bem.

– Era isso mesmo que eu esperava, tio. Só queria ter certeza. Vamos voltar.

Quando íamos deixando o lugar, Mané-Preto indicou outro caminho, menos inclinado, mais suave para as pernas do meu tio. Então, desenfiou da bainha o velho facão e ia metê-lo numa galhada que fechava a saída do que parecia ser uma antiga trilha quando estancou e parou reverente diante de uma alva florzinha do mato, tímida e miúda, que brotava por sobre o caule queimado e apodrecido de uma árvore caída. E o velho mateiro agachou-se, acariciou a plantinha com a mão calosa e falou:

– Eita, siô! Não é que Deus parece ‘star mandando suas criaturas de vórta pra cá! O Sinhô seja Lovado! – disse se descobrindo do velho chapéu.

Fim

Os Curadores do Senhor

SEGUNDA PARTE

ALAN KARDEC E UMA MÉDIUM CURADORA

COMO DISSEMOS NO INÍCIO deste livro, no tópico *Uma explicação necessária*, Odamil Cezarino havia escrito uma série de artigos sobre a médium Desirée Godu, cuja mediunidade de cura fora objeto de estudo por Allan Kardec.

Tais artigos, divulgados no **INFORMATIVO IDMK**, durante os meses de janeiro a julho de 1963, é que compõem a SEGUNDA PARTE deste livro.

O ponto alto desses textos é a notável similitude de fatos da vida, do surgimento da mediunidade, do desenvolvimento dos dons mediúnicos e da carreira mediúnica de Desirée Godu, que viveu no Século XIX, e de outros médiuns de cura conhecidos no Brasil no século seguinte.

Vamos aos artigos de Cezarino.

Os Curadores do Senhor

1 – *DÉSIRÉE GODU, UMA MÉDIUM DE CURAS*

(...) não se faz um médium curador como se faz um médico. A aptidão para curar é inerente ao médium, mas o exercício da faculdade não tem lugar senão com o concurso dos Espíritos; donde se segue que se os Espíritos não querem, ou não querem mais se servir dele, é como um instrumento sem música, e nada obtém.

(ALLAN KARDEC, *Revista Espírita*, nov/1866)

INFORMATIVO IDMK

IDMK – PROMOVEDO UM MUNDO MELHOR DE SE VIVER

SÃO PAULO – CAPITAL – JANEIRO DE 1963

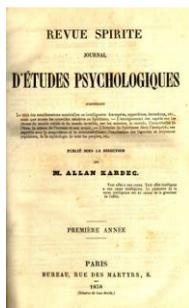
ARTIGO DO MÊS

A MÉDIUM DÉSIRÉE GODU – 1ª. PARTE

UM CASO DE CURAS PARANORMAIS NA *REVUE SPIRITE (RS)*

A começar deste número de Janeiro de 1963, o *INFORMATIVO IDMK* apresentará, em partes, um artigo produzido por Odamil Cezarino no qual o autor comenta um caso de curas paranormais estudado por Allan Kardec, nas páginas históricas da *Revue Spirite (RS)*.

• INTRODUÇÃO



Alan Kardec, o grande antecipador de quase tudo o que atualmente ocorre no campo das ciências psíquicas, ao estudar – baseado no seu laboratório na *Sociedade Parisiense* e com os meios de que dispunha – a extraordinária mediunidade curadora da jovem *DÉSIRÉE GODU*, nas páginas da *Revue Spirite (RS)*, nos legou um pequeno modelo de exame científico de cura paranormal.

Pois bem, com base nesse caso estudado por Kardec, podemos estabelecer pontos de contato com os casos objeto de investigação aqui no IDMK.

De fato, podemos pôr em paralelo diversos temas particulares aos médiuns de cura, de ontem e de hoje, como os que listamos a seguir:

1. **A pessoa do médium**
 - a. Meio simples, pouca instrução
 - b. A mudança de voz na psicofonia
 - c. A abnegação e a dedicação à tarefa
2. **As faculdades do médium**
 - a. Manifestação repentina, efeitos físicos
 - b. Diversos tipos de mediunidade
 - c. Concentração da mediunidade na missão de curar
 - d. Mudança na voz do médium
3. **Os guias do médium**
 - a. Espíritos curadores que patrocinam o médium
 - b. Espíritos orientam quanto à missão e desempenho desejado
4. **As dificuldades encontradas pelo médium**
 - a. Prática irregular de atividades médicas
 - b. Críticas e perseguições
5. **Os diagnósticos do médium**
 - a. Faculdade de segunda vista
 - b. Grande número de acerto no diagnóstico de doenças
6. **As doenças tratadas pelo médium**
 - a. Doenças resistentes ao tratamento convencional
 - b. Casos de doenças curáveis em fase aparentemente irreversível
 - c. Casos em que a Medicina falhou ou desenganou o doente
 - d. Casos de doenças similares às atualmente tratadas por outros médiuns
7. **A clientela do médium**
 - a. Maioria composta de indigentes ou desenganados da Medicina oficial
 - b. Pacientes ricos e pobres
 - c. Multidão de necessitados buscando ajudas, em locais improvisados
 - d. Falta de disciplina dos pacientes e a descontinuidade dos tratamentos
 - e. Afluxo de pessoas curiosas, muitas vindas de locais distantes

- 8. A medicação prescrita pelo médium**
 - a. Aplicação de “medicina espírita”- unguentos, preparados e infusões de ervas, flores, folhas de plantas, etc.
 - b. Distribuição gratuita de remédios e materiais de curativos
- 9. O modelo de tratamento**
 - a. Ação energética dos remédios utilizados
 - b. Uso constante e variado de medicamentos para os casos mais graves
 - c. Dedicção e disciplina na aplicação dos medicamentos
 - d. Necessidade de paciência para seguir a prescrição
 - e. Perseverança e tempo para curar as doenças mais rebeldes
- 10. As curas produzidas**
 - a. As extraordinárias curas relatadas
- 11. As pesquisas em torno dos fenômenos**
 - a. Médico que possa comprovar a eficácia da medicação
 - b. Profissional para apreciar os fenômenos com metodologia e isenção
 - c. Submissão dos fenômenos a duplo ponto de vista: da Ciência e do Espiritismo
- 12. A comprovação das curas**
 - a. Diversos testemunhos e certificados atestando curas
 - b. Relatórios de pesquisa e acompanhamento médicos
- 13. Os perigos da mediunidade de cura**
 - a. O orgulho, as fraquezas, as obsessões
 - b. Os desvios, o declínio ou a perda da mediunidade

Examinemos, então, com mais vagar, o caso da médium SRTA. GODU, salientando os aspectos supracitados.

▪ **UMA MÉDIUM DE CURAS**

Na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), na sessão de 25/11/1859, é feita uma apresentação sumária da Srta. DÉsirÉE GODU, médium dotada de extraordinária faculdade curadora. Kardec escreveu:

DÉsirÉE GODU passou por todas as fases da mediunidade; a princípio teve as mais estranhas manifestações físicas; depois se tornou sucessivamente médium audiente, falante, vidente e escrevente. Hoje, todas as suas faculdades estão concentradas

na cura das doenças, que ela trata a conselho dos Espíritos. Opera curas que em outros tempos seriam consideradas miraculosas. Os Espíritos anunciam que a sua faculdade se desenvolverá ainda mais; ela começa a ver as doenças internas, por um efeito de segunda vista, sem estar em sonambulismo.

(RS, dez/1859)

Em fevereiro de 1860, comentando sobre os médiums privilegiados, que os Espíritos curadores parece haverem tomado sob seu patrocínio direto, Kardec volta a mencionar a Srta. DÉsirÉE GODU e sua faculdade verdadeiramente excepcional, que utiliza com a mais piedosa abnegação, prometendo consagrar à médium um artigo especial, em próximo número da *Revue Spirite*.

(RS, fev/1860)

▪ **ARTIGO DE KARDEC SOBRE A MÉDIUM DÉsirÉE GODU**

Em março de 1860, conforme prometido, Allan Kardec escreve o artigo UM MÉDIUM CURADOR, e baseando-se em informações do Sr. Pierre, professor em Lorient, narra a história de DÉsirÉE GODU:

AS FACULDADES

Atualmente com vinte e cinco anos, de família distinta e respeitada, há cerca de oito anos, ela passou sucessivamente por todas as fases da mediunidade; a princípio, médium de efeitos físicos muito poderosa, tornou-se, sucessivamente, médium vidente, audiente, falante, escrevente e, finalmente, todas as suas faculdades se concentraram na cura de doentes, que parece ser a sua missão.

A MISSÃO

Sua mãe a ajuda no exercício da missão e há mais ou menos seis anos sua família dá de esmolas os remédios prescritos e, frequentemente, daquilo que é necessário aos curativos, tanto aos ricos quanto aos pobres que a procuram. Trabalhava sua mediunidade nos fenômenos de mesas girantes, enquanto aguardava sua verdadeira missão. O Espírito que a guia propõe-lhe curar todos os tipos de doenças, o que ela aceita. Para comunicar-se, ele agora se serve de seus órgãos, muitas vezes à sua revelia, em vez das batidas insípidas das mesas. Quando é o Espírito que fala, o timbre de sua voz já não é o mesmo e os seus lábios não se movem.

O APRENDIZADO

A Srta. GODU recebeu apenas uma instrução comum, mas a parte principal de sua educação foi realizada pelo Espírito. Ela via apenas as mãos de uma personagem misteriosa que lhe punha sob os olhos livros, gravuras ou desenhos, e lhe explicava todo o funcionamento dos órgãos do corpo humano, as propriedades das plantas, os efeitos da eletricidade, etc.

A PREPARAÇÃO

Ela não entra em transe, e penetra os doentes com o olhar quando está completamente desperta. O Espírito lhe indica os remédios, que ela própria geralmente prepara e aplica, dispensando auxiliares. No início, os Espíritos davam-lhe a composição de certos unguentos que curavam em poucos dias os panarícios e as feridas de pequena gravidade, a fim de lentamente habituá-la a processos de cura mais difíceis, que viriam no futuro.

O CARÁTER

Sabe inspirar aos doentes uma confiança sem limites, acha no coração consolações para todas as dores, tendo à mão remédios para todos os males. É de um caráter naturalmente alegre e jovial. Sua alegria é contagiante como a fé que a anima e atua instantaneamente sobre os doentes.

A CARIDADE

Todas as quintas-feiras, dia de feira, e domingos, das seis horas da manhã até cinco ou seis horas da tarde, a casa não se esvazia. Para ela, trabalhar é orar, e disso se desincumbe com consciência. Antes de ter de tratar os doentes passava dias inteiros confeccionando roupas para os pobres e enxovais para os recém-nascidos, empregando os meios mais engenhosos para que os presentes chegassem ao destino anonimamente, de sorte que a mão esquerda sempre ignorasse o que dava a direita.

ATESTADOS DE CURA

Possui grande número de certificados autênticos, concedidos por eclesiásticos, autoridades e pessoas notáveis, atestando curas que, em outros tempos, teriam sido consideradas miraculosas.

OS PERIGOS DA MEDIUNIDADE

Ao final desse artigo, Kardec assinala que não há exagero nesse relato (feito pelo professor Pierre, como vimos) e diz de sua satisfação em ver o digno emprego que a Srta. GODU faz de sua notável faculdade. Mas adverte sobre os perigos do orgulho para o médium, em vista dos elogios e adulações que fatalmente recebe.

É nesses momentos – diz Kardec – que os Espíritos enganadores se aproveitam para o fascinar, o dominar, o subjugar cada vez mais, a ponto de lhe fazerem tomar por verdades as coisas mais falsas; é assim que nele se perde o dom precioso, que não havia recebido de Deus senão para se tornar útil aos semelhantes, já que os Espíritos bons sempre se afastam daqueles que preferem escutar os maus.

Mas Kardec conclui dizendo confiante:

O que sabemos do caráter da Srta. GODU dá-nos a firme confiança de que ela se encontra acima dessas pequenas fraquezas e, assim, jamais comprometerá, como tantos outros, a nobre missão que recebeu.

(RS, mar/1860)

() Prossegue no próximo número.*

Os Curadores do Senhor

2 – MÉDICO ACOMPANHA TRABALHOS DE *DÉSIRÉE GODU*

Faremos observar que a mediunidade curadora ainda não se apresentou, ao que sabemos, com caracteres de generalidade e de universalidade, mas, ao contrário, restrita como aplicação, isto é, o médium tem uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não cura todas as doenças.

(ALLAN KARDEC, *Revista Espírita*, abr/1865)

INFORMATIVO IDMK

IDMK – PROMOVEDO UM MUNDO MELHOR DE SE VIVER

SÃO PAULO – CAPITAL – FEVEREIRO DE 1963

ARTIGO DO MÊS

A MÉDIUM DÉSIRÉE GODU – 2ª. PARTE

UM CASO DE CURAS PARANORMAIS NA *REVUE SPIRITE (RS)*

Prosseguimos neste número de Fevereiro de 1963 com a divulgação da 2ª. parte do artigo produzido por Odamil Cezarino, no qual o autor comenta um caso de curas paranormais estudado por Allan Kardec na *Revue Spirite (RS)*.

- **ACOMPANHAMENTO DOS FENÔMENOS POR UM MÉDICO**



Dr. Louis-Adolphe
Robin Morhéry (*)

Em abril de 1860, Allan Kardec acusa o recebimento de duas cartas do Dr. Morhéry, um membro correspondente da SPEE, sobre a Srta. *DÉSIRÉE GODU*, e destaca a importância delas, tendo em vista

resultarem de observações sérias de um homem de saber, eminentemente competente para apreciar as coisas sob o

duplo ponto de vista da Ciência e do Espiritismo.

De fato, já em fevereiro de 1859 (*Revue Spirite, fev/1859*), o Dr. Morhéry havia se apresentando como doutor em Medicina, e informara que já pesquisava e escrevia sobre fisiologia, e que escrevera, vinte anos antes, um *Estudo sobre os germens*. Acrescenta que se tornara espírita e se admirava de ver o sucesso da *Revue*, da qual era leitor assíduo. Autorizado por Morhéry, Kardec publica sua carta e comenta:

Ela prova que, ao lado do homem de ciência, há nele o homem judicioso que vê algo mais além das nossas sensações e que sabe sacrificar as suas opiniões pessoais em benefício da evidência. Nele, a convicção não é fé cega, mas raciocinada; é a dedução lógica do sábio, que não pensa tudo saber.

A MÉDIUM PROCURA UM MÉDICO

Em sua primeira carta, do início de março de 1860, o Dr. Morhéry narra que a Srta. DÉsirÉE GODU o procurou,

reclamando meu concurso como doutor em Medicina, para provar a eficácia de sua medicação, que poderíamos chamar espírita. A princípio pensei que as ameaças que lhe eram feitas e os obstáculos interpostos à sua prática médica, sem diploma, fossem a única causa de sua determinação; mas ela me disse que o Espírito que a dirige há seis anos havia aconselhado a medida como necessária, do ponto de vista da Doutrina Espírita.

Prossegue o médico dizendo que duvidara de que ela realizasse a proposta, visto que tinha sabido que essa jovem não queria separar-se da família, isso desde os dezessete

anos quando começou seus trabalhos de cura, a não ser para cumprir aquela difícil missão. Mas a jovem, levada por sua mãe, há dez dias encontrava-se em sua casa.

PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES DO MÉDICO

E o Dr. Morhéry assinala que, naqueles poucos dias, já observara setenta e cinco casos de doenças diversas, para a maioria das quais os recursos da Medicina haviam falhado. E acrescenta:

Temos amauroses, oftalmias graves, paralisias antigas e rebeldes a todo tratamento, escrofulosos, herpéticos, cataratas e cânceres avançados.

(RS, abr/1860)

(*) **Louis Marie Adolphe Napoleão Robin Morhéry** nascido em Loudéac em 1º. Junho de 1805, morreu em Paris em 21 dezembro 1864. Médico, compositor, humanista e político francês.

Na *Revue Spirite de 1859*, Kardec acusa o recebimento do seguinte material, enviado pelo Dr. Morhéry: (1) uma brochura intitulada *Sistema Prático de Organização Agrícola* e de (2) duas cantatas, de cuja letra é autor, intituladas *Itália e Veneziana*. (O. C.)

Amaurose: Enfraquecimento ou perda completa da vista, sem lesão alguma do aparelho visual, nem obstáculo nenhum à passagem dos raios luminosos. (O.C.)

Escrofuloso: Que padece escrófulas, isto é, pequenos tumores ovulares que ocorrem nas glândulas linfáticas. (O. C.)

Herpético: Aquele que padece herpes. (O. C.)

(**) *Prossegue no próximo número.*

Os Curadores do Senhor

3 – AS CURAS PRODUZIDAS POR *DÉSIRÉE GODU*

A mediunidade curadora não vem suplantiar a Medicina e os médicos; vem, simplesmente, provar a estes últimos que há coisas que eles não sabem e os convidar a estudá-las; que a Natureza tem leis e recursos que eles ignoram; que o elemento espiritual, que eles desconhecem, não é uma quimera e que, quando o levarem em conta, abrirão novos horizontes à Ciência e triunfarão mais amiúde do que agora.

(ALAN KARDEC. *Revista Espírita*, nov/1866)

INFORMATIVO IDMK

IDMK – PROMOVENDO UM MUNDO MELHOR DE SE VIVER

SÃO PAULO – CAPITAL – MARÇO DE 1963

ARTIGO DO MÊS

A MÉDIUM DÉSIRÉE GODU – 3ª. PARTE

UM CASO DE CURAS PARANORMAIS NA *REVUE SPIRITE (RS)*

Proseguimos neste número de Março de 1963 com a divulgação da 3ª. parte do artigo produzido por Odamil Cezarino, no qual o autor comenta um caso de curas paranormais estudado por Allan Kardec, na *Revue Spirite (RS)*.

● **METODOLOGIA DE PESQUISA DO DR. MORHÉRY**



Na *Revue Spirite* de maio 1860, no Boletim da SPEE, lê-se:

Leitura de... cartas do Sr. Morhéry sobre as curas operadas pela Srta. Godu, médium curador, que foi morar na casa dele e colocou-se sob o seu patrocínio. Como homem de ciência, o Sr. Morhéry

observa os efeitos do tratamento praticado por essa

senhorita nos diversos doentes que ela cuida. Ele procede anotações exatas, como o faria numa sala de clínica, e até chegou a constatar, em curto espaço de tempo, resultados deveras prodigiosos.

De fato, na carta do início de março de 1860, o Dr. Morhéry resume sua metodologia de diagnóstico, observação e controle:

Todos os casos são numerados, a natureza da moléstia por mim constatada, os curativos mencionados, e tudo é ordenado como numa sala clínica destinada a observações.

E, como cientista que era, ressalva:

Ainda não há tempo suficiente para que eu me possa pronunciar de maneira peremptória sobre as curas operadas pela medicação da Srta. GODU.

TESTEMUNHO

Todavia, demonstra coragem e confiança para testemunhar, logo em seguida:

Mas, desde hoje, posso manifestar minha surpresa pelos resultados revulsivos que ela obtém pela aplicação de seus unguentos, cujos efeitos variam ao infinito, por uma causa que eu não poderia explicar dentro das regras ordinárias da Ciência. Também vi com prazer que ela cortava as febres sem nenhuma preparação de quinina ou de seus extratos, por meio de simples infusões de flores ou de folhas de diversas plantas.

INVESTIGAÇÃO DE CASO DE CÂNCER

E anota, mais adiante, o acompanhamento que faz de um tratamento de câncer:

Acompanho com vivo interesse o tratamento de um câncer bastante avançado. Esse câncer, diagnosticado e tratado sem sucesso, como sempre, por vários colegas, é objeto da maior preocupação da Srta. GODU. Não são uma nem duas vezes que ela o pensa, mas a todas as horas. Desejo sinceramente que seus esforços sejam coroados de sucesso e que cure este indigente, que trata com zelo acima de qualquer elogio. Se o conseguir, pode-se naturalmente esperar que logrará outros e, neste caso, prestará um imenso serviço à Humanidade, curando essa terrível e atroz moléstia.

● CRÍTICAS E CONDENAÇÕES

E lá ontem, como aqui hoje, o cientista que se propõe a observar e estudar os fenômenos é alvo de censuras e críticas:

Sei que alguns confrades censurarão e sorrirão da esperança em que me embalo. Mas que me importa, desde que essa esperança se realize! Já me fazem reprimendas por prestar concurso a uma pessoa cuja intenção ninguém contesta, mas cuja aptidão para curar é negada pela maioria, considerando-se que tal aptidão não lhe foi dada pela Faculdade.

E o correspondente da SPEE, como poucos ousariam ainda hoje, fazia os homens de Ciência:

A isto responderei: não foi a Faculdade que descobriu a vacina, mas simples pastores; não foi a Faculdade que descobriu a cortiça do Peru, mas os indígenas daquele país. A Faculdade constata os fatos; agrupa-os e classifica-os para formar a preciosa base do ensino, mas não os produz exclusivamente.

E destemidamente enfrenta os sofismas de clérigos e de acusadores ignorantes das causas dos fenômenos:

Alguns tolos – infelizmente há muitos por aqui, como em toda parte – se julgam espirituosos por qualificarem a Srta. GODU de feiticeira. Certamente é uma feiticeira amável e bastante útil, pois não inspira nenhum temor de feitiçaria nem o desejo de sacrificá-la na fogueira.

E prossegue:

A outros, que pretendem seja ela instrumento do demônio, responderei sem rodeios: se o demônio vem à Terra curar os incuráveis, abandonados e indigentes, forçoso é concluirmos que finalmente ele se converteu, merecendo, por isso, os nossos agradecimentos. Ora, duvido muito que entre os que assim falam não haja muitos que prefiram ser curados por suas mãos, a morrerem nas mãos de médico. Recebamos, pois, o bem de onde vier e, a não ser com provas autênticas, não atribuamos o seu mérito ao diabo. É mais moral e mais racional atribuir o bem a Deus e lho agradecer; a respeito, penso que minha opinião será partilhada por vós e por todos os meus colegas.

CORAGEM INTELECTUAL

Em carta a Kardec (*Revue Spirite*, fev/1859), Morhéry já dizia

claramente que nunca temera manifestar suas opiniões, e é também com grande coragem intelectual que assim conclui sua missiva de março de 1860:

Voltarei ao assunto e vos porei ao corrente dessa curiosa experiência. Ligo a ela a maior importância; se triunfar, será uma brilhante manifestação contra a qual será impossível lutar, porque nada detém os que sofrem e querem curar-se. Estou decidido a tudo afrontar com esse objetivo, mesmo o ridículo que tanto se teme na França.

ABUSOS DA FARMACOLOGIA E EFEITOS COLATERAIS

Nessa mesma missiva, o médico informa, ainda, ter encaminhado à SPEE sua tese de doutorado, na qual menciona os prejuízos decorrentes do abuso da farmacologia e seus efeitos colaterais, que já se faziam sentir desde meados do Século XIX:

Aproveito a oportunidade para vos enviar minha tese inaugural. Se vos derdes ao trabalho de lê-la, compreenderéis facilmente quanto eu estava disposto em admitir o Espiritismo. Esta tese foi defendida quando a Medicina havia caído no mais profundo materialismo. Era um protesto contra essa corrente que nos arrastou para a Medicina orgânica e a farmacologia mineral, de que tanto se abusou. Quanta saúde arruinada pelo uso de substâncias minerais que, em caso de insucesso, aumentam o mal e, no de melhora, muitas vezes deixam traços em nosso organismo! ()*

(RS, abr/1860)

(*) Morhéry foi sempre um entusiasta na Medicina, como na Política, na qual obteve grande destaque na *Revolução de 1830* e como participante da *Assembleia Constituinte de 1848*. Foi discípulo de François Broussais, e sua tese de doutorado seguiu a doutrina fisiológica desse famoso médico.
(O. C.)

(**) *Prossegue no próximo número.*

4 – RELATOS DE CURAS DE *DÉSIRÉE GODU*

(...) a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.

(A. KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIV)

INFORMATIVO IDMK

IDMK – PROMOVEDO UM MUNDO MELHOR DE SE VIVER

SÃO PAULO – CAPITAL – ABRIL DE 1963

ARTIGO DO MÊS

A MÉDIUM DÉSIRÉE GODU – 4ª. PARTE

UM CASO DE CURAS PARANORMAIS NA *REVUE SPIRITE (RS)*

Prosseguimos neste número de Abril de 1963 com a 4ª. parte do artigo produzido por Odamil Cezarino, no qual o autor comenta um caso de curas paranormais estudado por Allan Kardec, na *Revue Spirite (RS)*.



- **NOVOS RELATOS DO DR. MORHÉRY**

Outra carta do Dr. Morhéry, esta de 20 de março de 1860, traz novidades sobre a médium DÉSIRÉE GADU.

Vejamos.

A CLIENTELA DA MÉDIUM

Nela, o missivista informa que a clientela da médium se compõe, em sua maioria, de indigentes cujas doenças resistiram aos tratamentos convencionais. Mas essa é uma clientela caprichosa, que não se afina com um tratamento contínuo e metódico e logo abandona o tratamento, julgando-se em melhor estado.

ALGUNS CASOS DE CURA

O médico informa ter catalogado 152 casos de moléstias, as quais continuará acompanhando, e mais tarde relatará os resultados finais. Mas já aponta alguns casos admiráveis de cura, tais como:

(i) Vi curar sem quinino três episódios de febres intermitentes, rebeldes, dos quais um havia resistido a todos os meios por mim empregados.

(ii) Curou igualmente três panarícios e duas inflamações subaponevróticas da mão, em poucos dias.

(iii) Posso também constatar a cura, ainda não radical, mas muito avançada, de um de nossos mais inteligentes trabalhadores, Pierre Le Boudec, de Saint-Hervé, surdo há 18 anos; ele ficou tão maravilhado quanto eu, quando, após três dias de tratamento, pôde ouvir o canto dos pássaros e a voz de seus filhos. Vi-o esta manhã; tudo leva a crer numa cura radical dentro em pouco.

(iv) Entre nossos doentes, o que mais atrai minha atenção neste momento é um tal Bigot, operário em Saint-Caradec, acometido há dois anos e meio por um câncer do lábio inferior. O câncer chegou ao último grau; o lábio inferior está parcialmente destruído; as gengivas, as glândulas sublinguais e submaxilares estão canceromatosas; o próprio osso maxilar

inferior está afetado pela moléstia. Quando se apresentou em minha casa seu estado era desesperador; suas dores eram atrozes; não dormia há seis meses; qualquer operação era impraticável, pois o mal estava muito avançado; a cura me parecia impossível e o declarei com toda franqueza à Srta. Godu, a fim de premuni-la contra uma derrota inevitável. Minha opinião não variou quanto ao prognóstico; não posso acreditar na cura de um câncer tão avançado. Entretanto, devo declarar que, desde o primeiro curativo, o doente experimenta alívio e, a partir de 25 de fevereiro, dorme bem e se alimenta; voltou-lhe a confiança; a ferida mudou de aspecto de modo visível e, se isso continuar, a despeito de minha opinião tão formal, serei obrigado a esperar uma cura. Se realizar-se será o maior fenômeno de cura que se possa constatar. É preciso esperar e ter paciência com o doente. A Srta. GODU tem com ele um cuidado todo especial; por vezes tem feito curativos de meia em meia hora. Esse indigente é o seu favorito.

UM OBSERVADOR ATENTO E DE BOA-FÉ

Como se pode ficar convencido pelas duas cartas acima – Kardec observa, judiciosamente – o Dr. Morhéry não se deixa fascinar pelo entusiasmo; observa as coisas friamente, como homem esclarecido que não se permite ilusões.

E acrescenta que o Dr. Morhéry

demonstra inteira boa-fé e, pondo de lado o amor próprio do médico, não teme confessar que a Natureza pode prescindir dele, inspirando a uma jovem sem instrução os meios de curar que ele não encontrou

sequer em sua Faculdade, nem em seu próprio cérebro, não se julgando humilhado por isso.

FENÔMENOS NATURAIS

Kardec lembra que os conhecimentos espíritas do médico mostram-lhe que os fenômenos ocorrem dentro das leis naturais e que a médium os produz somente porque suas faculdades são mais desenvolvidas do que de outras pessoas. Então faz uma curiosa comparação:

Pode-se dizer que essa jovem representa, para a arte de curar, o que Joana d'Arc representava para a arte militar.

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DAS CAUSAS DOS FENÔMENOS

O mestre lionês finaliza, reafirmando sua confiança no ensino dos Espíritos e na necessidade de sempre submeter os fenômenos de cura ao exame da ciência médica. Diz ele:

o Dr. Morhéry, esclarecido sobre os dois pontos essenciais – o Espiritismo como fonte e a Medicina ordinária como controle – pondo de lado o amor-próprio e qualquer sentimento pessoal, encontra-se na melhor posição para julgar imparcialmente.

(RS, abr/1860)

(*) Prossegue no próximo número.

5 – DOCUMENTAÇÃO DAS CURAS DE *DÉSIRÉE GODU*

Deve-se, pois, considerar a mediunidade curadora como um modo especial, e não como meio absoluto de cura; o fluido, como novo agente terapêutico aplicável em certos casos, e que vem acrescentar um novo recurso à Medicina; em consequência, a mediunidade curadora e a Medicina como devendo, de agora em diante, marchar simultaneamente, destinadas a se auxiliarem mutuamente, a se suplementarem e a se completarem uma pela outra. Eis por que se pode ser médico sem ser médium curador, e médium curador sem ser médico.

(ALLAN KARDEC, *Revista Espírita*, out/1867)

INFORMATIVO IDMK

IDMK – PROMOVENDO UM MUNDO MELHOR DE SE VIVER

SÃO PAULO – CAPITAL – MAIO DE 1963

ARTIGO DO MÊS

A MÉDIUM DÉSIRÉE GODU – 5ª. PARTE

UM CASO DE CURAS PARANORMAIS NA *REVUE SPIRITE (RS)*

Prosseguimos neste número de Maio de 1963 com a 5ª. parte do artigo produzido por Odamil Cezarino, no qual o autor comenta um caso de curas paranormais estudado por Allan Kardec, na *Revue Spirite (RS)*.



- **DOCUMENTAÇÃO DE CASOS DE CURA PRODUZIDOS PELA MÉDIUM**

Em maio de 1860, mediante nova correspondência à SPEE, o Dr. Morhéry relata alguns casos de cura que obtivera com o concurso da Srta. GODU. Diz ele que selecionou os casos em

função da variedade das moléstias, e não de sua gravidade, e que também procurou não mencionar curas de pouca importância.

VISÃO DE MÉDICO E ESPÍRITA

E o médico escreveu contrapesando o entusiasmo do Espírita com as cautelas do doutor em Medicina:

Já visitamos mais de duzentos doentes e tivemos a satisfação de curar quase todos os que tiveram a paciência de seguir as prescrições. Não vos falo dos nossos cancerosos, eles estão bem encaminhados; mas esperarei resultados positivos antes de me pronunciar. Temos ainda grande número de doentes em tratamento; escolhemos, de preferência, os que são considerados incuráveis. Dentro de pouco tempo espero ter novos casos de cura a vos indicar. São principalmente as afecções reumáticas, as paralisias, as ciáticas, as úlceras, os distúrbios ósseos e as chagas de qualquer natureza que o sistema de tratamento parece dar melhores resultados.

A HUMILDADE

No passo seguinte, humildemente confessa:

Aprendi muitas coisas úteis que, antes do meu contato com essa senhorita, ignorava. Cada dia ela me ensina algo de novo, tanto para o tratamento quanto para o diagnóstico.

A CORREÇÃO DOS DIAGNÓSTICOS

Quanto aos diagnósticos, se admira de sua correção:

Em relação ao prognóstico, ignoro como pode fixá-lo; todavia, ela não se engana. Com a ciência ordinária não se pode explicar uma tal penetração, mas vós, senhor, a compreendeis facilmente.

CERTIFICAÇÃO DE CURAS

E termina declarando o seguinte:

Certifico como verdadeiras e sinceras todas as observações que se seguem, com a minha assinatura.

Das observações que fez, em número de doze, colhemos:

3ª. Observação: paciente de 32 anos, com inflamação subaponevrótica no dorso e na palma da mão. – Prognóstico: caso grave, mas não incurável. A cura foi obtida em menos de quinze dias. Temos quatro ou cinco casos semelhantes.

4ª. Observação: François R..., de Loudéac, 27 anos. Diagnóstico: tumor branco cicatrizado no joelho esquerdo; abscesso fistuloso na parte posterior da coxa, acima da articulação. O mal existe desde os dez anos. – Prognóstico: caso muito grave e incurável, resistiu aos melhores tratamentos instituídos durante seis anos. O doente foi pensado com unguentos preparados pela Srta. GODU e tomou infusões de plantas diversas. Hoje se pode considerá-lo curado.

6ª. Observação: Vincent Gourdel, 32 anos. Diagnóstico: oftalmia aguda, conseqüente a uma erisipela intensa. Injeção inflamatória da conjuntiva e grande belida manifestando-se na córnea transparente do olho esquerdo; estado inflamatório geral. – Prognóstico: afecção grave e muito intensa. É de temer-se que o olho se perca em dez dias. – Tratamento: aplicação de unguentos sobre o olho doente. Hoje a oftalmia está curada; a belida desapareceu, mas o tratamento continua para combater a erisipela, que parece ser de natureza periódica e, talvez, dartrosa.

8ª. Observação: Jean-Marie Le Berre, 19 anos, indigente em Lamotte. Diagnóstico: cefalalgia violenta, insônia, hemorragias frequentes pelas fossas nasais, desvio para dentro do joelho direito e para fora da mesma perna. O doente realmente está estropiado. – Prognóstico: incurável. – Tratamento: tópico extrativo e unguentos da Srta. GODU. Hoje o membro se endireitou e a cura é mais ou menos completa;

entretanto, continua-se o tratamento, por precaução.

10º. Observação: Pierre Le Boudu, comuna de Saint-Hervé. Diagnóstico: surdez desde os dezoito anos, consequente a uma febre tifoide. – Prognóstico: incurável e rebelde a todo tratamento. – Tratamento: injeções e usos de infusões de plantas diversas, preparadas pela Srta. GODU. Hoje o doente ouve o movimento de seu relógio; o barulho o incomoda e atordoa, em razão da sensibilidade do ouvido.

IMPORTANTE OBSERVAÇÃO DE KARDEC

São observações de um profissional – diz Kardec – que, pondo de lado o amor próprio, admite francamente a sua insuficiência em presença dos infinitos recursos da Natureza, que não lhe disse a última palavra nos bancos escolares. Reconhece que essa moça, sem instrução especial, ensinou-lhe mais do que certos livros dos homens, porque lê no próprio livro da Natureza. Como homem sensato, prefere salvar um doente por meios aparentemente irregulares, a deixá-lo morrer segundo as regras; e não se julga humilhado.

ESTUDO TEÓRICO DA FACULDADE INTUITIVA

Finalizando, Kardec informa que fará, em próximo artigo, um estudo teórico dessa faculdade intuitiva, e que obtivera de um homem, natural do Hindustão e de origem indiana, preciosos ensinamentos sobre a prática dessa faculdade pelos nativos.

(RS, mai/1860)

Belida: Névoa ou mancha esbranquiçada na córnea; albugem. (O. C.)

Dartroso: Que tem dartro: moléstia cutânea que dá à pele cor avermelhada e aspecto esfolado; impigem. (O. C.)

(*) Prossegue no próximo número.

6 – OS PROCEDIMENTOS DE CURA DE *DÉSIRÉE GODU*

Seria, pois, um erro acreditar que, pelo fato de se ter obtido uma cura, mesmo difícil, podem ser obtidas todas, em virtude de o fluido próprio de certos doentes ser refratário ao fluido do médium; a cura é tanto mais fácil quanto mais naturalmente se opera a assimilação dos fluidos.

(ALLAN KARDEC. *Revista Espírita*, abr/1865)

INFORMATIVO IDMK

IDMK – PROMOVENDO UM MUNDO MELHOR DE SE VIVER

SÃO PAULO – CAPITAL – JUNHO DE 1963

ARTIGO DO MÊS

A MÉDIUM DÉSIRÉE GODU – 6ª. PARTE

UM CASO DE CURAS PARANORMAIS NA *REVUE SPIRITE (RS)*

Prosseguimos neste número de Junho de 1963 com a 6ª. parte do artigo produzido por Odamil Cezarino, no qual o autor comenta um caso de curas paranormais estudado por Allan Kardec, na Revue Spirite (RS).



Rua de Lille, Paris, local de venda das obras de Kardec

▪ PROCEDIMENTOS ADOTADOS PELA MÉDIUM

Em correspondência datada de 23 de maio de 1860, o Dr. Morhéry declara que desta feita comentará não os fatos e sim o modo por que são feitos os tratamentos. E justifica que o faz para esclarecer as pessoas de longe que buscam a médium ou porque desconhecem o gênero de medicação utilizado ou por pura curiosidade.

Diz o Dr. Morhéry:

A Srta. Godu não é sonâmbula. Jamais consulta a distância, nem mesmo em meu domicílio, mas apenas sob minha direção e meu controle. Quando estamos de acordo, o que ocorre quase sempre, pois agora estou em condições de apreciar sua medicação, começamos o tratamento convencionado e a Srta. Godu faz os curativos e prepara as tisanas. Numa palavra, age como enfermeira, mas enfermeira de elite, e com um zelo sem paralelo, em nossa modesta casa de saúde improvisada.

PRIMEIRAS TEORIAS

A seguir, teoriza:

- (i) Será por um fluido depurador, de que seria dotada, que ela consegue resultados tão preciosos?*
- (ii) Será por sua pertinácia na aplicação dos curativos, ou pela confiança que inspira?*
- (iii) Será, enfim, por um sistema de medicação bem concebido e bem dirigido, que ela obtém sucesso?*

Sobre a primeira questão diz que dela cuidará mais tarde, após aprofundar seus estudos. À segunda, responde afirmativamente, como também à terceira. Sobre esta última, diz ele:

Adquiri a convicção de que a medicação da Srta. Godu constitui todo um sistema muito metódico. Este sistema é simples em sua teoria, mas, na prática, varia ao infinito; e é na aplicação que reclama toda a atenção e toda a habilidade possíveis.

A FORMA DO TRATAMENTO

Depois, narra como se dá o tratamento:

Na maioria dos casos, a Srta. GODU aplica um tópico extrativo, composto de uma ou duas matérias, encontradas em toda parte, na choupana como no castelo. Esse tópico tem uma ação de tal modo enérgica que se obtêm efeitos incomparavelmente superiores a todos os nossos revulsivos conhecidos, sem excetuar o cautério atual e as moxas.

Às vezes, ela se limita à aplicação de vesicatórios, quando um efeito mais enérgico não é indispensável. A habilidade consiste em proporcionar o remédio ao mal, em manter uma supuração constante e variada, e eis o que ela obtém com um unguento tão simples que não se pode classificar no número dos medicamentos. Pode ser assimilado aos ceratos simples e mesmo aos cataplasmas; entretanto, tal unguento produz efeitos duráveis e muito variados: aqui são sais calcários que aparecem sobre o emplastro; nos hidrópicos, é água; nas pessoas com humores, é uma supuração abundante, ora clara, ora espessa. Enfim, os efeitos de seu unguento variam ao infinito, por uma causa que ainda não apreendi e que, aliás, deve entrar no estudo da primeira questão. Isto quanto ao exterior. Mais tarde dir-vos-ei uma palavra sobre a medicação interna, que compreendo facilmente. Não se deve pensar que o mal seja tirado qual se fora um passe de mágica; como sempre, são precisos tempo e perseverança para curar radicalmente as doenças rebeldes.

(RS, jun/1860)

Cerato: Preparado à base de cera e óleo. (O. C.)

Moxa: Mecha de algodão ou de algodão, que os chineses aplicam acesas sobre a pele para a cauterizar. (O. C.)

Tisana: Medicamento líquido que constitui a bebida ordinária de um doente. (O. C.)

Vesicatório: Vesicante. Que produz vesícula ou ampolas na pele. (O. C.)

(*) Finaliza no próximo número.

Os Curadores do Senhor

7 – PERDEU-SE A MÉDIUM *DÉSIRÉE GODU*?

Eles [os bons espíritos] só abandonam os que deixam o bom caminho, o que é fácil de reconhecer pelo declínio do sucesso, ao passo que sustentam, até o último momento, mesmo contra os ataques da malevolência, aqueles cujo zelo, sinceridade, abnegação e humanidade são a prova das vicissitudes da vida.

(ALLAN KARDEC, *Revista Espírita*, jun/1867)

INFORMATIVO IDMK

IDMK – PROMOVEDO UM MUNDO MELHOR DE SE VIVER

SÃO PAULO – CAPITAL – JULHO DE 1963

ARTIGO DO MÊS

A MÉDIUM DÉSIRÉE GODU – ÚLTIMA PARTE

UM CASO DE CURAS PARANORMAIS NA *REVUE SPIRITE (RS)*

Neste número de Julho de 1963, divulgamos a última parte do artigo produzido por Odamil Cezarino, no qual o autor comenta um caso de curas paranormais estudado por Allan Kardec, na *Revue Spirite (RS)*.



▪ PERDEU-SE A MÉDIUM *DÉSIRÉE GODU*?

Por um período de um ano e meio, entre julho de 1860 e dezembro de

1861, a *Revue Spirite* não publicou notícia nenhuma acerca das atividades da médium *DÉSIRÉE GODU*. O que teria acontecido?

LEVANTA-SE PARTE DO VÉU

Mas na edição de janeiro de 1862, o mistério em parte é desfeito, pois Kardec faz publicar trechos de carta que

enviara ao Dr. Morhéry, a propósito da Srta. GODU. Dessa carta, extraímos os pontos seguintes.

Kardec deixara de publicar novos fatos acerca da atividade curadora da médium, e explica as razões disso ao Dr. Morhéry:

É certo que não publiquei todos os relatórios que me enviastes sobre as curas operadas pela Srta. GODU, mas, por outro lado, disse o bastante para chamar a atenção para ela. Se falasse constantemente do caso, poderia dar a impressão de estar a serviço de interesses particulares.

E no final do parágrafo acima Kardec escreveu significativamente:

Aconselhava a prudência que o futuro viesse confirmar o passado.

NOVOS E ESTRANHOS FENÔMENOS PRODUZIDOS PELA MÉDIUM

O fato é que nos últimos tempos muitas pessoas comentavam estranhos fenômenos operados pela Srta. Godu:

notadamente os que dizem respeito à produção de diamantes e de grãos preciosos por meios não menos estranhos, diz Kardec.

E o Dr. Morhéry havia escrito uma longa carta descritiva a esse respeito, que Kardec não publicara, e muitos haviam se admirado disso. E o Codificador se justifica:

A razão disso é que não apreciamos nenhum fato com entusiasmo, examinando friamente as coisas antes de as aceitar, pois a experiência nos tem ensinado quanto devemos

desconfiar de certas ilusões.

E diz Kardec noutra trecho de sua missiva:

Quanto aos fenômenos que relatais na última carta, são tão estranhos que não me arriscarei a publicá-los senão quando tiver a sua confirmação de maneira irrecusável.

E acrescenta que essa é também a opinião do comitê da SPEE, ao qual submetera a carta do Dr. Morhéry, isto é, *que antes de falar do caso, conviria aguardar o seu desdobramento.*

MELHOR SERIA SE CONTINUASSE MÉDIUM DE CURAS

E, num passo de sua resposta, lastima:

Quanto à nova e prodigiosa faculdade que se teria revelado na Srta. Godu, acreditamos sinceramente que a de médium curador era mais preciosa e mais útil à Humanidade e, mesmo, à propagação do Espiritismo.

(RS, jan/1862)

A MÉDIUM PERDEU SEUS DONS DE CURA?

À vista do que acima foi comentado, e do fato de que, a partir dessa oportunidade, a *Revue Spirite* não fez mais nenhuma referência à DÉsirÉE GODU ou ao Dr. Morhéry (que viria a falecer em 21 de dezembro de 1864), tudo leva a crer que a médium teria abandonado (ou perdido) seus talentos curadores.

Na *Revue* de março de 1860, Kardec escrevera sobre a nobreza de caráter dessa jovem médium e, naquela oportunidade, disse acreditar que ela não comprometeria – como tantos outros, ele frisou – a nobre missão que recebeu.

Mas, como ele próprio diz agora, infelizmente, o futuro não confirmou o passado...

Tudo isso reafirma, uma vez mais, o quanto é complexo, penoso e arriscado o exercício desse extraordinário dom mediúnico.

PS - Esperemos que, relativamente a esse ponto, não venhamos a ter nenhum paralelo com os médiuns cujos fenômenos vimos estudando aqui no IDMK!

(*) NOTA DE OLIVEROS LIÃO À MARGEM DESTA ARTIGO: Cezarino, infelizmente, faleceu em 31 de agosto de 1963, e não teve tempo de corrigir este post scriptum, tendo em vista que a médium Afonsina do Matungo, cujos fenômenos de cura ele vinha estudando tão dedicadamente, também acabou por comprometer sua mediunidade de cura, aliás, como ele temia que acontecesse, conforme me revelou, em conversa que tivemos pouco antes de sua morte.⁸³

⁸³ Nota do Editor: Veja na **PRIMEIRA PARTE** o Cap. 20 – Hipócrates e Galeno no *Alto do Matungo*.

ADENDA

TEXTOS PARA REFLEXÃO

Não encaramos a mediunidade curadora senão do ponto de vista fenomênico e como meio de propagação, e não como recurso habitual.

(A. KARDEC. *Revista Espírita*, jan/1864)

MEDIUNIDADE CURADORA E MEDICINA

A mediunidade curadora não vem suplantiar a Medicina e os médicos; vem, simplesmente, provar a estes últimos que há coisas que eles não sabem e os convidar a estudá-las; que a Natureza tem leis e recursos que eles ignoram; que o elemento espiritual, que eles desconhecem, não é uma quimera e que, quando o levarem em conta, abrirão novos horizontes à Ciência e triunfarão mais amiúde do que agora.

.....

Um outro ponto a considerar é que sendo esta faculdade fundada em leis naturais, ela tem limites traçados por essas mesmas leis. Compreende-se que a ação fluídica possa dar a sensibilidade a um órgão existente; fazer dissolver e desaparecer um obstáculo ao movimento e à percepção; cicatrizar uma ferida, porque então o fluido se torna um verdadeiro agente terapêutico; mas é evidente que não pode remediar a ausência ou a destruição de um órgão, o que seria um verdadeiro milagre. Assim, a visão poderá ser restituída a um cego por amaurose, oftalmia, belida ou catarata, mas não a quem tivesse os olhos vazados. Há, pois, doenças fundamentalmente incuráveis, e seria ilusão crer que a mediunidade curadora vá livrar a Humanidade de todas as suas enfermidades.

(ALAN KARDEC. *Revista Espírita*, nov/1866)

MEDICINA TERAPÊUTICA, FLUÍDICA E HOMEOPÁTICA

Tal é o caso de grande número de doenças, cuja origem é devida aos fluidos perniciosos de que é penetrado o organismo. Para obter a cura, não são moléculas deterioradas que devem ser substituídas, mas um corpo estranho que se deve expulsar; desaparecida a causa do mal, o equilíbrio se restabelece e as funções retomam seu curso.

Concebe-se que em semelhantes casos os medicamentos terapêuticos, destinados, por sua natureza, a agir sobre a matéria, não tenham eficácia sobre um agente fluídico; por isso a medicina ordinária é impotente em todas as moléstias causadas por fluidos viciados, e elas são numerosas. À matéria pode-se opor a matéria, mas a um fluido mau é preciso opor um fluido melhor e mais poderoso. A *medicina terapêutica* naturalmente falha contra os agentes fluídicos; pela mesma razão, a *medicina fluídica* falha onde é preciso opor a matéria à matéria; a *medicina homeopática* nos parece ser o intermediário, o traço de união entre esses dois extremos, e deve particularmente triunfar nas afecções que poderiam chamar-se mistas.

Seja qual for a pretensão de cada um destes sistemas à supremacia, o que há de positivo é que, cada um de seu lado, obtém incontestáveis sucessos, mas que, até o presente, nenhum justificou estar na posse exclusiva da verdade; donde se deve concluir que todos têm sua utilidade, e que o essencial é os aplicar adequadamente.

(ALAN KARDEC. *Revista Espírita*, mar/1868)

MEDIUNIDADE CURADORA E O EXERCÍCIO ILEGAL DA MEDICINA

Ademais, a mediunidade curadora escapa completamente à lei sobre o exercício ilegal da Medicina, visto não prescrever nenhum tratamento. Com que penalidade se poderia atingir aquele que cura somente pela sua influência, secundada pela prece que, além disso, nada pede como preço de seus serviços? Ora, a prece não é uma substância farmacêutica. Em vossa opinião é uma parvoíce; seja.

Os Curadores do Senhor

Mas se a cura está no fim dessa tolice, que direis vós? Uma tolice que cura vale bem os remédios que não curam.

(ALAN KARDEC. *Revista Espírita*, nov/1866)

OS VERDADEIROS MÉDIUNS CURADORES SÃO RAROS

O médium curador recebe o influxo fluídico do Espírito, ao passo que o magnetizador haure tudo de si mesmo. Mas os médiuns curadores, na estrita acepção do termo, isto é, aqueles cuja personalidade se apaga completamente diante da ação espiritual, são extremamente raros, porque essa faculdade, elevada ao mais alto grau, requer um conjunto de qualidades morais, raramente encontradas na Terra; só estes podem obter, pela imposição das mãos, essas curas instantâneas que nos parecem prodigiosas. Pouquíssimas pessoas podem pretender este favor. Sendo o orgulho e o egoísmo as principais fontes das imperfeições humanas, daí resulta que os que se vangloriam de possuir esse dom, que por toda parte vão enaltecendo as curas maravilhosas que fizeram, ou que dizem ter feito, que buscam a glória, a reputação ou o lucro, estão nas piores condições para o obter, porque essa faculdade é privilégio *exclusivo da modéstia, da humildade, do devotamento e do desinteresse*. Jesus dizia àqueles a quem havia curado: Ide dar graças a Deus e não o digais a ninguém.

(ALAN KARDEC. *Revista Espírita*, set/1865)

SAÚDE MENTAL

Abrindo novos horizontes a todas as ciências, o Espiritismo vem, também, elucidar a questão tão obscura das doenças mentais, ao assinalar-lhes uma causa que, até hoje, não havia sido levada em consideração – causa real, evidente, provada pela experiência e cuja verdade mais tarde será reconhecida. Mas como fazer que tal causa

O. Curadores do Senhor

seja admitida por aqueles que estão sempre dispostos a enviar ao hospício quem quer que tenha a fraqueza de crer que temos uma alma e que esta desempenha um papel nas funções vitais, sobrevive ao corpo e pode atuar sobre os vivos? Graças a Deus, e para o bem da Humanidade, as ideias espíritas fazem mais progresso entre os médicos do que se podia esperar e tudo faz prever que, num futuro não muito remoto, a Medicina saia finalmente da rotina materialista. (ALAN KARDEC. *Revista Espírita*, abr/1862)

SAÚDE MATERIAL E ESPIRITUAL

Em geral os que buscam a faculdade curadora têm como único desejo obter o restabelecimento da *saúde material*, restituir a liberdade de ação a tal *órgão*, impedido nas suas funções por uma *causa material* qualquer. Mas, sabeis-o bem, é o menor dos serviços que esta faculdade é chamada a prestar, e só a conheceis em suas primícias e de maneira completamente rudimentar, se lhe conferis este único papel... Não, a faculdade curadora tem uma missão mais nobre e mais extensa!... Se pode restituir aos corpos o vigor da saúde, também deve dar às almas toda a pureza de que são susceptíveis, e é somente neste caso que poderá ser chamada *curativa*, no sentido absoluto da palavra.

.....

Uma última reflexão. Aconselham-vos que busqueis de preferência os pobres, que não têm outros recursos além da caridade do hospital. Não é esta absolutamente a minha opinião. Jesus dizia que o médico tem por missão cuidar dos doentes e não dos que gozam de boa saúde. Lembrai-vos de que na questão de saúde moral, há doentes por toda parte, e que o dever do médico é ir a toda parte onde o seu socorro é necessário.

(ABADE PRÍNCIPE DE HOHENLOH, *Revista Espírita*, out/1867)

NATIVOS CURADORES

A propósito da medicina intuitiva, o Sr. C..., um dos ouvintes presentes à sessão, após convidado pelo Presidente, dá

Os Curadores do Senhor

informações do mais alto interesse sobre o poder curador de que desfrutam certas castas negras. Natural do Hindustão, de origem indiana, o Sr. C... foi testemunha ocular de numerosos fatos desse gênero, dos quais não se dava conta àquela época. Hoje ele encontra a chave no Espiritismo e no magnetismo. Os negros curadores fazem largo uso de certas plantas, mas muitas vezes se contentam em apalpar e friccionar o doente, agindo conforme as instruções de vozes ocultas que lhes falam.

(ALAN KARDEC. *Revista Espírita*, mai/1860)

PARTICIPAÇÃO DOS PARENTES E AMIGOS NA CURA

O fato mais característico assinalado nesta carta é o da intervenção dos parentes e amigos dos doentes nas curas. É uma ideia nova, cuja importância não escapará a ninguém porque sua propagação não pode deixar de ter resultados consideráveis. É a vulgarização anunciada da mediunidade curadora. Os espíritas notarão quanto os Espíritos são engenhosos nos meios tão variados que empregam para penetrar a ideia nas massas. Como não o seria, desde que se lhe abrem, incessantemente, novos canais e lhe são dados os meios de bater em todas as portas?

(ALAN KARDEC. *Revista Espírita*, jun/1867)

ESTAFA MEDIÚNICA

O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga: O exercício muito prolongado de qualquer faculdade produz fadiga: com a mediunidade acontece o mesmo, principalmente com a de efeitos físicos.

(ALAN KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, item 21, subitem 2)

MEDICINA ESPÍRITA

A Medicina Espírita não é uma aplicação pura e simples da mediunidade curadora a casos de doenças incuráveis, nem uma forma de curandeirismo. É o que Kardec chamava uma aplicação dos princípios espíritas no plano cultural. No caso, aplicação específica à Medicina, o que só pode ser feito por médicos. O Espiritismo contribuiu com a mediunidade e a Medicina com o saber e a experiência dos médicos.

.....

A Medicina Espírita implica, portanto, o problema da mediunidade curadora em toda a sua globalidade de manifestações. Havendo sinceridade nessa conjugação, estaremos em face de um dos momentos mais significativos da evolução humana na terra. Os benefícios que dela podem resultar para o bem da saúde humana são simplesmente incalculáveis. Caberia à *Sociedade de Médicos Espíritas de São Paulo* encabeçar essa iniciativa cada vez mais necessária.

(J. HERCULANO PIRES. *Mediunidade* (Vida e Comunicação) - Cap. XII, Edicel, 1979.)

CIRURGIAS ESPIRITUAIS

Quando se tratar de cirurgias com utilização de instrumentos de perfuração ou corte, a casa espírita deverá todo cuidado possível porque essa não é a proposta da Doutrina Espírita. Com todo respeito devido aos médiuns curadores que utilizam as facas, canivetes, bisturis, serras, agulhas, etc., cumpre saibamos que não é essa a finalidade de um centro espírita, evitando, sempre que possível, semelhantes práticas em nossas instituições. Perfurações, cortes, extirpações de órgãos e tudo o mais nessa órbita são da alçada da medicina humana, e devemos respeito aos facultativos, respeito à ciência.

Os Curadores do Senhor

(RAUL TEIXEIRA. *Entrevista*. Correio Espírita, março/2007)

Os médiuns de cura são abençoados quando empregam a mediunidade em favor dos que sofrem "dando de graça o que de graça receberam". Somos a favor das cirurgias espirituais que não utilizam bisturis, nem lâminas cortantes, mas empregam tão somente os dedos das mãos.

(MARLENE NOBRE. *Entrevista*. Fonte: AME/Brasil)

PERGUNTA: *Têm surgido muitos médiuns e curadores por este Brasil afora, que receitam remédios e até operam os doentes. Qual é a maneira de se identificar o verdadeiro do falso?*

CHICO XAVIER: Eu creio que isto deva ser fruto da educação do sertanejo, acreditar que, pagando bem, irá conseguir curas espirituais. O verdadeiro Espiritismo não pode cobrar, nem mesmo os remédios que receita aos doentes. Também sou contra essa história de meter o canivete no corpo dos outros, sem ser médico. O médico estudou bastante anatomia, patologia e, por isso, está habilitado a fazer uma cirurgia. Por que eu, sendo médium, vou agora pegar uma faca e abrir o corpo de um cristão sem ser considerado um criminoso? Eu já me operei cinco vezes, e vários médiuns me ofereceram seus serviços. O Espírito Emmanuel me disse: *Você deveria ter vergonha em pensar em receber esse tipo de cura, porque todos os outros doentes vertem sangue, usam éter, tomam determinados remédios para melhorar. Você pretende se curar sentado numa cadeira de balanço?*

(F. C. XAVIER. *Entrevista*. Goiás Espírita, Ed. 284, jan/fev/1988)

A medicina humana será muito diferente no futuro, quando a ciência puder compreender a extensão e complexidade dos fatores mentais no campo das moléstias do corpo físico. Muito raramente não se encontram as afecções diretamente relacionadas com o psiquismo. Todos os órgãos são subordinados à ascendência moral. As preocupações excessivas com os sintomas patológicos aumentam as enfermidades; as grandes emoções podem curar o corpo ou aniquilá-lo. Se isso pode acontecer na esfera de atividades vulgares das lutas físicas, imagine o campo enorme de observações que nos oferece o plano espiritual, para onde se transferem todos os dias, milhares de almas desencarnadas, em lamentáveis condições de desequilíbrio da mente. O médico do porvir conhecerá semelhantes verdades e não circunscreverá sua ação profissional ao simples fornecimento de indicações técnicas, dirigindo-se, muito mais, nos trabalhos curativos, às providências espirituais, onde o amor cristão represente o maior papel.

(ANDRÉ LUIZ/F. C. XAVIER. *Missionários da Luz*, Cap. 12, p. 176)

MEDICINA NO PLANO ESPIRITUAL

Na esfera carnal, na qualidade de médicos, nossas obrigações resumiam-se ao exame detido das enfermidades, com indicação clínica ou intervenção cirúrgica, e ao fornecimento de diagnósticos técnicos que outros colegas confirmavam, quase sempre por espírito de solidariedade, dentro da classe; mas, aqui, a paisagem modifica-se. Cabe-me usar a língua como estilete criador de vida nova. A casa está repleta de cooperadores que trabalham, servindo-lhe ao programa de socorro, e se submetem aos nossos

Os Curadores do Senhor

cuidados de orientação médica, simultaneamente. Não basta, porém, que eu lhes diga o que sofrem, como fazia antigamente. Devo funcionar, acima de tudo, como professor de higiene mental, auxiliando-os na germinação e desenvolvimento de ideias reformadoras e construtivas, que lhes elevem o padrão de vida íntima. Distribuímos recursos magnéticos de restauração, com todos os necessitados, reanimando-lhes a organização geral, com os elementos de cura ao nosso alcance; não sem ensinar, entretanto, a cada enfermo, algo de novo que lhe reajuste a alma. Noutro tempo, tínhamos o campo de ação na célula física. Presentemente, todavia, essa zona de atuação é a célula mental.

(ANDRÉ LUIZ/F. C. XAVIER. *Obreiros da Vida Eterna*, Cap. 5, p. 77)

A QUEDA DE ACELINO

A vidência, a audição e a psicografia, que o Senhor me concedera, por misericórdia, constituíam decisivos fatores de êxito em nossas atividades. A alegria de todos era inexcedível. Entretanto, apesar das lições maravilhosas de amor evangélico, inclinei-me a transformar minhas faculdades em fonte de renda material. Não me dispus a esperar pelos abundantes recursos que o Senhor me enviaria mais tarde, após meus testemunhos no trabalho, e provoquei, eu mesmo, a solução dos problemas lucrativos.

(Fala de Acelino In *Os Mensageiros*. ANDRÉ LUIZ/F. C. XAVIER)

Os Curadores do Senhor

GLOSSÁRIO

TERMOS CORRENTES

Camarinho. [Fenômeno atmosférico.] Relâmpagos breves, fugidios e constantes, que se veem ao longe, em entardeceres chuvosos ou sob ameaça de chuva.

Curandeiro. (1) Pessoa que se dedica a curar sem ser médico.
O que cura sem título nem conhecimentos médicos.

Curandeiro. (2) Charlatão em medicina, que finge tratar doenças ou possessões diabólicas por meio de rezas.

Fluido 1. Fluídico. **2.** Diz-se das substâncias líquidas ou gasosas.
3. Que corre ou se expande à maneira de um líquido ou gás.

Magia. Ciência e arte que pretende atuar sobre a natureza, empregando conscientemente poderes invisíveis, para obter resultados visíveis, contrários às suas leis.

Matungo. Na região de Aguinhas, é o nome que se dá a cavalo ruim e sem raça, ou velho e sem préstimo.

Psicossomático 1. Relativo simultaneamente ao perispírito e ao corpo material. **2.** Diz-se das enfermidades ou perturbações reflexas, produzidas no corpo físico por influência psíquica ou espiritual.

Místico. 1. Misterioso e espiritualmente alegórico ou figurado.
2. Relativo à vida espiritual contemplativa. **3.** Devoto, religioso, contemplativo, piedoso.

Sincretismo. 1. Reunião de ideias ou de teses de origens disparatadas.
2. Amálgama de doutrinas ou concepções heterogêneas.

Sobrenatural. 1. Que ultrapassa o natural; que não é atribuído à natureza. **2.** Relacionado com fenômenos extraterrenos.
3. Extraordinário; miraculoso.

Taumaturgo. 1. Que ou aquele que faz milagres. 2. Diz-se daqueles que, com ou sem razão, se vangloriam de ter o poder de produzir fenômenos fora das leis da natureza.

Terapeutas. (Do grego *therapeutés*, formado de *therapeuîn*, servir, cuidar, isto é, servidores de Deus, ou curadores.) – Eram sectários judeus contemporâneos do Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Tinham muita relação com os essênios, cujos princípios adotavam, aplicando-se, como esses últimos, à prática de todas as virtudes. Sua alimentação era extremamente frugal. Devotados ao celibato, à contemplação e à vida solitária, constituíam uma verdadeira ordem religiosa. FÍLON, filósofo judeu platônico, de Alexandria, foi o primeiro a falar dos terapeutas; considerou-a uma seita do judaísmo. Eusébio, S. Jerônimo e outros Pais da Igreja pensam que eles eram cristãos. Fossem judeus, ou cristãos, o que é evidente é que, do mesmo modo que os essênios, eles representam o traço de união entre o Judaísmo e o Cristianismo. (A. KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Introdução, III – Notícias Históricas).

TERMOS ESPÍRITAS

Alma. O Espírito encarnado no corpo.

Atuar. 1. Dar atividade a; pôr em ato; desempenhar um papel; exercer ação; exercer influência. 2. No sentido espírita, significa exercer ação (o espírito) sobre (quem o recebe).

Assim: *Atuado, o homem passou a blasfemar violentamente.* Isto é, sobre influência espiritual, passou a blasfemar violentamente.

Ectoplasma. Palavra utilizada por CHARLES RICHTER para definir a substância fluídica que emana do corpo de certos médiuns nas experiências de efeitos físicos. Trata-se de uma espécie de plasma, flexível, viscoso, incolor e inodoro, sensível ao pensamento e à luz branca.

Ectoplasma. 1. Produção de ectoplasma e dos efeitos psicofísicos de seu uso. 2. Estudo da faculdade que certos médiuns possuem de produzir o ectoplasma. 3. Exteriorização de matéria ectoplasmática.

4. Fenômeno de corporificação de Espíritos desencarnados (raramente de encarnados), ou de outras formas vivas, e ainda de coisas e objetos, a partir do ectoplasma emanado de um médium. Nesse caso, diz-se também *materialização*.

Espíritos. Seres inteligentes da Criação, que povoam o Universo, fora do mundo material, e constituem o mundo invisível.

Espírito. Ser desencarnado, e *vivo* no plano espiritual. Também assim se pode expressar: - *Homem vivo* = homem encarnado. - *Homem morto* = homem desencarnado.

Fenômeno. Fato, aspecto ou ocorrência, que pode ser observado, ou, ainda, descrito e explicado cientificamente.

Fenômeno espírita. Fenômeno do Espiritismo, que ocorre na presença de um *sensitivo*, isto é, o indivíduo que possui faculdades extrassensoriais, podendo ser ou não médium.

Podem ocorrer dois tipos de fenômenos no campo de estudos do Espiritismo: o *anímico* e o *mediúnico*.

Fenômeno anímico é o produzido pelo Espírito (encarnado) do próprio sensitivo (não médium). Portanto, um fenômeno espírita não mediúnico, produzido por uma ação extracorpórea de um indivíduo vivo (= encarnado). Os mais comuns, conforme nomenclatura utilizada pela Parapsicologia, são a *clarividência* (visão sem olhos), a *telepatia* (linguagem da mente), a *pré-cognição* (visão do futuro), a *psicocinesia* (movimento de objetos).

Fenômeno mediúnico é o que ocorre no campo da mediunidade, ou seja, aquele produzido por um Espírito (desencarnado) por meio de um sensitivo (médium). São, por exemplo, os casos de *psicofonia* (comunicação oral feita por um desencarnado) e de *psicografia* (comunicação escrita feita por um desencarnado).

Incorporação. 1. Tomada do corpo do médium por um guia ou Espírito; descida, transe mediúnico. 2. Ação e efeito de o médium receber em si entidade espiritual.

Na doutrina espírita, dá-se preferência ao termo *psicofonia* (comunicação do espírito, através do médium, pela palavra falada), visto que o termo *incorporação* pode sugerir a falsa ideia de que o espírito comunicante penetra no corpo do médium, o que, em verdade, não ocorre.

Individualidade. É o ser, o Espírito, no qual está a memória integral.

Materializar. 1. Dar corpo e forma a criações do espírito. 2. Tornar visível e palpável as emanções dos fluidos mediúnicos nas sessões espíritas. [Silveira Bueno]. Vide *Ectoplasmia*.

Médium. Aquele que serve como intérprete ou intermediário entre o plano material e o espiritual.

Metapsíquica. Ciência que tem por objeto os fenômenos mecânicos ou psicológicos devidos a forças que parecem inteligentes ou a potências desconhecidas latentes na inteligência humana. (CHARLES RICHET)

Obsedar (do francês *obséder*). Que obseda; obsessivo; obsidiante. O mesmo que **obsidiar** ou **obsediar**.

Obsessor. (do latim *obsessorem*). 1. Que causa obsessão; que importuna. 2. Espírito que perturba, que persegue, que influencia mal, que obseda. 3. Espírito que causa obsessão.

Obsessão. (do latim *obsessionem*). Segundo Allan Kardec, é a influência ou o império persistente que Espíritos inferiores exercem em determinados indivíduos.

Ainda segundo Kardec, a **obsessão** apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do

organismo e das faculdades mentais. Nessa perspectiva, ela compreende quatro principais variedades:

- **Obsessão simples.** Influência de um espírito malfazejo que se imiscui no campo mental de uma pessoa e a importuna de várias maneiras: psicológica, física ou moralmente.

- **Obsessão física.** É aquela que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos.

- **Fascinação** (do latim *fascinationem*). Perturbação mais grave do que as anteriores, que se constitui de uma ilusão produzida pela ação direta de um Espírito sobre o pensamento de um indivíduo e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio.

- **Subjugação.** (do latim *subjugationem*). Constrição exercida por Espírito (ou Espíritos) inferior, a qual paralisa a vontade de um indivíduo e o leva a cometer atos irrefletidos ou aberrantes. Pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o indivíduo, pensando estar agindo com sensatez, é levado a tomar resoluções absurdas ou comprometedoras. No segundo, atuando sobre a mente do indivíduo, o Espírito provoca no indivíduo movimentos involuntários, muitas vezes ridículos.

Paranormal. (1) Que está fora dos limites da experiência normal ou dos fenômenos explicáveis cientificamente. (DICIONÁRIO AURÉLIO).

Paranormal. (2) Aquilo que se encontra além do que acontece ordinariamente (FREDERIC MYERS). Para esse autor, que cunhou a palavra, não é aquele que vai além das leis naturais, mas o que se manifesta segundo leis naturais superiores, ainda não integralmente conhecidas do homem.

Parapsicologia. Ciência que estuda experimentalmente os fenômenos ditos paranormais, ou fenômenos **psi**: *movimentação de objetos por força não física, dissociação da personalidade, comunicação telepática, visão a distância, visão do futuro, comunicação com o espírito dos mortos, etc.*

Passe. Transfusão de energia psíquica através das mãos. Num *passé espírita*, o magnetismo do *passista* (indivíduo que aplica o passe) é suplementado e aumentado pela ação dos Espíritos. Num *passé espiritual*, os Espíritos podem atuar diretamente e sem intermediário sobre um encarnado.

Perispírito. Envoltório semimaterial do Espírito, que sobrevive à morte e o acompanha no mundo espiritual. Também assim se pode expressar:

- *Nossas almas têm corpos* (corpo espiritual, ou perispírito)
- *Nossos corpos têm alma* (espírito encarnado)

Personalidade. É o ser numa etapa encarnatória, na qual possui somente memória parcial de suas vidas sucessivas como Espírito imortal.

Perturbação espiritual. 1. Influência obsessiva de um Espírito sobre determinado indivíduo. 2. Estado de turbção que se segue à morte, análogo ao que se experimenta ao acordar, necessário para que o Espírito retome o conhecimento de si mesmo. A duração desse estado pode ser de horas, dias, meses ou até mesmo anos, dependendo do gênero de morte e do grau de evolução de cada Espírito.

Reencarnação. 1. Volta do Espírito à vida corpórea, em um novo corpo especialmente formado para ele. É progressiva ou estacionária, nunca é retrógrada.

Sensitivo. Pessoa dotada de faculdades extrassensoriais, que pode ser instrumento de fenômenos espíritas. Um sensitivo pode produzir fenômenos anímicos, e, se for também médium, fenômenos mediúnicos. Assim, todo médium é sensitivo, mas nem todo sensitivo é médium.

Transe. Estado de baixa tensão psíquica, em que ocorre a passagem para outro estado de consciência.

Transporte. Faculdade de efeito físico que permite aos Espíritos transportarem objetos de um lugar para outro.

LITERATURA INSPIRADORA

LIVROS QUE TRATAM DE TEMAS VISTOS N'OS CURADORES DO SENHOR:

As curas paranormais – como se processam. George W. Meek. São Paulo : Pensamento, 1989.

A Força Desconhecida – [Um pesquisador inglês examina os fenômenos paranormais no Brasil]. Guy Playfair. São Paulo : Record, 1975.

Ciência Espírita e suas implicações terapêuticas. J. Herculano Pires. São Paulo : Paideia, 1979.

Medicina Espírita. In J. Herculano Pires. *Mediunidade* (Vida e Comunicação). São Paulo : Edicel, 1979.

A Cura Divina. In J. Herculano Pires. *Agonia das religiões*. São Paulo : Paideia, 1984.

Terapêutica Espírita. Geziel Andrade. Capivari, SP : EME editora, 2001.

Medicina Oficial e Práticas Espirituais de Cura. Adhemar Ramires. Brasília : LEDE, 1996.

Saúde e Espiritualidade. Uma nova visão da Medicina. Mauro Ivan Salgado; Gilson Freire [Org.]. Belo Horizonte : INEDE, 2008.

Medicina do Além. Ismael Alonso y Alonso (e outros). [Psicofonia de João Berbel]. Franca, SP : Editora Farol das Três Colinas, 1998.

Curas e autocuras. Uma visão médico-espírita. Andrei Moreira. Belo Horizonte : AME Editora, 2013.

Vida mais vida – Psicologia e Espiritualidade. Neylor J. Tonin. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2004.

Cuidar do Ser. Filon e os Terapeutas de Alexandria. Jean-Yves Leloup. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 1996.

A dimensão terapêutica e a dimensão espiritual do Bibliodrama. In Anete Roese. *Bibliodrama – A arte de interpretar textos sagrados*. São Leopoldo, RS : Sinodal, 2007.

Cosmoterapia. A cura dos males humanos pela consciência cósmica. Huberto Rohden. São Paulo : Martin Claret, 3ª. edição, s/d.

Viver agora. Joel S. Goldsmith. São Paulo : Ibrasa, 2ª. edição, 1987.

A Pátria dos Curadores. Uma história da Medicina e da Cura Espiritual no Brasil. São Paulo : Pensamento, 2012.

Os milagres dos nossos dias. Jean Hillaire, o médium que assombrou Kardec e sua época. São Paulo : Madras, 2003.

Operações espirituais (Trabalhos *post-mortem* do Padre Zabeu). Urbano Pereira. Araras, SP : Ide, 1974.

- A eterna busca da cura.** Cleide M. Canhadas. Catanduva, SP : Boa Nova, 2001.
- O trabalho dos mortos.** Nogueira de Faria. Rio de Janeiro : FEB, 1990.
- O trabalho dos mortos e a tolice dos vivos.** Nazareno Tourinho. São Paulo : FEESP, 1993.
- Arigó, um caso de fenomenologia paranormal.** J. Herculano Pires. São Paulo : F. Alves, 1963.
- Arigó: vida, mediunidade e martírio.** J. Herculano Pires. Capivari, SP : EME editora, 1998.
- Arigó: o cirurgião da faca enferrujada.** John G. Fuller. Seleções do Readers Digest [Cond.]. Março de 1975.
- Eurípedes Barsanulfo, O Apóstolo da Caridade.** Jorge Rizzini. São Bernardo do Campo, SP : Ed. Correio Fraternal do ABC, 1979.
- A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo.** Allan Kardec. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro : FEB, 2009.
- O Livro dos Médiuns.** Allan Kardec. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro : FEB, 2011.
- O Evangelho segundo o Espiritismo.** Allan Kardec. Trad. J. Herculano Pires. São Paulo : Edicel, 1981.
- Considerações sobre a propagação da mediunidade curadora.** In Allan Kardec. *Revista Espírita, novembro de 1866*. Rio de Janeiro : FEB, 1998.
- Os médicos-médiuns.** In Allan Kardec. *Revista Espírita, outubro de 1867*. Rio de Janeiro : FEB, 1998.
- A lei e os médiuns curadores.** In Allan Kardec. *Revista Espírita, julho de 1867*. Rio de Janeiro : FEB, 1998.
- A oração curativa.** [nº 36]. In Padre Eustáquio/ F. C. Xavier. *Instruções psicofônicas*. [Psicofonia]. Rio de Janeiro : FEB, 1988.
- Materialização.** [Cap. 10]. In André Luiz/ F. C. Xavier. *Missionários da Luz*. [Psicografia]. Rio de Janeiro : FEB, 1979.
- Efeitos Físicos** [Cap. 28]. In André Luiz/ F. C. Xavier. *Nos domínios da mediunidade*. [Psicografia]. Rio de Janeiro : FEB, 1998.
- Mediunidade curativa.** [Cap. XXII]. In André Luiz/F. C. Xavier. *Mecanismos da Mediunidade*. [Psicografia]. Rio de Janeiro ; FEB, 1973.
- Predisposições mórbidas** [Cap. XIX, 2ª. parte]; **Invasão microbiana** [Cap. XX, 2ª. parte]. In André Luiz/F. C. Xavier/W. Vieira. *Evolução em dois mundos*. [Psicografia]. Rio de Janeiro ; FEB, 1979.
- Ave, Cristo!** Emmanuel/F. C. Xavier [Psicografia]. Rio de Janeiro : FEB, 1991.
- Povos primitivos e manifestações supranormais.** Ernesto Bozzano. São Paulo : Editora Fé, 1997.

Médiuns e magos entre os selvagens, os rústicos e os povos antigos. In César Lombroso. *Hipnotismo e Espiritismo*. São Paulo : Lake, 1976.

As operações espirituais. In Ary Lex. *Boletim Médico-Espírita – AME, SP*, Ano II, nº 3, dezembro/1975.

Curas Paranormais. In Alberto Lyra. *A magia e o diabo no Século XX*. São Paulo : IBRASA, 1983.

Teleplastia. Ectoplasma. Materializações. In Alberto Lyra. *Parapsicologia e Inconsciente Coletivo*. São Paulo : Pensamento, s/d.

Materializações (Cap. XV) e Materializações de Espíritos no Brasil (Cap. XVI). In Pedro Granja. *Afinal, quem somos?* São Paulo : Edicel, 1981.

A Cura do Homem Total (Corpo, Mente, Espírito). William Standish Reed. Rio de Janeiro : Edições Louva-a-Deus, 4ª. edição, 1993.

Resumo Biográfico de Padre Vítor. In Francisco de Paula Vítor/Raul Teixeira. *Vida e mensagem*. [Psicografia]. Niterói, RJ : Fráter, 1993.

Os profetas. João de Jesus Moutinho. Brasília, DF : Gráfika, 2008.

Jesus: um curandeiro em um mundo de curandeiros – Parte 1. Giuseppe Barbaglio. In Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura, Ano II, n. 10.

A Sabedoria do Evangelho. Carlos Tôrres Pastorino. Brasília, DF : Sabedoria, 1967 – 5º. Vol.

A mediunidade na Bíblia. Henrique N. Gimênez. São Paulo : FEESP, 1996.

O Evangelho da Mediunidade. Eliseu Rigonatti. São Paulo : Lake, 1975.

A Bíblia não proíbe a mediunidade. Hermínio C. Miranda. Revista *Reformador* – FEB – maio/1972.

O “Livro dos Médiuns” de Paulo, Apóstolo. Hermínio C. Miranda. Revista *Reformador* – FEB – fevereiro/1974.

Um novo gênero literário. In J. Herculano Pires. *O túnel das almas*. São Paulo : Paidéia, s/d.

O romance paranormal. In J. Herculano Pires. *Metrô para o outro mundo*. [Ficção Científica Paranormal]. São Paulo : Edicel, 1981.

Ficção Científica Paranormal. In J. Herculano Pires. *O menino e o anjo*. São Paulo : Paidéia, s/d.

Bíblia de Referência Thompson. Editora Vida, 1995.

A transcomunicação através dos tempos. Hernani Guimarães Andrade, São Paulo : FE, 1997.

O cirurgião de guerra. In Noah Gordon. *O físico, a epopeia de um médico medieval*. Rio de Janeiro : Rocco, 1998.

Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às ações cotidianas. Renata Senna Garraffoni. São Paulo : Annablume/FAPESP, 2005.

Os Curadores do Senhor

Meu mundo é uma farmácia. J. de Figueiredo Filho. Fortaleza – Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1996.

LINKS QUE TRATAM DE TEMAS VISTOS N'OS CURADORES DO SENHOR:

- *Fotos extraídas do livro O trabalho dos mortos, de Nogueira de Faria*
[http://bvspirita.com/O%20Trabalho%20dos%20Mortos%20-%20Livro%20do%20Jo%C3%A3o%20\(Nogueira%20de%20Faria\).pdf](http://bvspirita.com/O%20Trabalho%20dos%20Mortos%20-%20Livro%20do%20Jo%C3%A3o%20(Nogueira%20de%20Faria).pdf)
- *Reportagem da Istoé sobre trabalhos de cura no Lar de Frei Luiz, RJ*
http://www.istoe.com.br/reportagens/37206_INTERVENCAO+DO+MUNDO+DOS+MORTOS
- *Raul Teixeira fala sobre receituários homeopáticos e cirurgia espiritual nas casas espíritas*
<http://www.oconsolador.com.br/ano3/112/raulteixeiraresponde.html>
- *Marlene Nobre, da Associação Médico-Espírita do Brasil – AME, fala sobre tratamentos espirituais nas casas espíritas*
<http://www.amebrasil.org.br/2011/node/43?q=node/218>
- *Cirurgia Espiritual – Reportagem da Folha de S. Paulo, 02/10/2011*
<HTTP://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/FSP/COTIDIAN/FF0210201108.HTM>

Os Curadores do Senhor

OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE A *AGUINHAS* ANTIGA ⁸⁴



Aguihas: *Parada Melo* e fundos do *Hotel Imperial*



Aguihas: *Hotel Imperial*



Aguihas: *Cassino* e ao fundo a *Serra das Águas* e o *Hotel Imperial* (1950)

⁸⁴ Nota do Editor: *Aguihas* é o nome ficcional da cidade de Lambari (MG), que o autor adotou nesta novela.

AUTOR

E-BOOK - Capa do livro: montagem do autor

FICHA CATALOGRÁFICA

Os Curadores do Senhor / Antônio Carlos Guimarães; revisão de Astolfo Olegário Oliveira Filho. -- Londrina, PR : EVOC, 2019.
210 p. : il.

1. Literatura espírita. 2. Espiritismo. I. Oliveira Filho, Astolfo Olegário. II. Doré, Gustave. III. Título



AUTOR: ANTÔNIO CARLOS GUIMARÃES É EXPOSITOR E AUTOR DE LIVROS ESPÍRITAS.

AUTOR DE TEXTOS DE ADMINISTRAÇÃO E COMUNICAÇÃO, PROFESSOR DE CONTABILIDADE, LEGISLAÇÃO FISCAL E ADMINISTRAÇÃO TRIBUTÁRIA E AUDITOR-FISCAL (APOSENTADO).

- SEU PERFIL ESTÁ AQUI: <https://goo.gl/S1otnz>
- SEUS LIVROS, QUE ASSINOU COM O PSEUDÔNIMO DE **ANTÔNIO LOBO GUIMARÃES**, PODEM SER VISTOS AQUI: <https://goo.gl/ivS8zR> e <https://goo.gl/wTkGEC>
- SEU SITE ESPÍRITA É: <http://aprendizadoespirita.net>
- SEU SITE PESSOAL É: <http://guimaguinhas.prosaeverso.net>
- CONTATOS: guimalam@hotmail.com

LEITURA E IMPRESSÃO

Recomenda-se a leitura on-line deste texto e a impressão somente do estritamente necessário.

Se for imprimir, use o modo *múltiplo* ou *livreto* (2 páginas por folha, frente e verso), que, em face da diagramação adotada, obterá um texto de boa visualização/leitura.

Se houver ANEXOS (mapas mentais, diagramas), imprima-os separadamente em formato normal (1 página por folha, deixando o verso em branco)

NOTA: A 1ª. e única edição em formato livro de OS CURADORES DO SENHOR foi publicada em 2013, à conta de autor, que a assinou com o pseudônimo de ANTÔNIO LOBO GUIMARÃES.

Esta edição, a primeira em formato e-book, é lançada pela **Editora Virtual O Consolador (EVOC)** e vai assinada por ANTÔNIO CARLOS GUIMARÃES, nome civil do autor.

UMA HISTÓRIA DE AMOR E RESGATE ESPIRITUAL

Um médico e professor – movido pela intuição e o fascínio por uma mulher por quem se enamorou em sonhos – deixa a cidade de São Paulo em direção ao interior de Minas Gerais para pesquisar notáveis fenômenos de cura produzidos por uma médium desconhecida, e lá descobre suas ligações passadas e seus compromissos cármicos com a sensitiva e os trabalhos espirituais. Esse é o fio condutor desta *novela paranormal*, de final surpreendente, que narra, em meio a uma história de amor de outras vidas, as dificuldades e os escolhos do exercício da mediunidade de cura no Brasil dos anos 1960.

Numa visão doutrinária espírita, mostra como, muitas vezes, os médiuns de cura, atuando sem orientação, sem apoio, sem defesa mental ou espiritual, assediados por encarnados interesseiros e espíritos perturbados, sujeitam-se a todos os riscos: inquéritos penais, depauperamento mediúnico, perversão da faculdade, processos obsessivos.

A história dá-se em *Aguinhas*, nome fictício que vela a cidade de *Lambari*, no Sul de Minas Gerais, onde o autor fez passar sua história.